HOMEM DE FERRO 2 e a criação do Universo Marvel

SET

CINEMA ✪ ENTRETENIMENTO ✪ TECNOLOGIA

aver editora

ACESSO TOTAL

RUSSELL CROWE
e a reinvenção de

Robin Hood

+ Visitamos as filmagens do épico
+ Entrevistas exclusivas com diretor e elenco

FÚRIA DE TITÃS deuses e monstros em três dimensões

JAMES CAMERON
Ele agora quer salvar o Brasil

KEVIN SMITH
"Nunca soube fazer filmes"

+ MATT DAMON + ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

www.setonline.com.br
ISSN 0104-1592
Maio 2010 - Ed. 269 - Ano 22 - R$ 9,90

Um belo dia você resolve mudar. E fazer tudo o que queria fazer. Começa com a viagem dos seus sonhos. No primeiro dia, você e seus novos amigos saem para passear. De tarde, conhecer a cidade. À noite, um bailinho, porque ninguém é de ferro. Amanhece, o sol brilha, a vida ainda mais. Você lembra dos amigos que ficaram em casa e não puderam vir. Dá vontade de cantar: "Agora só falta você". Só falta você aproveitar as vantagens do Viaja Mais Melhor Idade.

Pacotes especiais para a melhor idade.
E 50% de desconto nos hotéis cadastrados.

MUDE SUA ROTINA. O PRAZER DE VIAJAR NÃO TEM IDADE.

ViajaMais
MELHOR IDADE

Quem tem mais de 60 anos tem também mais vantagens na hora de viajar.

Para saber mais,
ligue **0800 770 7202**
ou procure uma agência de viagens.
www.viajamais.com.br

Ministério do Turismo

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

NESTA EDIÇÃO

Maio

PARAMOUNT

32

MULHER FATAL: Scarlett Johansson prepara-se para deixar muita gente sem fôlego como a Viúva Negra

22 A LENDA RENASCE
Dez anos depois de *Gladiador*, Russell Crowe e Ridley Scott se reúnem em mais um épico, uma ambiciosa revisão da história de ROBIN HOOD.

32 SYSTEM UPGRADE
Depois do sucesso da aventura anterior, a Marvel ambiciona vôos mais altos e começa a construir seu universo no cinema com HOMEM DE FERRO 2

38 DEUSES E MONSTROS
Sam Worthington, astro de *Avatar*, é o heroico Perseu na refilmagem de FÚRIA DE TITÃS, que aposta na conversão para o formato 3D como peça de marketing

44 A GUERRA INVISÍVEL
Hollywood volta ao Iraque, desta vez guiada pelo diretor Paul Greengrass e por Matt Damon, que repetem neste ZONA VERDE a parceria dos dois *Bourne*

48 O MONSTRO DE 2 CABEÇAS
ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS marca a sétima parceria de Johnny Depp e Tim Burton, lembrada numa maratona que vai do sublime ao bizarro

56 SET ENTREVISTA KEVIN SMITH
O diretor-símbolo da platéia *indie* fala sobre carreira, filmes e sua primeira produção para um grande estúdio, a comédia policial TIRAS EM APUROS

SEÇÕES

6 EDITORIAL **8** TAKES **62** CINEMA **70** DVD & BLU-RAY **78** TV PAGA **80** LIVROS & HQs **81** PRÓXIMAS ATRAÇÕES **82** HQ HUMOR

NA CAPA: *Homem de Ferro 2* (Paramount); *Robin Hood* (Universal); *Fúria de Titãs* (Warner).

Bariloche com a CVC

O melhor destino para suas férias.

A maior e mais completa infraestrutura de atendimento ao turista espera por você em Bariloche. Equipe especializada e exclusiva com mais de 180 pessoas entre guias, motoristas e coordenadores para atender nossos clientes, frota própria com veículos modernos e adaptados para traslados e passeios, loja de atendimento e apoio no aeroporto e ponto de apoio no Cerro Catedral. Tudo para dar um show de qualidade e atendimento durante a temporada de inverno. Somente a CVC, a maior operadora de turismo da América Latina e com 38 anos de experiência, pode lhe oferecer tanto conforto e segurança na sua viagem.

Saídas das principais cidades do Brasil em voos exclusivos CVC.

8 dias com o melhor e mais completo roteiro. Confira:

Incluídos nos preços: passagem aérea de ida e volta, transporte aeroporto/hotel/aeroporto, 7 noites de hospedagem em hotel de categoria turística com café da manhã, aluguel de roupa especial para neve por 6 dias, passeio ao Circuito Chico com ingresso ao teleférico do Cerro Campanário, passeio ao ponto panorâmico, passeio ao Cerro Catedral (sem ingresso aos meios de elevação), 1 revista turística por família com fotos panorâmicas de Bariloche e do Parque Nahuel Huapi, 1 ingresso ao Cassino de Bariloche com 1 taça de champanhe de boas vindas, 1 guia de bolso com informações importantes de Bariloche, visita à fábrica de chocolates e seguro-viagem.

Saídas de São Paulo
26 e 27/junho, 3, 4, 10, 11, 17, 18, 24, 25 e 31/julho e 1º, 7 e 8/agosto.
8x sem juros e sem entrada ..... R$ 320,00
À vista R$ 2.560, base US$ 1.348, preço para saída 26/junho no hotel Villa Sofia.

Saídas de Belo Horizonte
26/junho, 3, 10, 17, 24 e 31/julho e 7/agosto.
8x sem juros e sem entrada ..... R$ 263,00
À vista R$ 2.105, base US$ 1.108, preço para saída 26/junho no hotel Antartida.

Saídas de Porto Alegre
26/junho, 3, 10, 17, 24 e 31/julho e 7 e 14/agosto.
8x sem juros e sem entrada ..... R$ 270,00
À vista R$ 2.160, base US$ 1.138, preço para saída 26/junho no hotel Villa Sofia.

Saídas de Cuiabá e Campo Grande
3, 10, 17 e 24/julho.
8x sem juros e sem entrada ..... R$ 332,00
À vista R$ 2.656, base US$ 1,398, preço para saída 3/julho no hotel Villa Sofia.

Saídas do Rio de Janeiro
26/junho, 3, 10, 17, 24 e 31/julho e 7/agosto.
8x sem juros e sem entrada ..... R$ 327,00
À vista R$ 2.616, base US$ 1.378, preço para saída 26/junho no hotel Apartur.

Saídas de Brasília
26/junho, 3, 10, 17, 24 e 31/julho e 7/agosto.
8x sem juros e sem entrada ..... R$ 341,00
À vista R$ 2.728, base US$ 1,438, preço para saída 26/junho no hotel Villa Sofia.

Saídas de Fortaleza e Recife
3, 10, 17 e 24/julho.
8x sem juros e sem entrada ..... R$ 462,00
À vista R$ 3.701, base US$ 1.948, preço para saída 3/julho no hotel Villa Sofia.

Consulte outras opções de hospedagem. São mais de 15 opções de hotéis para sua escolha.

Consulte preços promocionais para embarques em outros estados.

Acesse: www.agentescvc.com.br ou cvc.com.br

Prezado cliente: os preços publicados são por pessoa em apartamento duplo, válidos para embarques nas cidades mencionadas em cada oferta. Oferta de lugares limitada a disponibilidade de cada hotel e reservas sujeitas a confirmação. Taxas de embarque, segurança e combustível cobradas pelos aeroportos e companhias aéreas não estão incluídas. Preços válidos para compras até um dia após esta publicação. Consulte tarifas promocionais para embarques em outras cidades. Preços calculados com base no câmbio do dia 25/3/2010 US$ 1,00 = R$ 1,90, estando, portanto, sujeitos a variações e serão recalculados no dia da compra. Crédito sujeito a aprovação. Fotos ilustrativas.

CVC

Sonhe com o mundo.
A gente leva você.

Editorial

Não existe coincidência. Dez anos atrás, Russell Crowe estampou sua primeira capa de SET em *Gladiador*, de Ridley Scott. Agora a dupla está de volta, mais uma vez dando cara nova a uma história clássica: *Robin Hood*. O colaborador Martyn Palmer, apreciador de futebol e chapa de longa data, teve acesso irrestrito às filmagens e conta como foi a construção do novo filme. SET também esmiuça os bastidores de *Homem de Ferro 2*, que consolida o plano ambicioso da Marvel em levar seus personagens para o cinema. O cineasta Kevin Smith conversa conosco sobre seu primeiro filme para um estúdio, *Tiras em Apuros*. O futuro da experiência numa sala escura também é explorado tanto em *Fúria de Titãs* quanto em *Alice no País das Maravilhas*, ambos convertidos para o formato 3D em pós-produção – visões diferentes em abordagens diferentes aqui na redação. Por falar em redação, Christian Petermann, veterano de SET, está de volta para ralar na confecção da maior revista sobre cinema do Brasil. No momento em que a gente se prepara para o futuro (mês que vem a revista completa 23 anos), nada como tirar o pé do freio e olhar para trás, satisfeitos em contribuir para a evolução da arte cinematográfica no país. Você também faz parte dessa jornada – brigando, criticando, sugerindo! Estamos prestando atenção. Afinal, não existe coincidência.

Roberto Sadovski

Editor-Chefe

MARIZA MENON

No ar, no mar... no trânsito caótico de São Paulo!: o intrépido editor-chefe não tira folga para produzir a SET – quem adivinhar que matéria ele está escrevendo ganha um doce...

Afogando em números

4 horas de sono foi a média da redação na semana de fechamento

2 viagens para Nova York em dez dias foram encaradas por Sadovski

1 delas ao lado de Rodrigo Salem, que não perdia a chance de reclamar da nevasca

0 elogios partiram do colunista André Moraes, ao telefone, depois de sua única sessão de *Avatar*

SET

PUBLISHER
Cláudio Magnavita

Diretor Editorial Rodrigo Figueiredo

REDAÇÃO
Editor-Chefe Roberto Sadovski
Editor Christian Petermann

ARTE
Editor de Arte Fabiano Spadari
Designer Keyla Casarin
Tratamento de Imagens Daniel Freire

FOTOGRAFIA
Pesquisa de Imagens Marilene Bucci

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Texto Alfredo Sternheim, André Moraes, Edu Fernandes, Dulce Damasceno de Brito (*in memoriam*), Martyn Palmer, Rodrigo Salem, Sérgio Rizzo, Steven Weintraub
Arte Vendo Editorial
Ilustração Yuri Moraes, Fábrica de Quadrinhos

aver editora
www.avereditora.com.br

PRESIDENTE
Cláudio Magnavita

Vice-Presidentes
Hélcio Estrella, Anderson Espinosa

CIRCULAÇÃO E OPERAÇÕES
Wagner Pinheiro

ASSISTENTE DE DIRETORIA
Jorge Aquino

REDAÇÃO E ESCRITÓRIO
São Paulo: Rua da Consolação, 1992, 10º andar, CEP 01302-000, Fone/fax (11) 3257-0577

REDAÇÕES E ESCRITÓRIOS REGIONAIS
Rio de Janeiro - Fone/fax (21) 2509-1675
Brasília - Fone/fax (61) 3327-1449
Porto Alegre - Fones (51) 3231-3745 e 3061-3483
Florianópolis - Fones (48) 3024-3571/3575

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3257-0577.
De segunda a sexta-feira, das 9 às 18h.
assinanteset@avereditora.com.br

SET é uma publicação da Aver Editora.
Distribuição: Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações.

Férias de Julho na Disney

Orlando Reino da Magia

12 noites.....**10x R$ 631,30**

Disney's All Star Resorts - Guia acompanhante desde o Brasil, passagem aérea em voo exclusivo CVC, traslados, 11 noites de hospedagem dentro do complexo Walt Disney World Resort, em Orlando e 1 em Miami com café da manhã em apto. quádruplo, traslados e ingressos para os principais parques: Magic Kingdom, Epcot, Disney´s Hollywood Studios, Animal Kingdom, Typhoon Lagoon, Blizzard Beach, Universal Studios*, Islands of Adventure* e Sea World*, tour de compras em Orlando, 1 jantar no Planet Hollywood, serviço de tesouraria para menores desacompanhados, Kit CVC (2 camisetas, boné e pochete) e seguro-viagem.

À vista R$ 6.313, Base US$ 3.288, preço para saídas 5, 8, 10 e 15/julho.

Consulte opção de classe executiva e hospedagem no Disney's Coronado Springs Resort.

Acesse: www.agentescvc.com.br ou cvc.com.br

Confie nos 37 anos da maior operadora de turismo das Américas.

Prezado cliente: preço por pessoa, com hospedagem em apartamento quádruplo, saindo de São Paulo. Base US$ 3.288, Preços válidos para saídas 5, 8, 10 e 15/julho. Preços calculados com base no câmbio do dia 29/1/2010: US$ 1,00 = R$ 1,92. O preço está sujeito a variações e será recalculado na data da compra. Não inclui taxas de embarque. Preços válidos para compras realizadas até um dia após esta publicação. Oferta de lugares limitada e reservas sujeitas a confirmação. Crédito sujeito a aprovação. Fotos ilustrativas.

CVC

Sonhe com o mundo.
A gente leva você.

Thiago Lacerda dá uma de galã de ação em filme que recebeu apoio logístico do Exército Brasileiro

Amazônia em chamas!

Com terrorismo no pano de fundo, o cineasta Roberto Carminati mostra em *Segurança Nacional* um herói brasileiro típico de filme de ação na pele de Thiago Lacerda

POR EDU FERNANDES

Terroristas ameaçam a floresta amazônica com uma arma nuclear – caso suas exigências não sejam cumpridas, bye bye "pulmão do mundo". "Não negociamos com terroristas", esbraveja o presidente do Brasil – que, como logo percebemos, possui todos os dígitos. Nessa corrida contra o relógio, somente um homem pode nos salvar – e seu sobrenome não é Bond ou Bauer: no caso, é Carminati, ou Roberto Carminati, que coloca nos cinemas um projeto ambicioso que pretende mostrar que por aqui é possível, sim, criar um filme de ação nos moldes das produções ianques. O nome é *Segurança Nacional*.

"Sempre tive vontade de assistir a filmes com heróis brasileiros", conta Carminati em entrevista a SET. Para viver esse herói, Thiago Lacerda foi a única opção do diretor: "Escrevi o filme já pensando nele". Para rodar uma aventura assim, principalmente em um país com pouca (leia-se "nenhuma") tradição no gênero, o apoio do Exército Brasileiro foi fundamental – é dele a logística de barcos e caças e também uma mãozinha na produção em plena selva. Não que seja estranho: nos Estados Unidos, as forças armadas possuem inclusive oficiais cuja função é fazer a ponte com Hollywood para, por exemplo, ajudar Michael Bay a explodir coisas no deserto. Mas custa para as imagens e o tom da empreitada parecerem familiares – desde que as filmagens foram anunciadas há dois anos até o teaser que surgiu na Internet, a noção de um filme de ação tupiniquim soa alienígena.

Alguns especialistas em cinema brasileiro defendem que a Retomada iniciada na década de 1990 com *Carlota Joaquina* já acabou – desde *Cidade de Deus* (2002) vivemos outra fase da produção audiovisual. Prova disso está no estabelecimento pelo circuito de datas-chave para lançamento de candidatos nacionais a blockbuster pelo menos duas vezes ao ano – de preferência se esquivando da estréia dos arrasa-quarteirões

Os roteiristas de Predadores estão agora debruçados no texto do novo M que pretende levar HE-MAN de volta ao cinema (mas sem Dolph Lundgre

Inveja de Obama: a ficção criou para Milton Gonçalves o papel de primeiro presidente brasileiro afro-descendente

gringos. Outro sintoma desse período frutífero para os cineastas brasileiros está justamente na abertura para novos gêneros. Depois de muitos títulos em que os tiroteios apenas amarravam uma história de crítica social, como em *Tropa de Elite* e *Salve Geral*, talvez o momento para um filme como *Segurança Nacional* seja agora.

É o que acredita Thiago Lacerda, que embarcou no trabalho por uma vontade peculiar. "Sou fã de filmes de ação e de policiais", entrega. "Dizem que o Brasil não sabe fazer filme de ação, só os EUA, e este tipo de discurso me incomoda. Topei fazer de cara." Mesmo assim, Lacerda percebe que ainda há muito a desenvolver para que a qualidade da produção nacional chegue a níveis mais altos: "Se o Roberto tivesse um roteiro com uma estrutura narrativa mais forte, a coisa seria diferente".

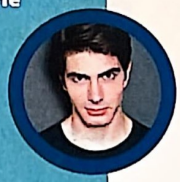
No outro lado da balança – e com dez dedos comprovados nas mãos – está Milton Gonçalves, interpretando o Presidente da República. Para o diretor, a escolha do primeiro negro a ocupar o Palácio do Planalto é muito simples: "O Milton é um dos mais talentosos atores de todos os tempos no Brasil." Mesmo com toda sua experiência, Gonçalves sentiu o peso do papel. "Quando o Roberto me apresentou no set de filmagens como Presidente da República, eu senti a responsabilidade e pensei na possibilidade que o cargo oferece para resolver questões fundamentais para o país", pondera. Em *Segurança Nacional*, é fácil dizer que enfrentar a aniquilação nuclear da floresta amazônica define melhor "questões fundamentais" do que se esquivar, digamos, do escândalo do mensalão. Quem disse que a fantasia é moleza?

DIVULGAÇÃO

sters of the Universe,

+

- **O Superman que não deu certo, Brandon Routh, vai para a telinha: ele está no piloto de *The Walking Dead*, série sobre zumbis supervisionada por Frank Darabont.**



- **Enquanto não dirige seu filme sobre a vida do Cristo, o holandês Paul Verhoeven (*RoboCop*) investiga o Filho do Homem no papel. Ele acabou de lançar *Jesus of Nazareth*, livro que reacende polêmicas, mostrando Jesus como um revolucionário que passou a vida em fuga. Ainda é incerto se ele adaptará seu próprio livro para o cinema.**

- **Depois de *Os Fantasmas de Scrooge*, Robert Zemeckis continua a parceria com a Disney no projeto *Dark Life*, um épico juvenil de ficção científica sobre uma civilização subaquática no futuro da Terra – mas não é certo se será mais uma animação com captura de movimentos ou a volta de Zemeckis ao cinema live action.**

FOTOS DIVULGAÇÃO

Laís Bodanzky

WARNER

Consagrada junto ao espectador jovem por sua premiada produção de estreia no longa-metragem, *Bicho de Sete Cabeças* (2001), a cineasta Laís Bodanzky volta a mirar o adolescente em sua mais nova realização, *As Melhores Coisas do Mundo*. Para armar o roteiro, Luiz Bolognesi, parceiro de Laís em todas as empreitadas, partiu de situações descritas na série de livros "Mano", de Gilberto Dimenstein e Heloísa Prieto, e de vários relatos reais colhidos junto a estudantes de escolas privadas de São Paulo, que é o principal cenário e recorte social da trama. As dúvidas e inseguranças de jovens em tempos de blog e internet amarram as aventuras e desventuras do protagonista Mano (o estreante Francisco Miguez) e de seu irmão (interpretado por Fiuk, filho de Fábio Jr., protagonista de Malhação ID e líder da banda Hori). SET conversou com Laís Bodanzky:

Qual o teu interesse no universo adolescente, marcado por colégio, namoros, internet e dúvidas?
Bom, além de diretora de cinema, sou também mãe e tenho filhos adolescentes. Eu presencio em casa muitas situações que acabei expondo no filme. É um público-alvo que sempre me interessou, que vai muito ao cinema e que no futuro tomará as grandes decisões. Junto com Bolognesi, quis jogar luz em temas importantes para essa juventude de hoje.

Quais os temas que você destacaria no roteiro?
Com a pluralidade de personagens, tive a oportunidade de apresentar vários assuntos, como a perda da virgindade, a relação entre pais e filhos/professores e alunos, a invasão de privacidade gerada pela internet e o preconceito. Uma das tramas gira em torno de um personagem homossexual e com isso expusemos como muitos jovens insistem numa idéia preconcebida de mundo. Os jovens se dizem liberais, moderninhos, mas deu pra perceber que muitas vezes é puro oba-oba. Acho importante colocar isso na roda.

Você se inspirou em algum filme jovem ou usou alguma referência do cinema?
Eu não me pautei em nenhum outro filme. Sempre quis atingir um clima bem pop, por isso até me vem à mente o filme *Trainspotting*, por causa do pique das pessoas sempre correndo. Mas no caso esta é a única referência, o meu filme não tem nada de pesado, os jovens com quem conversamos até pediram pra não carregar no tema 'drogas'. Mas se eu for falar em filmes jovens que admiro, além do que já citei, eu diria o musical *Fama* (o primeiro, de 1980, de Alan Parker) e o *Kids* (de Larry Clark).

E como foi apostar num ator estreante como protagonista?
O Francisco Miguez foi escolhido depois de testes com dezenas de candidatos e correspondeu à altura. Sua inexperiência como ator até injetou mais verdade ao personagem, já que ele muito colaborou com gestos e gírias que só acrescentaram ao Mano. E olha que ele carrega o filme nas costas, pois quase não há cenas sem sua presença!

Você não está preocupada em o filme soar muito paulistano e com isso afugentar o público em outras cidades?
Nem um pouco! Em primeiro lugar, o filme trata de questões universais, os medos e as inseguranças do adolescente se repetem tempo afora, em qualquer lugar. Além disso, lembro que a primeira exibição pública do filme foi para centenas de alunos de escolas públicas do Rio de Janeiro e todos vibraram, riram e torceram muito com as histórias. Houve até um aluno que perguntou em que cidade o filme se passa! Ou seja, acredito que não haja motivos para bairrismos.

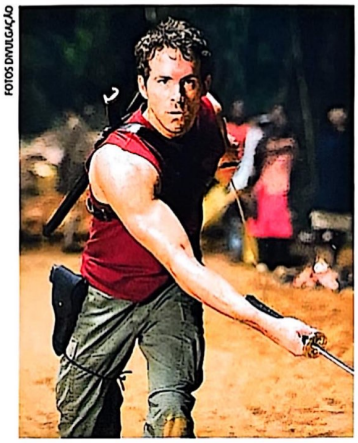
E a música, como em todos os teus filmes, exerce um papel importante também aqui. Por quê?
Bom, um filme jovem sobre e para jovens (mas não só para jovens, claro!!!) precisa ter música, pois esta faz parte de sua realidade, com o uso de iPods e de sites de compartilhamento como o MySpace. Mano (Miguez) estuda violão com o professor interpretado por Paulo Vilhena, pois ele quer tocar guitarra no futuro. Seu irmão, personificado por Fiuk, tem uma banda de rock na escola. E a trilha foi composta e produzida novamente pelo BiD, parceiro desde meu filme anterior, *Chega de Saudade*. Destaco a faixa "As Melhores Coisas", que fecha o filme e que BiD compôs com Arnaldo Antunes.

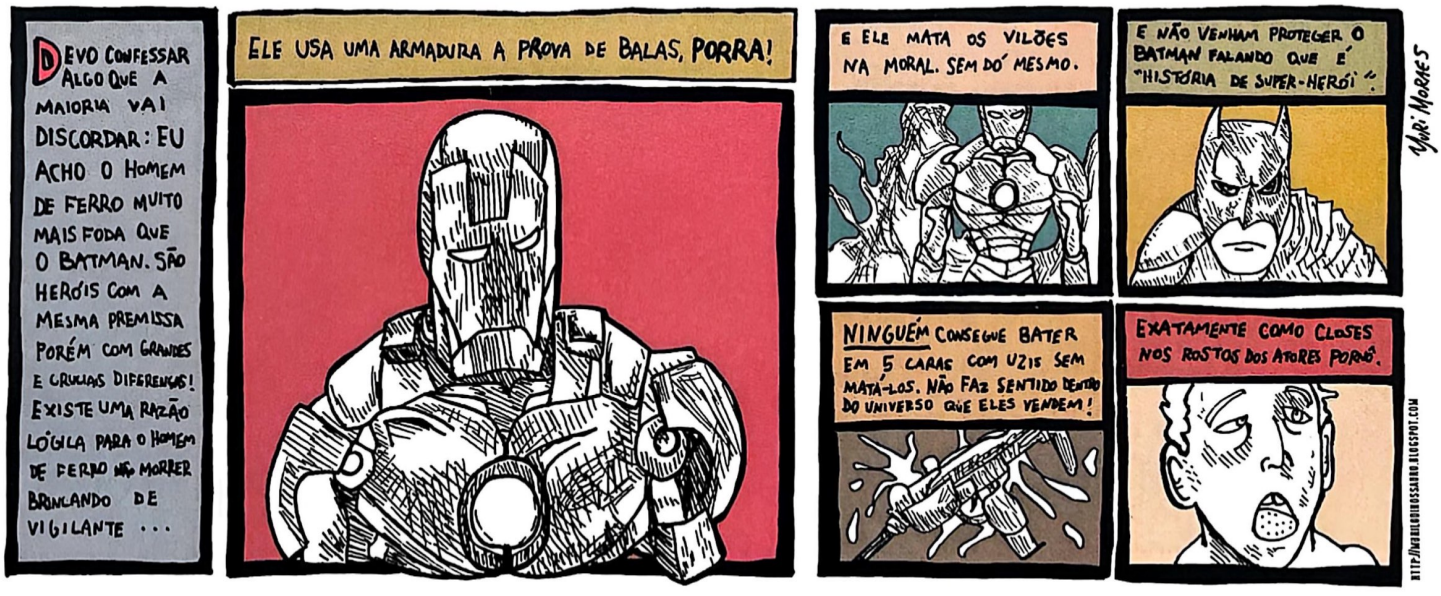
CHRISTIAN PETERMANN

O herói está nu...

Fãs de quadrinhos que apinham a Internet esperavam salivando a primeira imagem de Ryan Reynolds como o Lanterna Verde, herói da DC Comics desconhecido do grande público e com quem a Warner planeja operar um milagre ao estilo *Homem de Ferro*, da Marvel: criar um sucesso e iniciar uma nova série. Bom, os tais fãs terão de esperar até parte dos efeitos especiais da aventura, que está sendo rodada sob o comando de Martin Campbell (*007 Cassino Royale*), ficar pronta. No filme, o traje de Hal Jordan (Reynolds), piloto de testes escolhido por um alien moribundo para usar um anel energético, a mais poderosa arma do universo, será uma criação digital – no set, o ator veste uma roupa de captura de movimentos que será a base de seu uniforme como Lanterna Verde. A escolha, apesar de inusitada, faz sentido: se ele usa um traje de combate alienígena, construído com pura força de vontade, não é uma criação em tecido que lhe fará jus. A figurinista de Lanterna Verde, Ngila Dickson, entende do riscado: é dela as roupas da trilogia *O Senhor dos Anéis*.

FOTOS DIVULGAÇÃO





Requiem Para Um Sonho

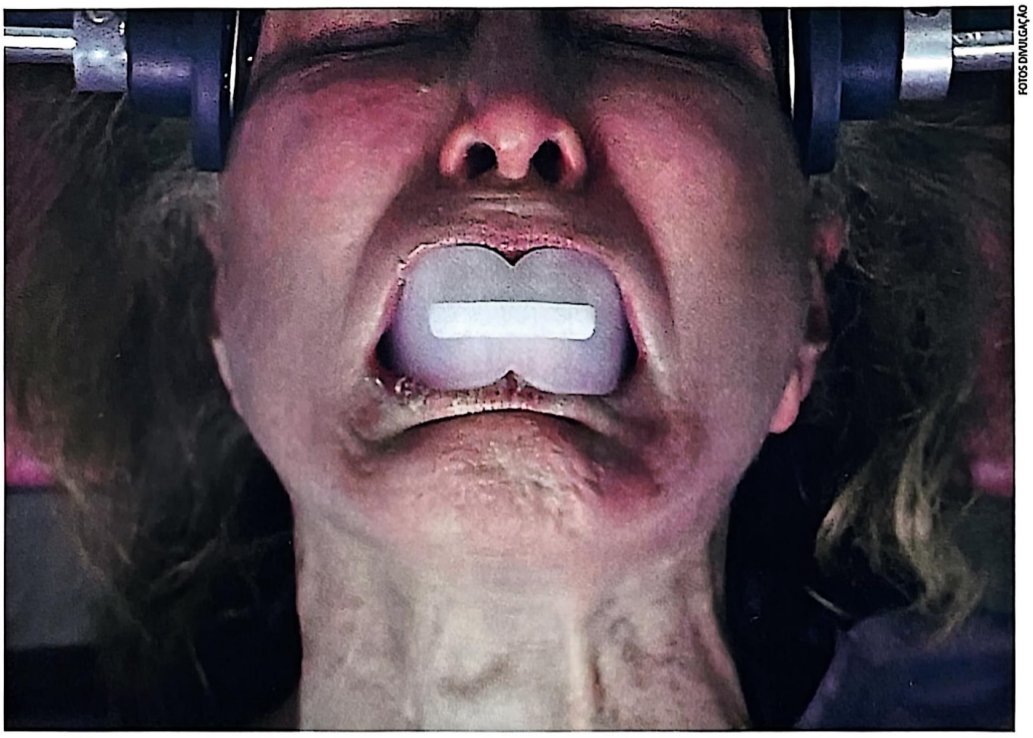
(Requiem for a Dream, de Darren Aronofsky)

POR ROBERTO SADOVSKI

Eu lembro que era um dia quente em Los Angeles quando entrei no Laemmle, na Sunset Boulevard, para assistir a *Réquiem Para um Sonho*. O filme de Darren Aronofsky, seu segundo, seguindo o experimental *Pi*, havia levantado polêmica ao ganhar uma classificação NC-17, geralmente reservada a produções de teor erótico. No Laemmle, um cinema de arte no coração de Hollywood, a cópia era sem cortes, a visão plena do cineasta. O ar refrigerado aliviava o calor, e a sala estava cheia. Em silêncio. O filme começa...

Pouco mais de duas horas depois, eu estava de volta ao calor angeleno. Não sou um sujeito que se deixa abalar por um filme – que, não importa o tema, não importa a forma, ainda é luz e som projetados em uma tela, e não a vida de alguém. Mas *Réquiem* teve um efeito devastador. Se for para simplificar, a trama segue quatro pessoas que se envolvem com drogas num caminho em que não existe redenção. A espiral para o inferno é absoluta – e, neste caso, a dor para chegar lá é só um começo. Há poucos dias, tive um debate online com pessoas que ora adoram o filme, ora o detestam. O taxam de "um filme sobre idiotas que se drogam". Concordo, só idiotas se drogam. *Réquiem* não faz nenhum julgamento, tampouco romantiza a coisa. Nem a demoniza. E não a aborda de forma documental. Com quatro atores no auge de sua forma (Jared Leto, Jennifer Connelly, Marlon Wayans e a grande Ellen Burstyn, no papel de uma mulher que precisa perder peso para entrar num vestido vermelho e aparecer num programa de TV), Aronofsky retratou o lado frágil e patético do ser humano, incapaz de controlar sua queda, incapaz de aliviar o baque. Em seu mundo, que pode ser o nosso, aquele é o efeito das drogas. E a decisão de seguir por este caminho é nossa.

Eu prometi a mim mesmo que aquela seria a única vez que veria *Réquiem Para um Sonho*, um dos filmes mais importantes de um cineasta que a cada novo trabalho mostra ser uma das vozes mais originais e indispensáveis do cinema contemporâneo. Não queria me sentir daquela forma de novo. Ainda não quebrei essa promessa.



FOTOS DIVULGAÇÃO

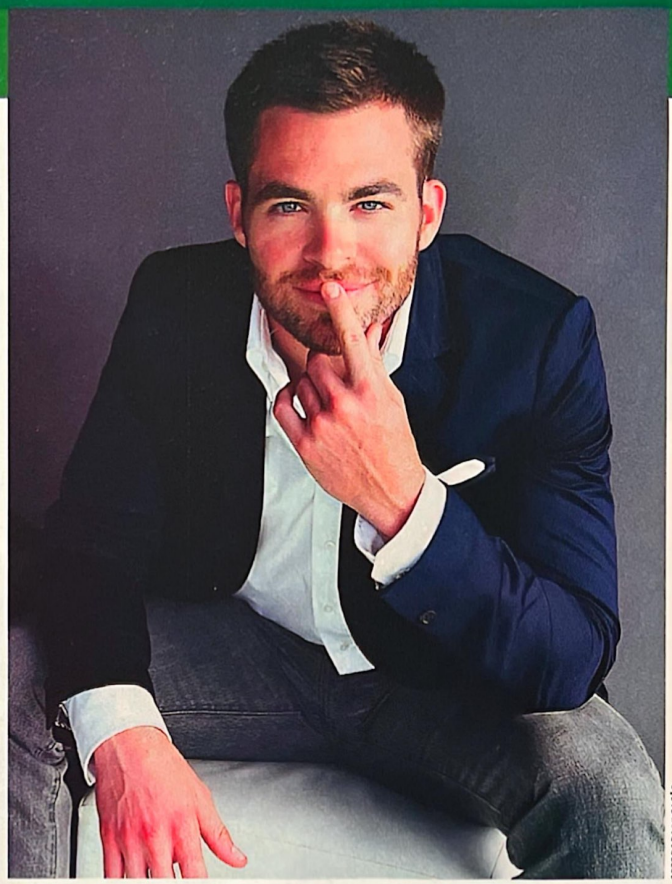
Sara Goldfarb (Ellen Burstyn): Eu sou alguém agora, Harry. Todos gostam de mim. Em breve, milhões de pessoas vão me ver e todos vão gostar de mim. Eu vou contar a eles sobre você, sobre seu pai, o quanto ele era bom para nós. Lembra? É um motivo para sair da cama de manhã. É um motivo para perder peso, para entrar no vestido vermelho. É um motivo para sorrir. Faz o amanhã parecer melhor. O que eu tenho, Harry, hein? Por que eu sequer tenho de arrumar a cama, de lavar os pratos? Eu os lavo, mas por que eu deveria? Eu estou sozinha. Seu pai se foi, você se foi. O que eu tenho, Harry? Eu estou solitária, eu estou velha.

Harry Goldfarb (Jared Leto): Você tem amigas, mãe.

Sara Goldfarb: Ah, não é a mesma coisa. Elas não precisam de mim. Eu gosto de me sentir assim. Eu gosto de pensar no vestido vermelho e na televisão e em você e em seu pai. Agora, quando eu tomo Sol, eu sorrio.

Scott Pilgrim contra o Mundo

Depois dos geniais *Todo Mundo Quase Morto* e *Hot Fuzz*, Edgar Wright mergulhou na adaptação da série de quadrinhos Scott Pilgrim (o sexto livro está para ser lançado nos EUA; o primeiro em breve chega ao Brasil). Michael Cera (*Juno*) é o personagem-título, que precisa derrotar os sete ex-namorados malignos de sua amada para conquista-la em definitivo. O liquidificador pop de Wright aponta para o que pode ser o filme mais cool do ano.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Meu nome é Ryan, Jack Ryan

Não há dúvida de que, depois de rejuvenescer James Kirk em *Star Trek*, Chris Pine desponta como um dos âncoras mais promissores do cinemão moderno. Em breve ele deve abraçar outro personagem que já teve dono: o analista da CIA Jack Ryan, protagonista de uma série de livros de Tom Clancy, que já teve quatro filmes com três protagonistas diferentes (veja abaixo). Agora, o plot de sua nova aventura começa a ser delineado. Com o título de trabalho *Moscow*, fica meio óbvio que este será o cenário de uma trama que coloca Ryan, antes ainda de ingressar na CIA, como bode expiatório de um milionário russo que quer desestabilizar a economia mundial. O produtor da série, Mace Neufield, ainda não fechou um diretor.

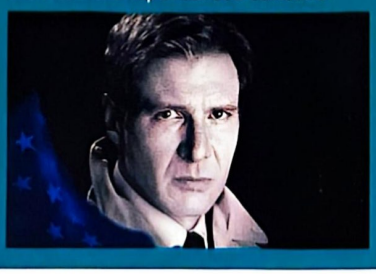
AS VÁRIAS FACES DE UM ESPIÃO

Alec Baldwin, O Galã

Depois de encarnar Ryan em *A Caçada ao Outubro Vermelho* (1990), Baldwin, que despontava como astro no começo da década de 90, recusou a participar das sequências, optando por usar o chapéu e o capuz do justiceiro mascarado de *O Sombra*. Fail...

Harrison Ford, O Herói

Sem Baldwin, a Paramount convocou Harrison Ford, que fez de Jack Ryan um herói cerebral em duas aventuras: *Jogos Patrióticos* (1992) e *Perigo Real e Imediato* (1994). Sucessos de bilheteria, mas a inércia em continuar a série fez o estúdio repensar seu conceito.



Ben Affleck, O Aprendiz

Bem antes de *Batman Begins* começar a moda de reboots em Hollywood, Affleck fez um Ryan mais jovem e mais "verde" em *A Soma de Todos os Medos* (2002), thriller eficiente e até corajoso, mas que foi eclipsado por outro espião, no mesmo ano, interpretado por seu chapa Matt Damon: *A Identidade Bourne*.

O fascínio de *O Anjo Azul*

Há oitenta anos, estreava o filme que deu notoriedade mundial para Josef Von Sternberg e Marlene Dietrich

DIVULGAÇÃO

As pernas à mostra de Marlene Dietrich escandalizaram as platéias da época: pose clássica

Em 1 de abril de 1930, aconteceu em Berlim a estreia de *O Anjo Azul* (*Der Blaue Engel*), filmado simultaneamente em alemão e inglês. O lançamento nos Estados Unidos deu-se em dezembro daquele ano. O longa não só tornou-se um clássico como projetou mundialmente o diretor Josef Von Sternberg e a atriz Marlene Dietrich.

Nascido em Viena, Sternberg estava em Hollywood, onde fez vários filmes desde 1925, quando foi para a Alemanha a convite do ator Emil Jannings, que queria levar para a tela um livro de Henrich Mann, irmão de Thomas Mann, a respeito de um professor que entra em declínio após se envolver com uma cantora de cabaré. Rath (Jannings) vai falar com Lola-lola (Marlene) para impedir que ela interfira na vida de seus alunos. Desse encontro surge a fulminante paixão. A mesma história foi levada à tela em 1959 por Edward Dmytryk com Curd Jurgens e May Britt, e em 1973 por mim em *Anjo Loiro*, com Mário Benvenuti e Vera Fischer.

Um dos primeiros filmes sonoros feitos na Alemanha, O Anjo Azul foi um impacto na forma densa e original de narrar essa trama de volúpia e humilhação. O sucesso fez com que Sternberg retornasse triunfante à Hollywood. E levou Marlene. Juntos, fizeram seis filmes na Paramount. O cineasta sempre enfatizava sua condição de criador de "miss Dietrich", como a citava. Mas o tempo provou que Marlene tinha luz própria. Ela tornou-se um mito atuando sob as ordens de outros diretores e também através dos seus shows. Um deles a fez vir ao Brasil em 1959, quando gravou em português *Luar do Sertão*. O espetáculo tinha como diretor musical e pianista o seu jovem amante, Burt Bacharach.

Conheci Sternberg em março de 1969, no 2º. Festival Internacional do Filme, no Rio de Janeiro. Ao ser apresentado pelo meu e seu amigo Walter Hugo Khouri, tremi de emoção. Ele brincou com a semelhança de nossos sobrenomes e nunca deixou de me cumprimentar. Por consequência, a atriz sueca Ingrid Thulin, que passou a ser companhia frequente do diretor, também fazia o mesmo, estendia a mão. Uma glória imensa para este deslumbrado fã brasileiro. Durante o certame, a convite de Teca Rodrigues, da Manchete, participou de uma entrevista dupla com Fritz Lang. A simpática jornalista permitiu que eu me sentasse junto, ao lado da piscina do Copacabana Palace. Lang foi eloqüente e Sternberg, lacônico. Ao final, Teca perguntou: "Quais são seus planos para o futuro?" O diretor de Metrópolis, que estava com 79 anos, desfilou vários projetos. O cineasta de Marrocos, que sorria, beijou a mão da jornalista e disse: "You are very kind" ("Você é muito gentil"). No mesmo ano, em 22 de dezembro, aos 75 anos, faleceu enquanto dormia na sua casa em Hollywood. Uma morte serena para um homem sereno e genial que fez do ainda fascinante *O Anjo Azul* um filme renovador.

FOTOS DIVULGAÇÃO

Mal aí, galera...

Roteirista pede desculpas pelo pior filme da década, *A Reconquista*

Todo ano, na véspera da entrega do Oscar, sabemos quem são os piores de Hollywood – mas nesse ano a cerimônia do Framboesa de Ouro teve mais categorias, para eleger os piores da década. O grande prêmio (?) ficou para *A Reconquista*, ficção científica com John Travolta talhada para difundir a Cientologia, e o roteirista J.D. Shapiro estava presente para receber o troféu. Depois disso, ele escreveu um relato no New York Post se desculpando pela aberração cinematográfica que surgiu de sua pena.

Ele justifica que o roteiro foi muito alterado. "Meu roteiro era mais sombrio, mais ousado e tinha uma história emocionante com personagens ricos", conta. Shapiro também elenca as péssimas ideias que não estavam em sua concepção original: "Alienígenas com botas do Kiss e todo mundo usando perucas do Bob Marley".

O motivo que o levou a experimentar as ideias da Cientologia, porém, passam longe da curiosidade com a "religião" criada pelo autor de ficção científica L. Ron Hubbard. "Como todo mundo em Hollywood, meu objetivo principal sempre foi pegar mulher", confessa, com bom humor. "Me falaram que o templo da Cientologia em Hollywood era o melhor lugar para isso. Mas não peguei nem gripe."

+ 5 (ok, 6...) desculpas que gostaríamos de ver

"Desculpem por tentar resgatar o mullett... bom, desculpem por ter escolhido justo esse livro para ser a 'minha' franquia..." Tom Hanks, sobre *O Código Da Vinci*.

"Desculpem por ter feito Han Solo atirar primeiro." George Lucas, sobre a edição especial de *Star Wars*.

"Desculpem por fazer tanta gente acreditar que eu sei dirigir um filme." Lars Von Trier, por toda sua filmografia.

"A culpa é de J.Lo!" Ben Affleck, sobre Gigli (o nome no Brasil importa?)

"A culpa é de Affleck!" Jennifer Lopez, sobre o mesmo desastre.

"Desculpem por transformar um livro fascinante num filme tão chato." Fernando Meirelles, sobre *Ensaio Sobre a Cegueira*.

■ **Emile Hirsch está no elenco de *The Darkest Hour*, ficção científica sobre uma invasão alienígena a ser produzida por Timur Bekmambetov (*O Procurado*).**

■ **A novela de *I Love You, Phillip Morris* (que no Brasil será *O Golpista do Ano*) continua rendendo: depois de ser engavetada pelo estúdio, a comédia com Jim Carrey e Ewan McGregor no papel de amantes teve seu lançamento confirmado para julho – isso se os investidores oficiais não tomarem o filme de volta! Aqui a previsão é para junho.**

■ **Vera Farmiga, a bela de *Amor Sem Escalas*, vai passar para o outro lado das câmeras: ela estreia como diretora em *Higher Ground*, baseado no livro de Carolyn Briggs.**

Are You Talkin' To Me? POR ANDRÉ MORAES

DIVULGAÇÃO

Smurfs + Thundercats + Filhos De Gandhi + NBA = Avatar!

Colunista ainda espera pela "revolução" do filme de James Cameron

Há mais de um ano que eu ouço as pessoas dizerem que o diretor James Cameron iria revolucionar o cinema com *Avatar*. Eu fiquei muito curioso e também fiquei pensando como um diretor que fez *Titanic*, *O Segredo do Abismo* e *True Lies* poderia "revolucionar" o cinema... Enfim, o filme estreou, eu me preparei para gastar meus trocados e encarar uma sessão, mas também disseram que eu não podia ver *Avatar* em qualquer cinema: tinha de ser 3D em uma sala IMAX. Tá ficando difícil ver esse negócio!

Então, dei um tempo. Esperei as filas enormes diminuírem, e a sanha por *Avatar* ficar menos absurda. Num belo dia, saí de casa, peguei o carro e fui até uma sala 3D para assistir à tal revolução cinematográfica. Chegando lá, coloquei meus óculos e por mais de duas horas (o negócio é grande) tentei fazer parte e me emocionar com o mundo de Pandora. No início, quando apareceu aquele chefe militar, achei que estava assistindo ao *Pequenos Guerreiros*, mas mesmo assim fui em frente esperar a revolução. Discussões, naves, tecnologia, a moça do *Alien*, o garoto paraplégico e, claro, as encubadoras que transformam a pessoa em uma espécie de Shaquile O'Neill azul.

Pandora é um planeta curioso e interessante. Parece que todos os astros da NBA tiveram filhos com a Smurfete e com a Cheetara e eles cresceram no país do *Senhor dos Anéis*. Com certeza, se a seleção de basquete de Pandora pudesse ir às Olimpíadas seria páreo duro para os astros da NBA. O que eu mais li sobre *Avatar* foi que as imagens eram impressionantes. E realmente são. Assim como as imagens dos jogos de XBOX e Playstation 3 também são. Mais uma coisa me deixou muito mais curioso do que tudo isso: como *Avatar* ganhou o Oscar de melhor fotografia? O que é considerado fotografia em cinema digital 3D? Como comparar uma fotografia feita em programas de computador com uma fotografia feita com negativos, câmeras óticas e luz de verdade, como por exemplo em *Bastardos Inglórios*? São questões da minha cabeça que permanecem sem resposta.

Uma coisa que eu adorei em Pandora é a coisa dos Na'avi pisarem e o chão acender no melhor estilo Michael Jackson no clipe de "Billy Jean". Será que M. J. era um Na'avi? Com certeza eles já vieram ao Brasil. Especificamente para Salvador e na época do Carnaval, onde devem ter assistido aos Filhos de Gandhi e resolveram levar a tradição para Pandora. Isso está nítido nas cerimônias com a mãe dos Na'avi, que rege no melhor estilo Gilberto Gil. Quando eu achava que já tinha visto de tudo, eles aparecem com dragões. O que é pior, cada um tem de treinar e dominar o seu dragão. Eu pelo menos chamo aquilo de dragão, porque realmente agora só falta a gente ter de decorar os nomes da fauna e da flora de Pandora.

Avatar vai chegando ao fim e, fazendo jus a todo fim de épico, vem a batalha final. O nosso herói, que de branco virou azul, comanda a maior união de povos já vista na história de Pandora. E não comanda de qualquer jeito não – eles lembram de Salvador e vão de Timbalada! Eu confesso que senti falta de uma canção nessa hora tipo: "Bebeu água? Tá com sede?"

A batalha começa. Flechas, explosões, naves, a policial do *Lost*, dragões voando, granadas, tiros, metralhadoras... E não é que o chefão dos *Pequenos Guerreiros* agora entrou num transformer e quer matar o nosso herói? Acabou, e a essa altura o fim todos já sabem. Saí da sala, paguei o estacionamento e fui jantar. Acabando o jantar, me dei conta que tinha esquecido de algo... Lembrei! Onde foi a revolução que eu não vi?

O compositor e diretor André Moraes criou a trilha sonora de *Lisbela e o Prisioneiro* e dirigiu o curta-metragem *Ópera do Mallandro*

POR TRÁS DO CINEMA NACIONAL, EXISTE UM BANCO QUE VALORIZA A CULTURA BRASILEIRA.

BNDES. O BANCO NACIONAL DO DESENVOLVIMENTO.

O BNDES é um dos principais parceiros do cinema nacional. Está presente desde a produção e distribuição de filmes até o patrocínio de festivais e o financiamento de salas de exibição. Por tudo isso, o BNDES já pode ser considerado um protagonista da indústria brasileira do audiovisual, mesmo atuando por trás das câmeras.

Ouvidoria: 0800 702 6307
www.bndes.gov.br

BNDES

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

BRASIL UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

Cartaz em cartaz

GUERRA AO TERROR

(The Hurt Locker, EUA, 2008)

Direção: Kathryn Bigelow **Roteiro:** Mark Boal **Produção:** Kathryn Bigelow, Mark Boal, Nicolas Chartier, Tony Mark e Greg Shapiro **Direção de fotografia:** Barry Ackroyd **Desenho de produção:** Karl Júlíusson **Direção de arte:** David Bryan **Edição:** Chris Innis e Bob Murawski **Música:** Marco Beltrami e Buck Sanders **Estúdio:** Voltage Pictures, Grosvenor Park Media, Film Capital Europe Funds, First Light Production, Kingsgate Films e Summit Entertainment

200
horas de filmagens foram captadas para resultar nos 131 minutos do longa

SINOPSE

Depois de um atentado, um grupo de soldados no Iraque perde seu desarmador de bombas. Para substituí-lo é chamado o Sargento William James, que tem um jeito muito peculiar e intuitivo de trabalhar. O novo grupo terá de se entender em meio a ataques e patrulhas, além de situações em que bombas estão prestes a explodir.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Sargento William James: Com a morte de um combatente, ele é chamado para desarmar bombas no Iraque. Sua forma de trabalho difere da que seus companheiros de quartel estão acostumados.
Sargento JT Sanborn: Líder do destacamento, ele é responsável por domar o temperamento do novo desarmador. Por vezes, ele sente que teria sorte se James morresse e parasse de arriscar a vida de todos.
Especialista Owen Eldridge: Responsável pela verificação da segurança das áreas patrulhadas, ele se sente culpado pela morte do Sargento Matt Thompson. Para lidar com seus traumas, tem longas conversas com o Coronel John Cambridge.
Coronel John Cambridge: Experiente militar que já lutou outras guerras, agora se concentra em trabalhos administrativos e em conversas com outros combatentes para que superem seus desafios psicológicos.

CURIOSIDADES

■ O filme foi rodado na Jordânia, um país mais pacífico do que seus vizinhos no Oriente Médio ■ Partes das gravações deveriam aconteceriam em uma base militar no Kuwait, mas o acesso da equipe foi negado ■ Estava tão quente na primeira semana de filmagens, que o diretor de fotografia teve de ausentar do set ■ Parte das filmagens aconteceu no mês sagrado do Ramadã e um esquema especial teve de ser montado para que os membros da equipe que não fossem mulçumanos pudessem se alimentar sem atrapalhar o jejum dos demais ■ Há três músicas da banda Ministry na trilha, todas fazem parte do álbum *Rio Grande Blood*, que critica a guerra ■ Durante a 82ª Cerimônia do Oscar, *Guerra ao Terror* concorreu em várias categorias contra *Avatar*, dirigido por James Cameron, ex-marido de Kathryn Bigelow ■ Foi Cameron quem convenceu Bigelow a dirigir o filme ■ É o vencedor ao Oscar de melhor filme com menor bilheteria na história, se for considerada a inflação ■ O ator Jeremy Renner se machucou durante uma cena e as gravações tiveram de ser paralisadas por alguns dias ■ No Brasil, o filme foi lançado diretamente para o mercado de DVD e teve de ser relançado em cinema, depois de vários prêmios conquistados pela produção.

DATA DE ESTREIA

5 de fevereiro de 2010 (Brasil)

Sargento William James
(Jeremy Renner)

Sargento JT Sanborn
(Anthony Mackie)

Especialista Owen Eldridge
(Brian Geraghty)

Coronel John Cambrdge
(Christian Camargo)

"Se eu vou morrer, quero morrer com conforto."
Sargento William James

ILHA DO MEDO

(Shutter Island, EUA, 2010)

Direção: Martin Scorsese **Roteiro:** Laeta Kalogridis **Produção:** Chris Brigham, Bradley J. Fischer, Laeta Kalogridis, Dennis Lehane, Mike Medavoy, Arnold W. Messer, Gianni Nunnari, Louis Phillips e Martin Scorsese **Direção de fotografia:** Robert Richardson **Desenho de produção:** Dante Ferretti **Direção de arte:** Max Biscoe, Robert Guerra e Christina Ann Wilson **Edição:** Thelma Schoonmaker **Direção musical:** Robbie Robertson **Estúdio:** Paramount Pictures, Phoenix Pictures, Sikelia Productions e Appian Way

116
dias foram necessários para filmar *Ilha do Medo*

SINOPSE

Em 1954, o policial Teddy Daniels e seu novo parceiro Chuck Aule seguem para a Ilha Shutter, um presídio para condenado com problemas mentais. A missão deles é descobrir o paradeiro de Rachel Solano, uma interna que sumiu durante a noite. Conforme as investigações avançam, Daniels desconfia que a equipe da instituição esconde segredos macabros.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Teddy Daniels: Veterano da Segunda Guerra Mundial, torna-se um agente federal amargurado depois que perde sua esposa em uma tragédia.
Chuck Aule: Agente federal de Seattle, une-se pela primeira vez em uma investigação com Teddy Daniels.
Dolores Chanal: Esposa de Daniels, morreu em um incêndio criminoso. Inconformado com a perda, o agente ainda vê Dolores em seus sonhos.
Dr. John Cawley: Há muito tempo no comando da Ilha Shutter, esse médico psiquiatra acredita em uma forma mais sensível de tratar os pacientes criminosos.
Dr. Naehring: Médico alemão, Daniels suspeita que ele está por trás de experimentos desumanos que utiliza os prisioneiros como cobaias.

CURIOSIDADES

■ *Ilha do Medo* é a quarta parceria de Leonardo DiCaprio com o diretor Martin Scorsese ■ Com 125 milhões de dólares, é a segunda melhor bilheteria de um filme de Scorsese – sendo *Os Infiltrados* a primeira ■ Baseado no livro de Dennis Lehane, desde *Vivendo no Limite* (1999) que Scorsese não trabalhava em uma adaptação de literatura ■ Antes de se decidir por Mark Ruffalo, Chuck Aule poderia ser interpretado por Robert Downey Jr. ou Josh Brolin ■ Em 2000, os atores Ted Levine e Patricia Clarkson trabalharam em *Wonderland*, uma minissérie que também se passava em uma instituição para doentes mentais ■ Quatro locações reais foram combinadas por computação gráfica para criar o visual da Ilha Shutter ■ Apesar da execução de uma obra de Mahler, a primeira gravação dessa música só aconteceu em 1973, quase vinte anos depois que a história do filme acontece.

DATA DE ESTREIA

12 de março de 2010 (Brasil)

Teddy Daniels
(Leonardo DiCaprio)

Chuck Aule
(Mark Ruffalo)

Dolores Chanal
(Michelle Williams)

Dr. John Cawley
(Ben Kingsley)

Dr. Naehring
(Max von Sydow)

"Temos de sair desse rochedo, Chuck."
Teddy Daniels

Quando lançamos o Jornal de Teatro, teve gente que pensou que faltaria assunto...

Tudo sobre teatro em um só jornal

Leia e assine:
www.jornaldeteatro.com.br

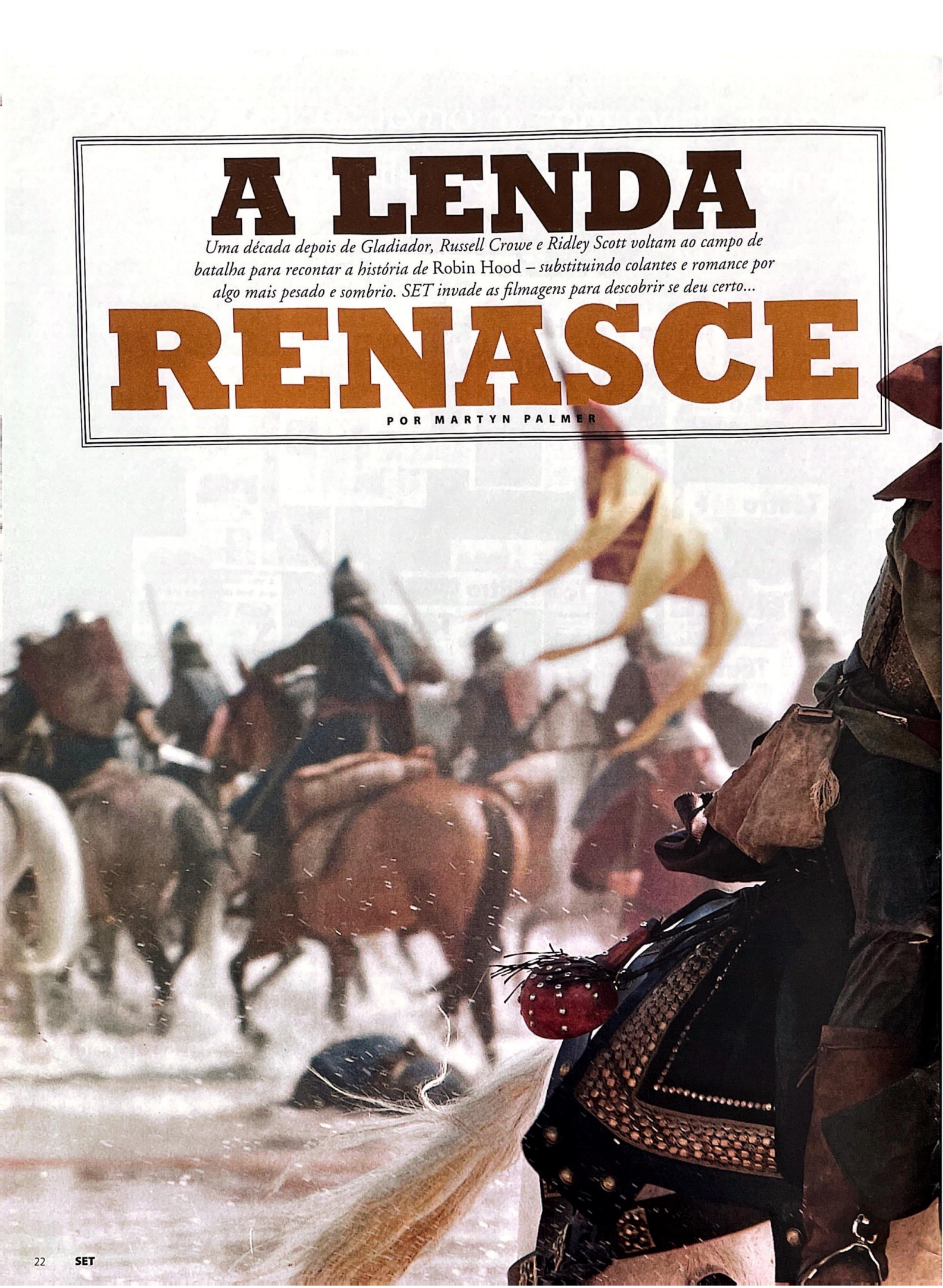
JORNAL de Teatro

Uma publicação aver editora

A LENDA RENASCE

Uma década depois de Gladiador, Russell Crowe e Ridley Scott voltam ao campo de batalha para recontar a história de Robin Hood *– substituindo colantes e romance por algo mais pesado e sombrio. SET invade as filmagens para descobrir se deu certo...*

POR MARTYN PALMER



Enquanto o nevoeiro da manhã se dissipa no que é outro dia de verão nos campos verdes de Surrey (a chuva pesada vai chegar mais tarde), Ridley Scott e Russell Crowe inspecionam uma locação em meio à floresta que, dez anos atrás, foi cenário de seu maior triunfo, *Gladiador*, e que agora é um dos pontos-chave de sua mais nova aventura cinematográfica: *Robin Hood*. Scott pode até ficar tentado a ordenar que seu exército – uma unidade de 400 homens, com mais cerca de 1200 figurantes – crie um inferno seguindo seu sinal. Ou talvez ele deixasse esse comando em particular para Crowe, que, como Maximus, recitou estas palavras neste mesmo lugar durante uma performance que definiu sua carreira e que lhe valeria um Oscar.

FOTOS: UNIVERSAL

Mas o tempo passa. Crowe agora é Robin Longstride, um veterano da Terceira Cruzada endurecido pela batalha, que retorna, clandestinamente pela França, à sua adorada Inglaterra, para encontrá-la aos farrapos, à beira da falência, invasão e guerra civil, governada por um bando de aristocratas inúteis e com seu povo no limiar da inanição e anarquia. Antes que o conto chegue ao fim, ele se tornará Robin, o fora da lei; várias flechas serão disparadas e vários membros da classe dominante descobrirão às próprias custas que é melhor não mexer com ele.

"Ele existiu ou é só um mito?", levanta Ridley Scott à SET. "Essa sempre foi uma pergunta fascinante. Quando Russell me perguntou, 'Que tal fazer *Robin Hood*?', talvez seja coisa de menino, mas suas orelhas se levantam e você diz, 'Ah, é uma idéia fantás-

> "Não foi uma situação perfeita em *Gladiador* e não é agora. Mas você acorda com o desejo de fazer algo especial"
>
> ***Russell Crowe***

Um diretor épico: Ridley Scott comanda as tropas em locação real. Na página ao lado, Mark Strong faz cara de vilão

tica'. Robin é o sujeito que faz a coisa certa, mas é também um grande guerreiro, e essa combinação é clássica. E quando você observa tudo que já foi feito, não podemos ser cínicos, mas ele precisava de uma nova roupagem? Com certeza. E será que lhe demos isso? Não tenha a menor dúvida."

É compreensível que em seu retorno à floresta Bourne perto de Farnham, Scott e Crowe refletiriam por um breve momento sobre os eventos de uma década atrás antes de tocar o trabalho à frente. Scott ama este lugar. "Amo sim", ele diz. "Ela foi generosa conosco." É quase como um talismã.

As comparações com *Gladiador* são inevitáveis, e ainda assim ambos não acreditam que elas sejam ruins. Afinal de contas, muitos tentaram, e a maioria fracassou em seguir a mistura dinâmica de eventos históricos reais injetados com ficção – e muita ação. "É isso mesmo, nenhum deles chegou perto – agora eles entendem o quanto é difícil criar um filme assim", afirma Crowe, que admite que *Robin Hood*, exatamente como seu irmão mais velho, provou ser um desafio igualmente complicado. "Não foi uma situação perfeita em *Gladiador* e não é a situação perfeita agora. Mas você acorda todo dia com aquela coisa em mente: 'Hoje eu farei algo especial'. Se você somar dias especiais o suficiente, o resultado é um filme que vale a pena ser visto."

LIDERAR DANDO O EXEMPLO

Tanto *Robin Hood* quanto *Gladiador* tiveram um caminho árduo para o cinema, e ambos testaram seus realizadores até o limite, com roteiros reescritos diariamente em cada filmagem. Mas tanto Crowe quanto Scott claramente se empolgam com esse tipo de desafio.

Isso fica evidente quando eles falam sobre filmar uma das cenas-chave de batalha em *Robin Hood*, em uma faixa de uma milha de praia em Pembrokeshire, que "dubla" Dover (seus penhascos brancos serão inseridos depois, uma de quase mil tomadas em CG do filme). Os olhos brilham e os braços se agitam quando eles lembram da emoção de tudo isso: mil figurantes com trajes completos, 130 cavaleiros, incluindo Crowe, cavalgando na areia, e veículos de ataque da época expulsando soldados invasores franceses som um céu escurecido com nuvens de flechas. Pense numa versão medieval da sequência em Omaha Beach de *O Resgate do Soldado Ryan*.

"Eu nunca reclamo porque adoro isso", diz Scott que, aos 72 anos, mostra a energia de um homem com metade de sua idade. "Mas eu estava preocupado com as cenas em Gales porque estávamos no mar com cavaleiros em armadura e cota de malha, lanças e flechas e cavalos e aparato para desembarque – e isso rima com desastre completo, porque o mar não fica imóvel."

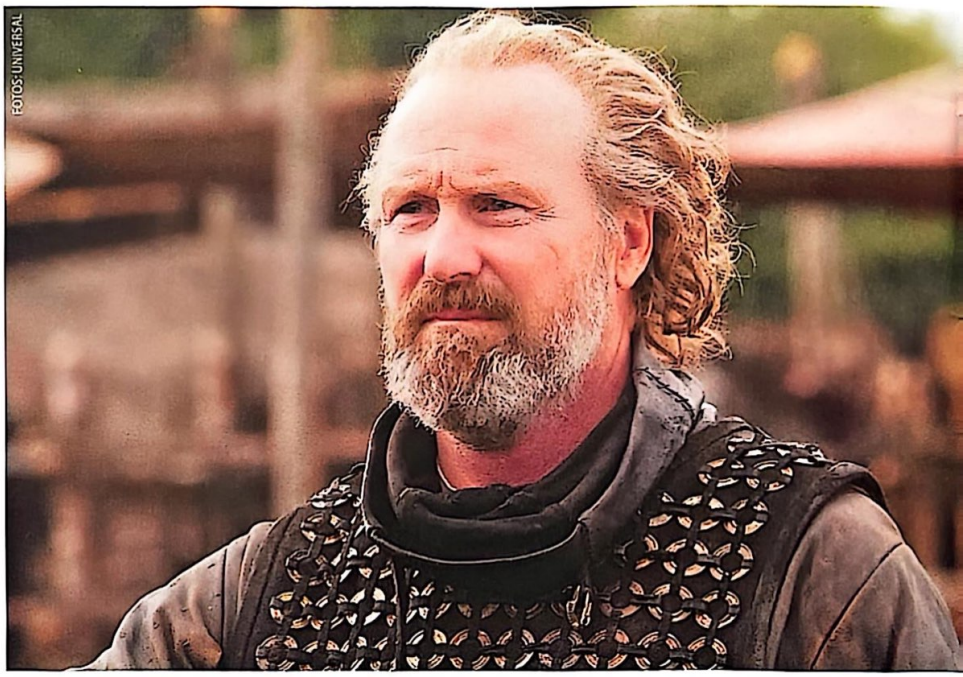
"Aquela praia é espetacular", continua. "Mas a maré mo-

O ataque na praia é à moda antiga, com centenas de figurantes à cavalo, condições atmosféricas incontroláveis e um diretor que é o primeiro a pegar no pesado quando surge um problema

ve-se como um raio e nada está na mesma posição duas vezes. Você grita, 'ação', as embarcações aportam, cavalos saem em disparada, flechas cortam o ar, você grita 'corta' e quer as embarcações de volta ao mar... Mas não pode porque elas estão atoladas na maldita areia – então você tem de esperar até o mar voltar à carga e levantá-las."

Ou, se você é Scott, você mesmo começa a empurrar as desgraçadas de volta ao mar. "Tínhamos esses barcos de sete toneladas invadindo as tomadas", ri Crowe. "E Ridley salta no mar, água na cintura, começa a empurrar os barcos e a gritar sobre os ombros, 'O que vocês estão esperando?' E cinquenta caras correm para ajudá-lo. Mas se você vai começar um trabalho assim, espera que seu oficial de campo seja assim – ele lidera dando o exemplo."

Rodar um filme nessa escala não é desprovido de riscos. "É anarquia, violência e adrenalina", diz Crowe. "Você está numa carga de cavalaria, 130 cavalos galopando tão rápido quanto possível, atacando uns quinhentos homens no chão, o que termina numa série de sete ou oito batalhas. E tudo tem de acontecer com a precisão de um relógio – se você for lento, significa que o sujeito atrás de você vai arrebentar seu traseiro, e se você está na linha de frente e comete um erro, todos atrás de você sofrem. Então é simples: você não pode errar."



FOTOS: UNIVERSAL

Toque de nobreza: William Hurt é William Marshall, considerado o maior dos cavaleiros e um dos homens mais poderosos da Europa

Um povo dividido: o Frei Tuck (Mark Addy) alinha-se ao povo inglês, oprimido pelo Príncipe John (Oscar Isaac)

SET se pergunta se houve algum dano permanente. "Eu acho que umas quinze pessoas foram retiradas do campo. Alguns foram para o hospital, mas eu acho que estão todos bem, ainda bem. Foi uma experiência intensa."

Sim, isso é *Robin Hood*, ao estilo Ridley e Russell. Esqueça as calças colantes verdes e os chapéus enfeitados com uma pena; o jogo aqui é lama, sujeira, sangue, traição, intriga política e ensinar uma lição aos franceses. Ainda sobra espaço para romance, mas até Lady Marian – ou Lady Loxley, para dar à personagem de Cate Blanchett seu título correto – chega a colocar um capacete, brandir uma espada e disparar umas flechas.

"Eu estava em meu trailer me preparando para meu primeiro dia e Ridley disse, 'Ah, por sinal, você precisa disparar essa flecha em chamas'", lembra-se Cate. "Eu disse, 'Tudo bem'. Tive uma aula rápida de 45 minutos de arco e flecha e foi pura sorte de principiante – peguei aquele negócio, que voou pelo ar, acertou o alvo e explodiu. Nada mal começar um trabalho assim."

ESTÚDIO NERVOSO

Demorou muito, mas muito tempo para *Robin Hood* entrar em produção. O projeto

Homens com uma missão: Robin Hood à frente de seus Merry Men, que também ganham nova roupagem

PARCEIROS NO CRIME

Conheça os novos (mas nem tanto) Seguidores de Robin Hood

1 ALLAN A'DAYLE (Alan Doyle)

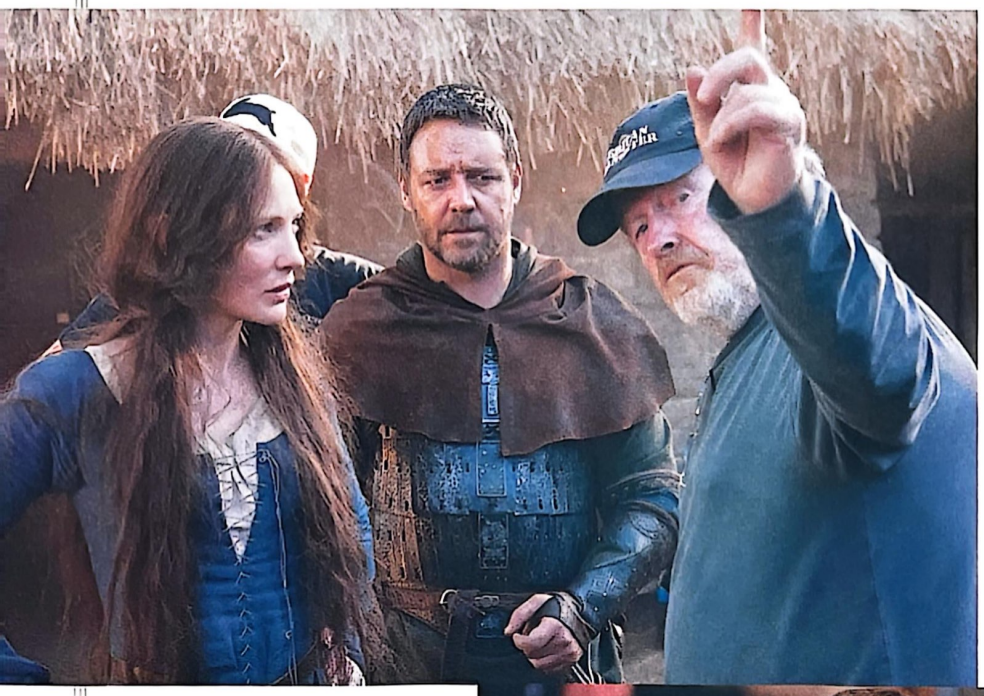
Alan Doyle é vocalist, compositor e guitarrista da banda canadense Great Big Sea e trabalhou com Crowe em vários projetos musicais. Robin Hood é seu primeiro filme e como seu personagem tem sido um menestrel em versões anteriores da história, Doyle aprendeu a tocar a lute. Ainda assim, Crowe diz que "Em nossa versão ele não senta para tocar uma canção do Chuck Berry. E mais no estilo, 'Hoje o que a gente fez foi isso'. É como a Fox News, só que mais preciso". Doyle vai além: "Ele é um soldado, como todos são, e esses caras são sua família, mas ele também gosta de se divertir. Se eles acharem a hospedaria certa, ele vai sacar o lute e dar uma canção aos rapazes".

2 WILL SCARLET (Scott Grimes)

Rossell Crowe trabalhou pela primeira vez com Scott Grimes (*Band of Brothers*) - e Kevin Durand (*Wolverine*) – onze anos atrás no ignorado filme de hóquei *Esquentando o Alasca*. "Eu conheço esses sujeitos", diz Crowe. "Trabalhamos juntos e temos esse laço forte forjado por anos de amizade, e podemos levar isso para as telas." "Cara, tem sido ótimo", conta Grimes. "Nos conhecemos muito bem e tivemos ótimos momentos fazendo este filme." Ao que parece, principalmente na hora de mexer com armamento medieval: "O meu cara e Alan são arqueiros, mas por eu ser menor, eu também uso as armas menores, como uma espada pequena que eu uso bastante. Ah, e um machado – mas ele não é assim tão pequeno..."

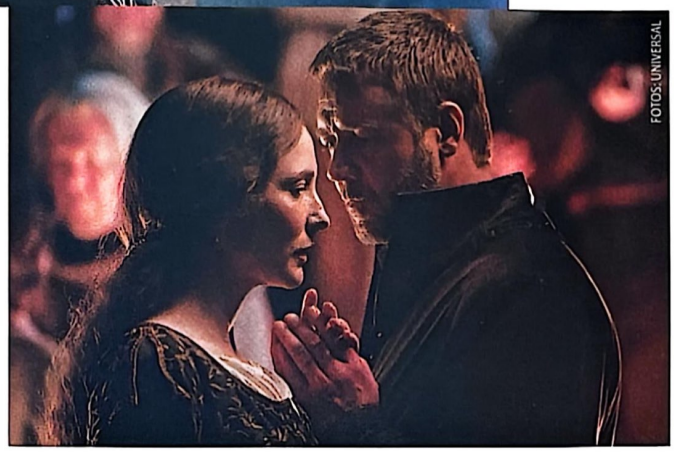
3 LITTLE JOHN (Kevin Durand)

"Minha arma é o bastão", brada Durand com orgulho. "Mas fizemos algumas melhorias fenomenais. Tem um machado numa extremidade e a ponta de uma lança na outra. É mortal. Sem querer desrespeitar os atores que interpretaram Little John ao longo dos anos, mas eu sempre achei que o personagem foi mostrado como um sujeito lento e até um pouco burro. Bem, não é mais o caso. O meu cara é um engenheiro e segura a onda, ele tem uma espécie de inteligência bruta – que, vamos ser francos aqui, você precisaria para sobreviver depois de mais de uma década em uma ou outra batalha."



> “Houve momentos em que eu achei que o filme não ia acontecer. Mas o fizemos – e ele é espetacular”
>
> ***Ridley Scott***

empacou duas vezes devido a problemas de roteiro (uma versão anterior, com o título de trabalho *Nottingham*, tinha Crowe no papel do xerife, que seria a identidade secreta de Robin) e a ameaça de uma greve de atores – muitos acreditavam que ele não sairia do papel. Quando finalmente saiu, os problemas não terminaram, com boatos de uma cisão entre Crowe e Scott, sem falar mudanças no elenco que viram Cate Blanchett no lugar de Sienna Miller. Para Scott, porém, no final tudo valeu a pena.



FOTOS: UNIVERSAL

Seguindo o líder: Cate Blanchett e Russell Crowe ouvem Ridley Scott e depois compartilham um momento tenro

“Uma vez que eu invisto numa idéia, vou até o fim. Então eu estava mergulhado no projeto quando nos enroscamos com a greve e um estúdio nervoso – o filme não é barato – e a pergunta era, ‘Devemos parar tudo?’ Eu não conseguia trabalhar simplesmente por estarmos num vácuo. E eu gosto de trabalhar. Então houve momentos em que eu achei que o filme não ia acontecer, em parte por causa dos custos e da política nos bastidores. Mas o fizemos – e ele é espetacular.”

O diretor está especialmente satisfeito com Blanchett – a Marian perfeita para o Robin de Crowe. “Sienna é um doce, mas antes de mais nada havia uma grande diferença de idade e pensamos, ‘Talvez ela seja muito jovem para ele.’ Ela é uma atriz e tanto, mas não queríamos sentir que Robin estava se casando com sua filha, tenho certeza que Russell vai me perdoar por dizer isso. Cate e Russell combinavam muito mais, e ela é adorável como parceira de trabalho. Uma profissional de verdade.”

STAIRWAY TO HEAVEN

Alguns dias após a produção voltar de Pembrokeshire, Russelll Crowe recebe SET de volta ao set. A meia-noite cai rápido em Nottingham – uma recriação espetacular de uma vila medieval, completa com casas, uma feira de milho, igreja, uma hospedaria e um ferreiro, tudo erguido na região de Hampton de Surrey – e o ator está aquecendo as mãos sobre uma fogueira, esperando para ser chamado para uma cena em que ele dança com Marian na praça da cidade.

Blanchett está sendo preparada pela moça da maquiagem. Dois de seus Seguidores (ou *Merry Men* que, ao contrário do que se costuma acreditar, não se traduz como “homens alegres” – neste caso “merry” significa “seguidor” ou “parceiro”). Kevin Durand (Little John) e Scott Grimes (Will Scarlet) encorajam um terceiro, Alan Doyle (Allan A’Dayle) quando ele pega uma melodia em seu lute, uma espécie de bandolim cordas. “Se você quiser, eu toco ‘Stairway to Heaven’”, brinca Doyle. Centenas de figurantes, todos com trajes ao estilo do século 12, esperam para ser posicionados.

O diretor aproxima-se para um papo pré-cena com seu astro e eles se aproximam. Crowe está vestido com botas de couro surradas, calças marrons enlameadas e uma túnica verde leve. Scott usa seu uniforme de locação – botas, jeans caqui, um casaco com capuz – e ri quando Crowe conta uma piada.

Houve especulação que, em muitas ocasiões, a fricção se

Vestido para matar: Robin Longstride, ou Robin Hood, vai à guerra para defender seu povo e sua terra

Russell Crowe é um dos produtores de Robin Hood, mas isso não alterou sua dinâmica com o diretor: "O estúdio pensou que eu os ajudaria nas discussões, mas eu trabalho para Ridley Scott"

acentuou entre os dois. Mas, segundo Scott, um pouco de tensão criativa sempre esteve no modo de eles trabalharem. "Eu acho que sim. Russell me disse, 'Não é assim que a gente trabalha?" E eu disse, 'Eu acho que sim, mas você sabe que as coisas podiam ser bem mais fáceis'. Mas é assim. Você sabe, com Russell é melhor você estar preparado. A primeira experiência que eu tive com ele foi em *Gladiador*, ele sentava e me ouvia – eu achava que ele estava tirando uma comigo, esperando pacientemente eu calar a p... da boca. Mas não era isso, ele estava mesmo ouvindo, prestando atenção em cada palavra. Em troca eu o ouvia, porque Russell é desordenadamente inteligente, extremamente letrado em qualquer material que ele está prestes a fazer e tem uma opinião forte sobre ele. Portanto, ele é um parceiro no crime complicado. O problema é que já fizemos isso cinco vezes. E funciona."

Gladiador, *Um Bom Ano*, *O Gângster* e *Rede de Mentiras* forjaram esse relacionamento, e não importa a pressão exercida sobre seus laços, eles nunca se rompem. Crowe é um dos produtores em *Robin Hood*, mas insiste que nem isso alterou essa dinâmica. "Talvez o estúdio tenha pensado que eu os ajudaria a vencer as discussões com Ridley", diz o ator. "Se foi a intenção eles se deram mal. Porque eu estou do lado dele. No fim das contas, eu agradeço que o estúdio esteja pagando por tudo – muito obrigado, rapazes – mas minha contrapartida é trabalhar pra diabo todos os dias. Mas eu trabalho para Ridley Scott. Ele é o diretor e um filme é a mídia do diretor."

Blanchett teve a chance de observá-los e oferece sua visão do que faz a parceria Rid/Rus funcionar. "Ah, eles são como George e Martha", ela ri, referindo-se aos hipopótamos de um desenho animado, melhores amigos que estão sempre discutindo. "Mas eles certamente se adoram. Eles brigam constantemente até que um deles vence, e o outro diz, 'Na próxima vez a vitória será minha...'."

FOTOS: UNIVERSAL

DESTINO CHAMA

Ridley Scott fez questão de amarrar *Robin Hood* nas costas de eventos históricos reais. "Bom, acho que sempre é mais forte se você fizer isso. Em muitos Robin Hoods, você pensa, 'Por que o Xerife de Nottingham é um vilão? Por que o rei John é um vilão?', mas sem entender a) a economia e b) a política, ou qualquer coisa que fizesse algum sentido. Eu sempre gosto de saber de onde elas surgem. Um bom paralelo é *Gladiador*, onde caminhamos cuidadosamente pela história dos últimos dias de Marcus Aurelius e amarramos este personagem fictício chamado Maximus a ela. E cá estamos fazendo a mesma coisa de novo. Eu achei que um ótimo ponto de partida seria perguntar por que o Reino está tão desordenado, por que os impostos são tão altos. (*O rei*) Ricardo está fazendo o 'bem' na Terra Sagrada por uma década, se divertindo à beça, mas deixando seu país quebrado pagando a conta."

Sangue e areia: com milhares de figurantes e retoques digitais, Ridley Scott coloca Russell Crowe no centro da batalha

Longstride e seus companheiros-de-armas mais confiáveis voltam da França para entregar a coroa do Rei Ricardo, morto em batalha, a seu herdeiro e irmão, o Príncipe John (Oscar Isaac). Robin então viaja ao Norte, para Nottingham, para honrar uma promessa que ele fez ao moribundo Sir Robert Loxley de entregar sua espada a seu pai, interpretado por Max von Sydow. Uma vez lá, ele encontra Marian e finge ser Loxley para impedir que a terra dela seja empossada pelos barões que comandam a região. Longstride é atraído à incrivelmente volátil arena política e começa a descobrir segredos sobre seu próprio passado. O destino chama.

"Se você olhar para a história de Robin Hood – e eu meio que sou estudioso de Robin Hood – existe mil anos de textos ou mais, talvez seja um dos contos de ficção mais antigos da língua inglesa", conta Crowe. "Sua história já foi contada como canção, lenda, ferramenta política, uma ferramenta da Igreja, um jogo de salão... Mas o que tentamos fazer foi algo diferente. O conceito central – roubar dos ricos para dar aos pobres – permanece o mesmo, mas é como você consegue isso. Em nossa história buscamos mais a metáfora disso do que, 'Pegue aqui dez moedas de outro, compre uma ovelha, tenha uma boa vida'. Estamos dizendo que Robin pegou algumas liberdades e direitos da monarquia e da aristocracia e os deu ao povo."

Crowe é apaixonado pela lenda desde garoto: "Eu acho que é o mesmo com todo mundo – eu gosto muito da idéia de alguém aí fora se importa mesmo com outras pessoas, que numa sociedade que foi oprimida alguém vai se levantar e enfrentar essa opressão".

Sendo fãs consumados do mito, nem o diretor e nem o astro tem muito a dizer sobre as várias versões anteriores no cinema e na TV. "Eu as vi e confesso que eu gosto da que Mel Brooks fez (*A Louca Louca História de Robin Hood*)", diz Scott. "É um trabalho excelente, muito divertido. A maior parte dessas versões, porém, não é. Estamos em outro nível." ■

SYSTEM UPGRADE

Homem de Ferro 2 inicia a segunda parte dos planos da Marvel no cinema — e o começo da construção de um universo

POR ROBERTO SADOVSKI

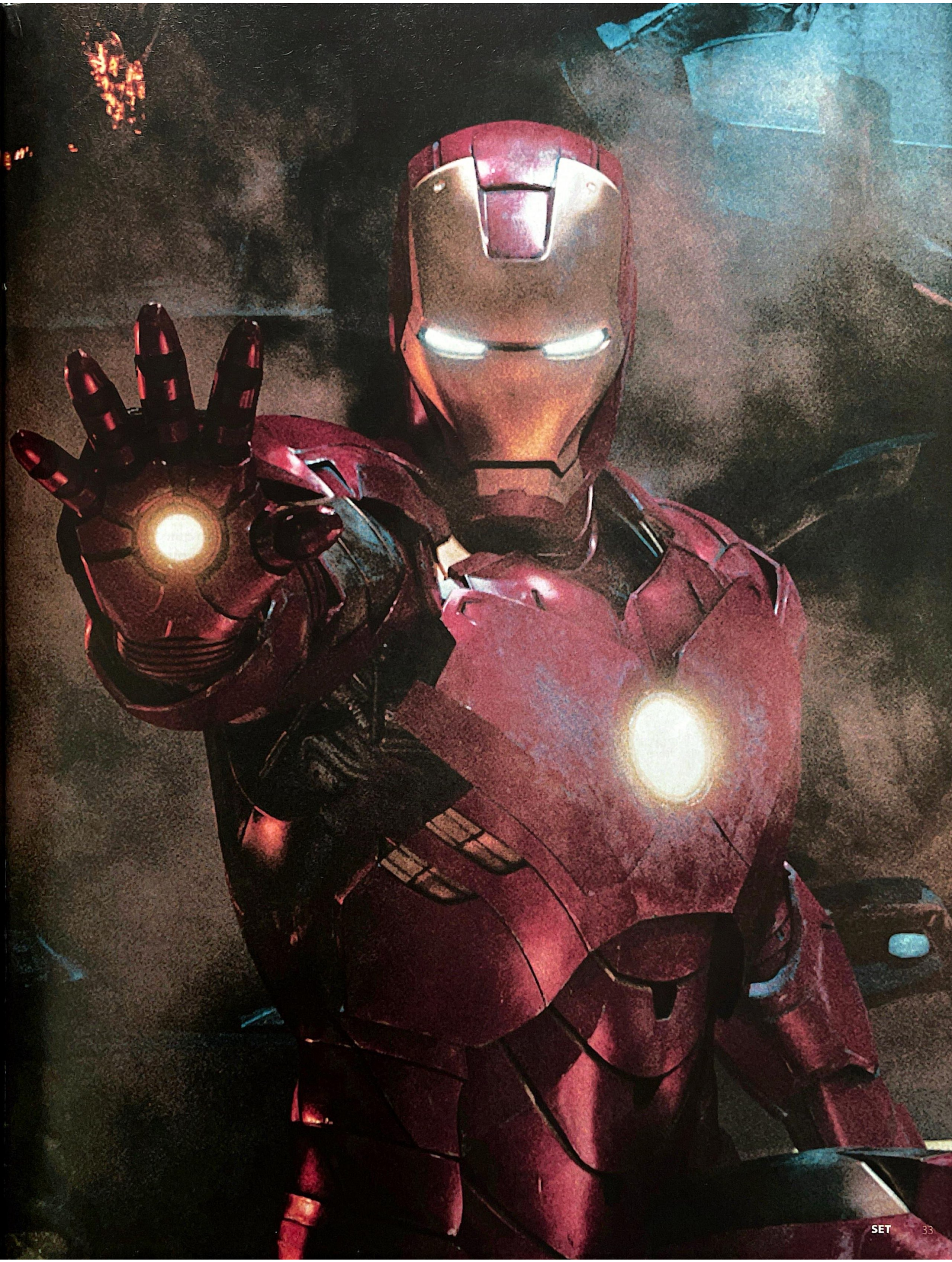
Mickey Rourke foi preso. A informação não estampa nenhuma manchete de jornal sensacionalista. Tampouco é antiga, datando da época em que o ator de *O Lutador* exercitava os punhos em lentes de fotógrafos. Quem revela a tragédia é o diretor Jon Favreau, de volta ao comando de uma aventura do Vingador Dourado em *Homem de Ferro 2*. "Eu soube logo depois que fechamos com Mickey para ele ser Ivan Vanko, um dos vilões do filme", conta Favreau, mal segurando a risada. "A próxima coisa que chega em nossos ouvidos é que ele acionou um de seus, sei lá, 'contatos', e conseguiu uma temporada numa prisão russa. Mas até onde eu saiba não foi um Gulag!"

A dedicação de Rourke (seu personagem passa anos – você já adivinhou – em uma prisão russa) espelha a seriedade com que a indústria passou a tratar os filmes baseados em histórias em quadrinhos na última década. Se em *Batman Eternamente*, de 1995, Tommy Lee Jones acreditava que, para compor seu Duas-Caras, bastava imitar a insanidade de Jack Nicholson como o Coringa no *Batman* de 1989, os atores que mergulham neste gênero sabem que não estão lidando com brinquedos, e sim com personagens sérios em tramas fantásticas que podem, inclusive, devolver o rumo a atores que andavam mal das pernas.

Ponto em questão, Robert Downey Jr.. Depois de anos lutando para se livrar de uma dependência química que quase lhe custou sua carreira, o ator indicado ao Oscar por *Chaplin* viu em *Homem de Ferro*, versão para cinema de um personagem menos famoso da Marvel, uma chance de redenção. A aposta, tanto dele como da editora-transformada-em-estúdio, deu certo. Dois anos atrás, a aventura, primeira financiada pela Marvel sem elos com outros estúdios, chegou aos cinemas apoiada por uma bela campanha de marketing e saiu de cena com 586 milhões de dólares no cofre. Foi nesse ponto que duas engrenagens foram postas em movimento. A primeira, e mais óbvia: *Homem de Ferro 2* seria colocado em produção. A segunda, mais ambiciosa: o desejo da Marvel de espelhar, no cinema, seu universo, coeso e interativo, que resiste nos quadrinhos há quase cinco décadas.

MÃO FECHADA

Não que isso preocupe Downey. Voltar à pele de Tony Stark, milionário e inventor que, para fugir do cativeiro e das demandas de terroristas, constrói uma armadura que se torna a arma mais avançada do planeta, foi como voltar para casa. "Eu poderia inventar alguma história, dizer que é um trabalho cheio de desafios, mas prefiro ser franco", diverte-se o ator. "O fato é que a equipe era a mesma, e todos sabiam mais ou menos o que fazer. Depois de Jon e Kevin Feige (*presidente do Marvel Studios*) acertarem seus ponteiros sobre o rumo que a história ia seguir, a coisa ficou fácil."



Irmãos na batalha: Tony Stark (Robert Downey Jr.) e Jim Rhodes (Don Cheadle) vestidos para machucar como Homem de Ferro e Máquina de Combate

Pode ser fácil falar, mas a prática não é tão descomplicada. Já a partir de *Homem de Ferro* a Marvel se mostrou uma negociadora afiada. O contrato de Mickey Rourke foi uma novela desenrolada na Internet. O mesmo aconteceu com Samuel L. Jackson, que de uma ponta no primeiro filme viu seu Nick Fury engordar o tempo em cena na nova aventura – relutante em voltar por um salário "baixo", dobrou depois de fechar uma parceria de ao menos nove filmes com o estúdio. Terence Howard, ator que recebeu o maior pagamento no filme de 2008, foi preterido para retomar o papel do melhor amigo de Stark, James Rhodes – o personagem agora é defendido por Don Cheadle.

Homem de Ferro 2 também se debruça sobre a extensa biblioteca de personagens da editora que podem ser usados pela mesma – contratos antigos impedem que figurões como Homem-Aranha ou os X-Men sejam sequer mencionados. Assim, o elenco foi acrescido de Scarlett Johansson (a Viúva Negra) e Sam Rockwell (Justin Hammer, concorrente de Stark nos negócios). "Meu treinamento foi intensivo", lembra Scarlett. "Se você me desafiar eu te coloco no chão!"

TODOS DE MÃOS DADAS

Cada novo rosto chega com bagagem – e com milhões de fãs em todo o planeta passando pente fino para ver se seus "ídolos" estão recebendo o respeito que merecem. "É uma loucura, mais do que eu poderia imaginar", conta Rockwell, depois de encarar uma sala com sete mil geeks capazes de recitar, de cor, quantas armaduras o Homem de Ferro já usou. "Mas é também um desafio, já que está em nossas mãos criar um personagem que seja fiel ao que os fãs estão acostumados a ver há décadas, mas também fazer deles algo novo e inédito." Downey tem uma teoria parecida. "A partir do momento em que Tony Stark é confiado a mim, eu preciso entender o que o move, o que o pressiona, e a partir daí entregar minha visão de quem ele é", filosofa. "Um filme como *Homem de Ferro 2* é isso: um grupo de pessoas descobrindo o que as faz entrar em choque, com esse tecido costurado por cenas de ação bacanas. Afinal, estamos criando entretenimento."

Entretenimento e também dando passos largos em um plano

JOGADORES E AVATARES

Peças velhas e novas no tabuleiro de Homem de Ferro 2

Tony Stark/Homem de Ferro (Robert Downey Jr.)

Após revelar sua identidade, Stark precisa lidar com as consequências de o mundo saber que ele é o Homem de Ferro. Seus desafios incluem derrotar os vilões e decidir se atuar em equipe é o caminho.

James Rhodes/ Máquina de Combate (Don Cheadle)

Apesar da resistência de Tony Stark, Rhodes desenvolve a arma chamada Máquina de Combate, que troca raios repulsores e alta tecnologia por poder de fogo.

Virginia "Pepper" Potts (Gwyneth Paltrow)

De secretária de Tony, Pepper é promovida a presidente das Indústrias Stark, por sua competência e para tirar a responsabilidade dos ombros do patrão, deixando-o livre para descobrir se ele é mesmo o herói que almeja ser.

Ivan Vanko/Whiplash (Mickey Rourke)

Na vastidão gelada da Rússia, Ivan Vanko prepara a sua vingança: ele acredita que seu pai foi traído por Howard Stark, e incorpora a tecnologia do reator Arc em dois chicotes energéticos para dobrar o herói.

complexo e ambicioso, que é fazer com que a interação seja não só entre personagens, mas também entre filmes. "Quando *Homem de Ferro* mostrou que estávamos no caminho certo, começamos a planejar de que forma estes projetos se encaixam", analisa Kevin Feige, ao telefone com SET horas depois da finalização da nova aventura. "Não temos mais acesso a todos os personagens da Marvel, mas nosso 'elenco' é poderoso o bastante para atingirmos o objetivo." Feige sabe o que fala, já que se transformou em um dos homens mais ocupados de Hollywood. Enquanto supervisionava os toques finais em *Homem de Ferro 2*, o produtor estava também com as mãos em *Thor*, que Kenneth Branagh está rodando neste exato momento, com Chris Hemsworth (*Star Trek*) no papel do Deus do Trovão; e revelava ao mundo que Chris Evans (*Sunshine*) será o *Capitão América* na produção (de época, ambientada na Segunda Guerra) que Joe Johnston começa a filmar em junho.

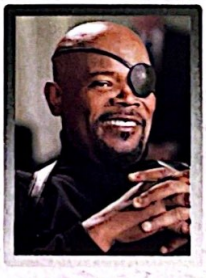
ARMA VITAL

Homem de Ferro 2 tem, portanto, a tarefa de começar a juntar todos estes filmes num plot mais amplo e coeso – principalmente para uma platéia que, em sua maioria, não é fã e nem cresceu com uma pilha de gibis ao lado da cama. Algumas pistas são largadas no novo filme, como a conexão do pai de Tony Stark, Howard (John Slattery), com o Projeto Supersoldado – que durante a Segunda

Femme fatale: Scarlett Johansson, no papel da Viúva Negra, vai aumentar o nível de baba no chão dos cinemas

Natasha Romanoff/Viúva Negra (Scarlett Johansson)

Infiltrada nas Indústrias Stark como espiã da SHIELD, Natasha Romanoff, a Viúva Negra, é especialista em combate desarmado e aos poucos revela a quem ela deve lealdade. A Viúva será parte importante na formação dos Vingadores, fique de olho!

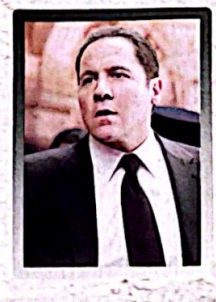


Nick Fury (Samuel L. Jackson)

O diretor da misteriosa SHIELD continua tentando convencer Stark de que, para enfrentar as ameaças de um novo mundo, é preciso que as pessoas do lado dos mocinhos se unam. Não estranhe se ele der as caras em *Thor* e em *Capitão América*.

Justin Hammer (Sam Rockwell)

Quando Tony Stark anunciou que sua empresa cessaria a produção de armamentos, Justin Hammer enxergou uma oportunidade. Não só em tomar seu lugar como fornecedor de tecnologia bélica para o exército, mas também como proprietário da armadura do Homem de Ferro.



Happy Hogan (Jon Favreau)

Motorista e guarda-costas de Tony Stark, Hogan é o dono do coração de Pepper Potts – pelo menos nos quadrinhos. Não que seja difícil isso acontecer também no cinema: Hogan é interpretado por Jon Favreau, diretor do filme. Ele manda!

Guerra Mundial criou o Capitão América, o soldado perfeito. Nick Fury, que ao final de *Homem de Ferro* surgiu falando do projeto Iniciativa dos Vingadores, volta à cena convocando Stark para a equipe que ele está formando – a certo momento ele menciona que precisa ir ao Novo México, e ganha um doce quem adivinhar onde *Thor* está sendo filmado...

Antes de chegar em *Vingadores* (Josh Whedon deve dirigir), a nova aventura precisa resolver seus próprios problemas. Primeiro, uma infecção causada pelo reator Arc plantado no peito de Stark. Depois, a tentativa do senado americano em se apossar da tecnologia do Homem de Ferro. Além disso, Tony passa a ser espionado pela SHIELD, que infiltra uma agente em sua empresa – Natasha Romanoff, a Viúva Negra (Scarlett Johansson). Finalmente, ele tem de lidar com a dupla ameaça de Ivan Vanko, o Whiplash, que acredita que sua família foi traída pelos Stark, e o empresário Justin Hammer, sedento para tomar o lugar do milionário como fornecedor de armamentos para o governo.

É nesse ponto que entra em cena um novo herói: James Rhodes passa a usar uma armadura, tornando-se o pesado Máquina de Combate. "É até lógico que Tony deixe de pensar como um sujeito solitário e aceite ajuda, mas o sujeito é puro ego!", dispara Don Cheadle, que assumiu o lugar de Terence Howard sem levantar muitas perguntas. "Se existe um tema em *Homem de Ferro 2* – e que ele deve ser levado até *Vingadores* – é que a união faz a força." O próprio Stark atualiza sua armadura três (!) vezes no novo filme: o traje Mark IV é um aprimoramento do usado contra o Monge de Ferro na produção de 2008; o Mark V é "portátil", e em vez de ser guardado numa valise ele é a própria; e o Mark VI, que traz a placa peitoral triangular em vez de circular, é a mais avançada projetada pelo herói.

Chá da tarde: Nick Fury (Samuel L. Jackson) tenta convencer o relutante Tony Stark a se unir à SHIELD e a compor a equipe dos Vingadores

DE CALÇAS CURTAS

Se o efeito colateral de *Avatar* foi disparar uma série de filmes em 3D, o sucesso de *Homem de Ferro* fez a concorrente da Marvel, a DC Comics, abrir os olhos. A editora passou por uma reestruturação e ganhou maior controle por parte da empresa-mãe, a Warner. O principal objetivo: aproveitar melhor seu catálogo de personagens, que no cinema só obteve êxito recente com *Batman Begins* e *O Cavaleiro das Trevas*. "É até um elogio ver os novos planos da DC", diverte-se Feige. "Talvez a gente devesse ganhar uma cesta de frutas ou algo assim." *Lanterna Verde*, que está em produção com Ryan Reynolds no papel-título, usa uma estratégia parecida com a de *Homem de Ferro*, a aposta em um herói pouco conhecido do grande público, mas que pode alavancar outros que não compartilham a mesma atmosfera.

No caso da Marvel, o plano é manter a produção de um filme-evento por ano e, depois de 2012, quando a Disney assumir a editora/estúdio, equilibrar estes lançamentos com a produção de aventuras de personagens pouco conhecidos, com filmes de baixo orçamento e comandados por diretores com boas idéias. Nessa estratégia, *Dr. Estranho*, *Ka-Zar*, *Luke Cage*, *Cristal*, *Punho de Ferro* e a equipe infantil *Quarteto Futuro* podem ampliar o leque da Marvel no cinema – e valorizar a marca. E, claro, Homem-Formiga, herói fundamental na criação dos Vingadores cujo filme, ainda nas mãos de Edgar Wright (*Todo Mundo Quase Morto*), está na ponta da agulha há anos.

Wright é fã confesso de histórias em quadrinhos (seu próximo filme é a adaptação da graphic novel *Scott Pilgrim Contra o Mundo*) e não perde oportunidade para contar, geralmente via Twitter, o quão perto ele está de tirar *Homem-Formiga* da gaveta. E é por meio de fãs que prospera este Novo Universo Marvel, que transcendeu o papel e é imortalizado para a massa em celulóide. O músico Tom Morello, fanático pelo Homem de Ferro, ligou para Jon Favreau e se saiu com uma ponta no primeiro filme – ele é o primeiro terrorista a levar uma bordoada do herói, e ainda levou um capacete para casa como *souvenir*. Para a nova aventura, Morello, guitarrista do Rage Against the Machine e Audioslave, contribuiu com a música original de John Debney. E Stan Lee, criador do Latinha, e constante em 99 por cento dos filmes que levam o selo Marvel, mais uma vez faz uma ponta, desta vez parodiando o apresentador de TV Larry King. O que Lee não contava, porém, é que ia pegar Tony Stark, o próprio Vingador Dourado, de calças curtas. Tem explicação: como vestir a armadura completa se mostrou um processo complicado no primeiro filme, Favreau e Cia. decidiram abolir a parte de baixo do traje. Ou seja, sempre que Robert Downey Jr. aparece em cena com a armadura vermelha e dourada, na prática ele só veste o torso: da cintura para baixo, é tudo digital. Ou, torce o ator, quase tudo. ■

ATÉ O FIM DO MUNDO

Deuses, soldados e a reinvenção do amigão da vizinhança marcam os filmes da Marvel (pelo menos) até 2012

Thor

Kenneth Branagh, grande promessa na Hollywood do começo dos anos 90, passou um tempo fora dos holofotes. Ele não poderia ter escolhido melhor hora de voltar: é dele a direção do primeiro filme do Deus do Trovão (Chris Hemsworth), um guerreiro arrogante banido para a Terra por seu pai, Odin (Anthony Hopkins), para aprender uma dura lição de humildade. Ainda no elenco, Natalie Portman, Stellan Skarsgard, Ray Stevenson, Rene Russo e... Samuel L. Jackson?

Data de estréia: 6 de maio de 2011

Capitão América

É bom ver a Marvel fazendo a coisa certa. *Capitão América* será ambientado na Segunda Guerra Mundial e trará a origem do herói: Steve Rogers (Chris Evans), jovem raquítico, fará qualquer coisa para defender seu país contra as forças do Eixo – inclusive se submeter a uma experiência que pode fazer dele o único SuperSoldado dos Estados Unidos. Joe Johnston dirige um elenco que já traz Sebastian Stan (Bucky, parceiro do Capitão), Hayley Atwell (Peggy Carter, amada do Capitão) e... Samuel L. Jackson?

Data de estréia: 22 de julho de 2011

Os Vingadores

O grande problema que os produtores podem enfrentar ao unir um elenco tão numeroso é ver *Vingadores* se transformar em *Homem de Ferro 3*, já que Robert Downey Jr. é praticamente uma força da natureza. De qualquer forma, todos que fazem parte dos filmes da Marvel praticamente se tornam parte da "família", como bem diz o diretor Louis Leterrier (*O Incrível Hulk*), aparentemente preterido no comando da aventura, que pode ter ficado com Josh Whedon.

Data de estréia: 4 de maio de 2012

Homem-Aranha

Com Tobey Maguire, Kirsten Dunst e Sam Raimi fora do projeto, a Sony decidiu dar ao Cabeça de Teia um recomeço – e bem vindo, já que em *Homem-Aranha 3* Peter Parker estava quase casando! Este *reboot*, a ser dirigido por Marc Webb (*(500) Dias Com Ela*), devolve o herói às suas origens, como um adolescente que descobre, a duras penas, que grandes poderes trazem grandes responsabilidades. Ok, estamos curiosos...

Data de estréia: 3 de julho de 2012

Homem-Formiga

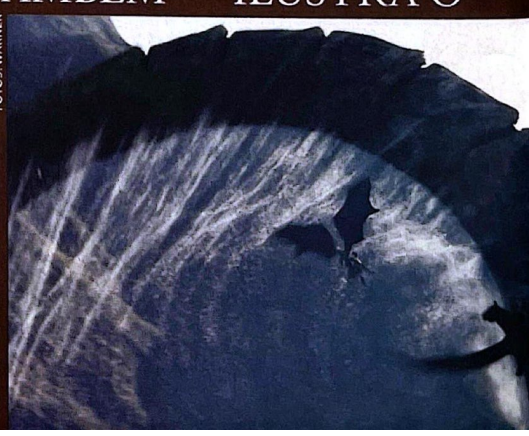
Se você nunca abriu um gibi na vida, aqui vai a versão resumida: Hank Pym é um cientista que descobre uma substância capaz de reduzir ou ampliar o tamanho de um homem. Com um capacete capaz de controlar artrópodes, ele se torna o Homem-Formiga – que foi um dos membros fundadores dos Vingadores. O projeto, nas mãos de Edgar Wright, corre há alguns anos. Ah, vale ressaltar que o Homem-Formiga teve outras identidades (Scott Lang, Eric O'Grady) e origens, todas ligadas a Pym e ao supergrupo de heróis.

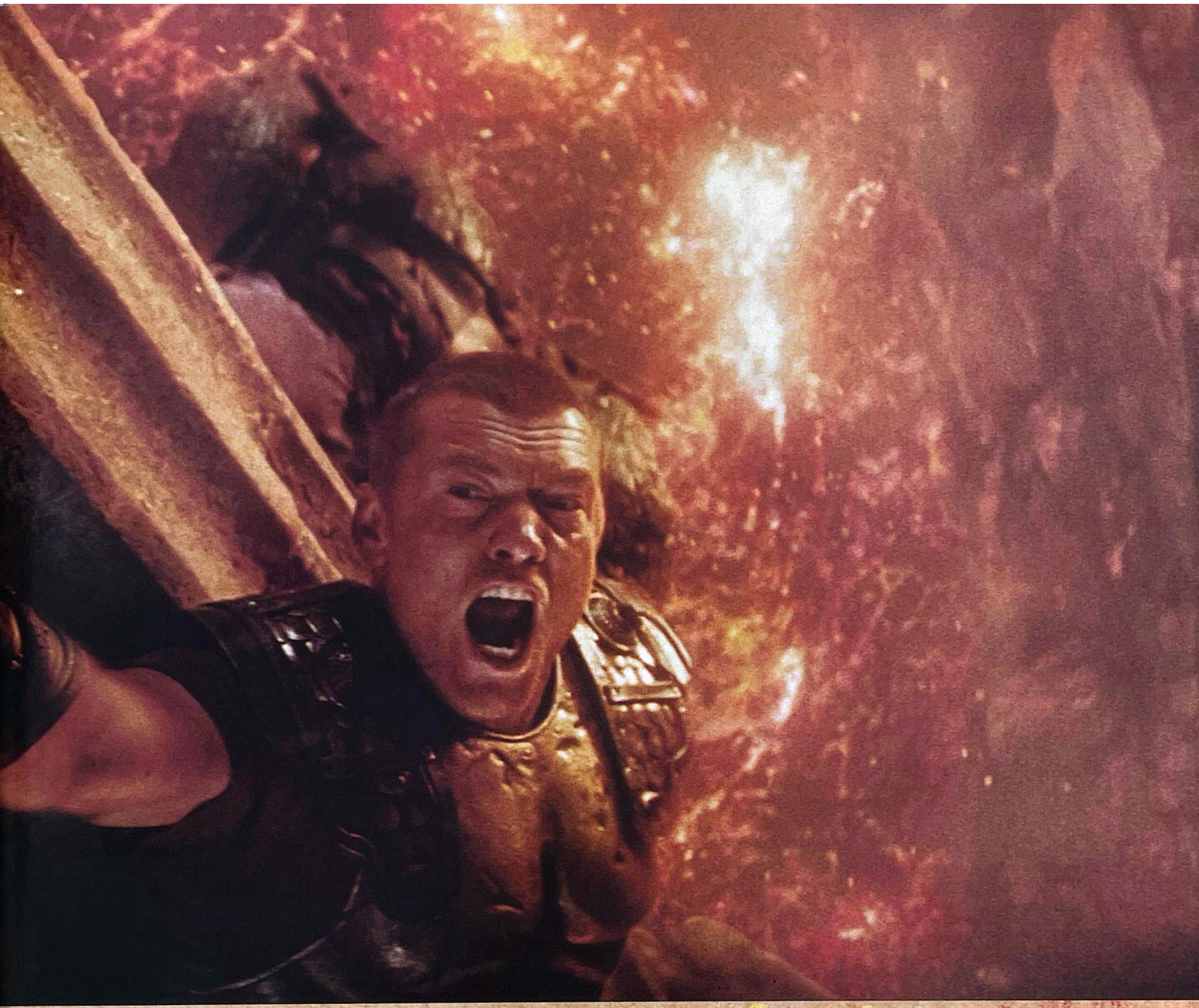
Data de estréia: 2012 (e olhe lá...)

Deuses e

ENCHE OS CINEMAS COM O USO DO 3D – E TAMBÉM ILUSTRA O

FOTOS: WARNER

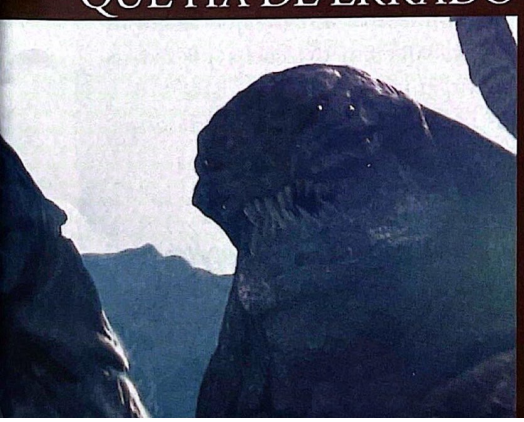


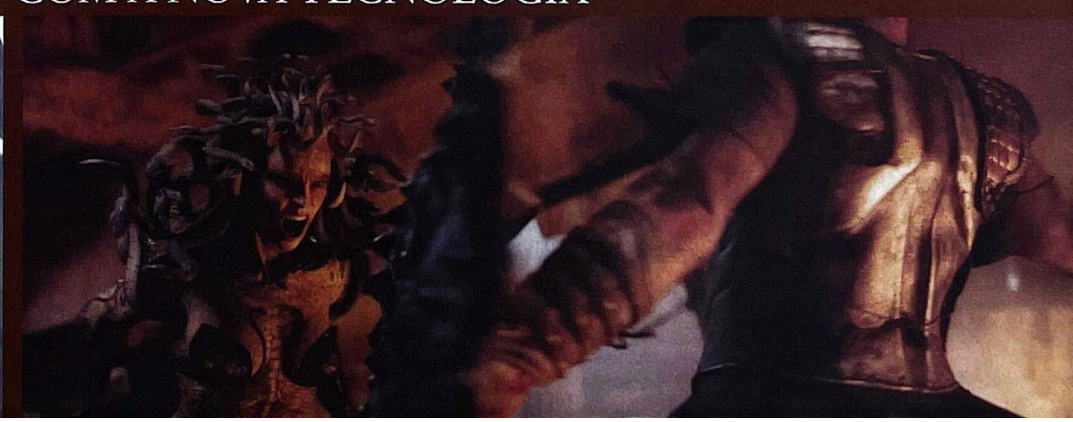


POR ROBERTO SADOVSKI

monstros

QUE HÁ DE ERRADO COM A NOVA TECNOLOGIA





Mundo brutal: Andrômeda (Alexa Davalos), Io (Gemma Arterton), Zeus (Liam Neeson) e Hades (Ralph Fiennes), entre o Céu e o Inferno

"Como estão as coisas aí no Brasil, as chuvas já diminuiram?" O diretor Louis Leterrier começa o papo preocupado. Afinal, as notícias das enchentos no Rio de Janeiro ganharam as manchetes do mundo inteiro, e foi no Rio que o diretor francês rodou seu primeiro blockbuster, *O Incrível Hulk*. "Tenho muitos amigos no Rio, nos morros também, espero que todos estejam bem", completa, apreensivo. A tragédia carioca contrasta com a alegria do enorme sucesso de *Fúria de Titãs*, refilmagem da aventura épica imortalizada pelas criaturas em stop-motion do mestre Ray Harryhausen em 1981. Louis Leterrier foi contratado para atualizar o filme. E os bilhões de *Avatar* motivaram sua polêmica conversão para o formato 3D.

O fato é que *Fúria de Titãs* foi planejado como um filme tradicional em 2D, então as câmeras que James Cameron usou em sua ficção científica jamais chegaram perto do set. A decisão do estúdio em fazer a conversão foi motivada pelos números inacreditáveis de *Avatar*, mas surgiu cercada de polêmica. Apesar de a transformação de um filme 2D em 3D ser um processo complicado e dispendioso, *Fúria de Titãs* ganhou seu "banho de loja" em sete semanas – seu lançamento foi adiado, mas os números provaram que a decisão foi acertada, ao menos do ponto de vista comercial. Em seu fim de semana de estréia nos EUA, a produção faturou cerca de 61 milhões de dólares, segunda maior abertura para o mês de abril (o recorde ainda é de *Velozes e Furiosos 4*, que embolsou 71 milhões ano passado), somando 140 milhões até o fechamento desta edição.

Muitos fãs, por outro lado, classificaram a conversão de inadequada e ineficaz, com efeitos grosseiros que chegam a dificultar a compreensão de cenas com muitas criaturas digitais ocupando a tela. "Filmar em 3D é um processo caro", explica o diretor. "Eu trabalhei da melhor forma que pude com as ferramentas à disposição. Pode não ter sido a melhor forma, mas a intenção foi a melhor para dar ao público uma motivação extra para aproveitar o filme no cinema." Leterrier ainda enxerga outra vantagem na conversão para 3D: "O efeito final não parece com o 'típico' filme em 3D, em que as coisas parecem voar em direção à platéia. É mais orgânico dentro da história, e é mais realista em relação ao mundo que a gente experimenta".

A conversão para 3D de Fúria de Titãs levou sete semanas, pouco tempo para um trabalho de qualidade, o suficiente para garantir sucesso nos cinemas

SAM WORTHINGTON

HERÓI EM ASCENÇÃO

Depois de combater robôs assassinos e preservar um planeta distante, o astro de *Fúria de Titãs* veste sandálias e empunha uma espada para vencer o mal – POR **STEVEN WEINTRAUB/COLLIDER.COM**

Sam Worthington pode até parecer um bruto, mas é um ator graduado pelo Instituto Nacional de Artes Dramáticas em Sydney, em sua nativa Austrália. Depois de vários papeis em filmes e na TV de seu país, foi escolhido por James Cameron para protagonizar *Avatar*, e o resto é história. Ao falar de *Fúria de Titãs*, Sam falou sobre as diferenças com o filme original, as comparações com *Guerra nas Estrelas* e como a visão de outras pessoas determina o heroísmo em você.

Com tantos projetos gigantes de que você participou, está difícil manter sua vida pessoal separada de seu trabalho?
Eu não entrei nessa para ser um astro. Eu quero ajudar a contar histórias. Quem quer ser famoso deve tentar o *Big Brother*. As pessoas podem escrever o que quiserem sobre mim, mas nenhuma delas realmente me conhece. Sei que a percepção é que eu sou um sujeito durão e heróico, quando eu sou o oposto. Mas trabalhar como ator é mergulhar em um papel e tentar imprimir algo de mim a cada personagem. Eu faço filmes que gostaria de ver, e meu trabalho é fazer com que a platéia não sinta que perdeu o dinheiro do ingresso.

***Exterminador*, *Avatar* e *Titãs* são filmes com muitos efeitos especiais. Vindo de uma escola de interpretação mais tradicional, é complicado trabalhar dentro desses aspectos técnicos?**
Qualquer trabalho como ator é uma extrapolação da imaginação. Não importa as ferramentas, seja tela verde, seja uma roupa de captura de movimentos, o objetivo é conseguir a verdade em circunstâncias imaginárias. Eu aprendi muito com *Avatar*, e disse a Louis que é absolutamente impossível atuar com o nada. Se você tentar acertar algo que não está lá, seus músculos não reagem. Então, mesmo com todas as criaturas, Louis colocou algo real no set, como sujeitos vestidos com trajes verdes e até um escorpião gigante de fibra de vidro. Sem falar que rodar em locação ajuda bastante.

É difícil lutar usando sandálias e uma saia?
Eu não usei sandálias. Eu usei um par de Nike com dedos pintados (*risos*) Sabia que ia trabalhar em terreno acidentado, e que teria muita correria envolvida, então me precavi. O terreno no País de Gales era terrível! Foi o pior lugar em que eu já filmei. Eu adoro Gales, mas trabalhar numa mina com chuva foi complicado – e você sabe que algo não vai bem quando toda equipe está usando capacetes, ao passo que você tem de trabalhar só com seu figurino. Sem falar nas sequências submarinas. Nem a pau eu faria *O Segredo do Abismo*! Não sei como Jim Cameron fez aquilo, rodar embaixo d'água é um pesadelo! São 25 ou 30 segundos no filme, mas levamos quatro dias para filmar!

Você era fã do *Fúria de Titãs* original?
Yeah! Eu revi antes de começar a trabalhar no novo para refrescar a memória. Todo mundo tem um certo carinho por ele, e eu entendo se os puristas quiserem nos crucificar. Mas do início a intenção de Louis era usar o original como ponto de partida, e seguir daí para uma história mais moderna. Os efeitos de Harryhausen eram fantásticos, mas eu sempre pensei o que a tecnologia de hoje podia fazer com eles. O mais importante, porém, era atualizar os temas, para que a garotada de hoje se identificasse mais. Isso de fazer as coisas como um Deus não me soava bem, é terrível uma criança achar que só pode ser bem sucedida se tiver os poderes de um deus. Por isso que insisti tanto com Louis para que a gente abraçasse a idéia de Perseu completando sua jornada como um homem.

Como desenvolver o histórico de tantos personagens em um filme que, em primeiro lugar, é entretenimento?
Foi importante manter o foco, a gente não queria que ninguém perdesse o foco durante o filme. É rápido, é divertido, mas não podemos perder de vista que é um grupo, que é uma jornada coletiva. Na verdade, é meio como *Guerra nas Estrelas*. Você tem seu Luke Skywalker, que é Perseu. Han Solo é o comandante Draco, que é o Mads Mikkelsen. Io é a princesa Lea. Até os civis que unem-se em nossa jornada são uma espécie de C-3P0 e R2-D2. O sujeito feito de madeira pode ser Chewbacca. Eu comentei isso com Louis, ele não entendeu e eu expliquei que é o princípio da jornada épica, são os arquétipos que precisamos seguir. Assim, cada personagem tem relevância, mesmo que não seja explicado de onde ele veio.

Qual sua definição de herói?
Lutar não é heróico. Ser heróico é se manter fora da moldura, é ajudar quando alguém está caído. Não é o sujeito no centro, é quem age como tal. Eu queria Perseu como um adolescente problema, pra mim o filme é sobre família. Ele perde a sua em uma tragédia e, em sua jornada, descobre uma nova, aprende a se acalmar e se torna adulto. O heroísmo não surge das coisas que você acredita ser capaz de fazer, e sim como outras pessoas te entregam essa responsabilidade. Acho que, no final, Perseu é um herói.

NÚMEROS MILIONÁRIOS

Um dos críticos mais vocais em relação à conversão para o formato tridimensional na pós-produção é o diretor James Cameron, que mostrou uma nova visão para o uso da tecnologia com sua ficção científica milionária. "O 3D não é um truque, é uma ferramenta narrativa", decretou em sua visita ao Brasil para o lançamento de *Avatar* em DVD e Blu Ray. "A idéia da imersão da platéia em um filme depende de como essa ferramenta é usada. Para uma conversão em pós-produção ficar perfeita, ele tem de ser feita com tempo e dinheiro – eu mesmo estou trabalhando em um novo corte de *Titanic* no formato." Peter Jackson assina embaixo de Cameron, e diz que para transformar a trilogia *O Senhor dos Anéis* em 3D, gastaria muito tempo e dinheiro, o que, às vésperas de começar a produção de *O Hobbit*, não está em seus planos.

Outros profissionais não enxergam a tendência como nada além de uma moda passageira. Wally Pfister, diretor de fotografia dos filmes de Christopher Nolan, de *Amnésia* a *Batman – O Cavaleiro das Trevas*, até o ainda inédito *A Origem*, explica que o 3D não lhe desperta interesse. "Brad Bird disse que a gente tinha de rodar *Batman 3* em Imax, e é nosso plano", conta em entrevista ao *Cinematical*. "Deus queira que essa moda de 3D já tenha passado quando chegar a hora de trabalhar no filme." O fotógrafo defende o formato, "mas em brinquedos de parque de diversões, já que ele não é realista e não passa de uma distração".

Uma nova dimensão: Perseu grita mais alto em 3D (a imagem acima requer um óculos 3D tradicional, de lente vermelha e azul)

Ao que parece, porém, a indústria está alinhada com Louis Leterrier e o trabalho de conversão em pós-produção – ao menos por enquanto. Os números também não mentem. "A platéia sabe que estamos nos esforçando para aumentar o fator diversão dentro do cinema", dispara o responsável por *Fúria de Titãs*. "Não vejo ninguém tendo problemas em pagar mais por ingressos para uma sessão em 3D." Os fatos falam por si. *Alice no País das Maravilhas*, de Tim Burton, que também foi convertido para o formato em pós-produção, é um sucesso de inacreditáveis 828 milhões de dólares. Todas as animações digitais, sejam da Pixar (*Toy Story 3*), sejam da DreamWorks (*Shrek Para Sempre*), precisarão de óculos com lentes polarizadas para ser apreciadas ao máximo. O próximo *Harry Potter* será lançado em 3D, assim como *Lanterna Verde* e todos os principais lançamentos do cinemão. No Brasil, filmes em 3D com legendas já são realidade. Este é o futuro.

BELOS OLHOS

E do futuro de *Avatar* para o passado de *Fúria de Titãs*, uma constante em 3D é o ator Sam Worthington. Embora o sucesso de nenhum dos filmes deva ser creditado a ele, o fato é que Worthingon foi o sujeito certo no lugar certo, encabeçando o elenco de filmes que conquistam a atenção da platéia (é até difícil lembrar que ele esteve em *O Exterminador do Futuro – A Salvação* há menos de um ano). No papel de Perseu, é dele a função de embarcar numa jornada para antagonizar deuses e destruir monstros. Mesmo que, na versão 2010 da aventura, tanto tenha se perdido ou modificado. No filme de 1981, por exemplo, o que impelia a busca de Perseu (interpretado por Harry Hamlin) era o amor pela princesa Andrômeda, condenada ao sacrifício para aplacar a fúria divina de Zeus. Esse amor, no novo filme, desapareceu por completo.

Belos e monstruosos: Perseu é escolhido pelo cavalo alado, Pégaso; o Rio da Morte é território de Caronte, que – surpresa! – não é digital

Uma das principais mudanças em relação ao filme de 1981 é a motivação da jornada de Perseu: sai o amor por uma princesa, entra o desejo de vingança

"Eu sei que posso parecer cínico, mas não acho que um exército seria reunido na visão de hoje pelo amor de um homem por uma mulher", explica Leterrier. "Eu precisava de realismo, e não de uma jornada pelos belos olhos de uma princesa." Assim, a história de Perseu é levemente modificada. Ele ainda é um semideus, filho de Zeus (Liam Neeson) com uma mortal, e abandonado ao mar ainda bebê para morrer ao lado de sua mãe. Criado como um pescador por seus pais adotivos, ele vê sua família perecer como "dano colateral", quando o deus Hades (Ralph Fiennes) ataca soldados indignos com as mortais Fúrias. "Perseu sentiu a dor de ter sua família morta pelos deuses, e quando ele vê Andrômeda ameaçada para assegurar a sobrevivência de Argo, decide defendê-la", continua. "É uma jornada de vingança, para assegurar que ninguém mais sofra nas mãos dos deuses como ele."

Outros elementos do *Fúria* original, que foi dirigido por Desmond Davis, também ressurgem alterados. Calibos, filho amaldiçoado de Afrodite e herdeiro do trono de Argo, se transformou aqui no marido da mulher violada por Zeus, e condenado a uma vida como pária após ser deformado pelo deus. Io (Gemma Arterton) surge não só como outra filha de deuses, uma imortal que acompanha Perseu desde bebê, como também se revela um interesse amoroso mais sólido quando Andrômeda não parece na trama ter lugar no coração do herói.

MESTRE APOSENTADO

Mais grave, talvez, seja a inclusão de atores de peso, como Danny Huston, em cena como o deus Poseidon proferindo exatamente uma única frase. "A idéia de Danny como Poseidon é pensar em uma continuação em que ele tivesse mais destaque", justifica Leterrier. "Hoje em dia é impossível planejar um filme do porte de *Fúria de Titãs* sem pensar no futuro, sem pensar numa forma de ampliar a marca e de fazer mais filmes com o mesmo tom mitológico." Este é também o motivo de criar tantos novos monstros, usando o melhor que a tecnologia digital pode oferecer: além das Fúrias, que são uma manifestação física do poder destruidor de Hades, a aventura traz o cavalo alado Pégaso ("Eu odeio aquele cavalo", brinca Sam Worthington. "Ele fez *Alexander* e *Príncipe da Pérsia* e acha que é um astro, tentou me morder toda vez que eu me aproximava."), a mortífera e veloz Medusa e o Kraken, flagelo de Argo cuja destruição é o objetivo da busca de Perseu. Curiosamente, Caronte, barqueiro do Rio dos Mortos, não é um efeito digital, e sim um bom e velho boneco animatrônico.

Perguntado se ele voltaria para mais uma incursão no mundo de *Fúria de Titãs*, Louis Leterrier deixa o profissional de lado e abraça seu lado fã. "Quando a (*produtora*) Legendary Pictures me chamou para dirigir, foi uma surpresa", entusiasma-se. "Eu lembro de enlouquecer quando assisti ao filme original quando era pequeno, precisei conter o entusiasmo." A primeira coisa que ele fez ao assinar a linha pontilhada foi procurar o lendário Ray Harryhausen, o homem das maravilhas em stop-motion. "Ele desejou boa sorte, mas está aposentado e não quis nenhum envolvimento com o novo filme", lamenta Leterrier. Talvez porque Harryhausen seja do tempo em que o amor, e não a vingança, determina a jornada de um herói. ■

A GUERRA INVISÍVEL

POR ROBERTO SADOVSKI, DE NOVA YORK

Matt Damon e o diretor Paul Greengrass exploram o Iraque ocupado no thriller *Zona Verde*

O oficial militar Roy Miller (Matt Damon) é um homem cauteloso. Observando as informações da inteligência do Exército Americano, ele e seus homens se preparam para invadir mais um lugar no Iraque ocupado. É 2003, e a missão de Miller é encontrar as armas de destruição em massa que impulsionaram o governo George W. Bush a derrubar o regime de Saddam Hussein e libertar o mundo de uma ameaça nuclear. É o terceiro depósito que o militar e seus homens invadem, e é a terceira vez que eles não encontram nada. É também a hora em que Roy Miller começa a questionar a veracidade das informações que ele recebe – por tabela, os próprios motivos para ele estar lutando na guerra.

"Miller não existe", brada o diretor Paul Greengrass, que comanda sua terceira parceria com Matt Damon – as anteriores foram *A Supremacia* e *O Ultimato Bourne*, que ajudaram a redefinir o mapa do cinema de ação neste novo século. "*Zona Verde* é um thriller, uma ficção baseada em fatos reais. Mas não é um documentário, não é sobre a guerra. E não é um filme político." Palavras ousadas vindas do homem que, em 2002, criou um dos mais inflamados retratos do cinema político com *Domingo Sangrento* e, quatro anos depois, recriou eventos que entraram para a história como parte da tragédia do 11 de Setembro com *Vôo United 93*.

Jason Isaacs, que interpreta Briggs, militar que age como cão de guarda, seguindo os passos de Miller, corrobora a tese. "*Zona Verde* é um thriller, um filme de ação ambientado num lugar real", afirma. "Mas é entretenimento, não defende teses e nem quer passar mensagens." Seguindo a linha realista de Greengrass, a produção usa militares de verdade e se apóia em um roteiro (de Brian Helgeland, baseado no livro de Rajiv Chandrasekaran) que tenta jogar uma luz nos bastidores da invasão do Iraque, mas sem conexão com fatos reais: "Roy Miller é um personagem de ficção", finaliza Damon.

Zona Verde questiona a veracidade das informações passadas pelo Pentágono aos soldados no Iraque

BOURNE VAI A GUERRA

Distanciar *Zona Verde* de qualquer traço de "realidade" para classificá-lo como um thriller em primeiro lugar parece ser uma estratégia lógica do estúdio, levando-se em conta os resultados desanimadores que as produções abordando a Guerra do Iraque apresentaram nas bilheterias. É como se a platéia ianque, farta de um conflito que, mesmo com um novo presidente na Casa Branca, parece não ter fim, simplesmente dê de ombros para a idéia de sair de casa e pagar um ingresso para, no cinema, ver o que o noticiário bombardeia há anos. Colocar o time responsável pelo segundo e terceiro *Bourne*, sucessos acachapantes nas bilheterias, parecia a estratégia perfeita para marcar o fim da "maldição".

A prática, porém, atropelou a teoria, e *Zona Verde*, desde sua estréia nos Estados Unidos em 12 de março, faturou tímidos 35 milhões de dólares – frente a um custo de produção de estimados 100 milhões. Não que Greengrass estivesse pensando em números. Quando conversou com SET, o diretor reafirmava que seu desejo era contar uma história que esbarrasse em fatos reais, mas que espelhasse seu trabalho em *Supremacia* e *Ultimato* como um thriller de ação capaz de empolgar a platéia. Mesmo que *Zona Verde* não tenha nada de "Bourne Vai à Guerra".

"A ausência de armas de destruição em massa no Iraque me pareceu um ponto de partida intrigante", diz o diretor. "Como espectador de toda a ação do governo Bush, e do fiasco do exército em encontrar as tais armas que o fez invadir um país em primeiro lugar, imaginei em quem repousaria a culpa. Seria incompetência, seria um erro estratégico? Ou seria uma desculpa para controlar um lugar tão rico?" Abusando do estilo semi-documental que o cineasta imprimiu às aventuras do espião sem memória – câmera na mão, cortes rápidos – *Zona Verde* ganha autenticidade quando usa em cena homens que, de fato, estiveram no Iraque e de lá saíram frustrados por não terem cumprido sua missão.

ERRO OU MENTIRA?

"Eu conheci muitos Roy Miller", conta Damon, uma semana antes de perder o Oscar de melhor ator coadjuvante para Christophe Waltz. "A diferença é que o oficial que inspirou meu personagem achou que havia algo errado já em sua primeira missão, quando os informes da inteligência se mostraram clara-

FOTOS: UNIVERSAL

Lados opostos?: Jason Isaacs e Matt Damon defendem o mesmo país com métodos... diferentes

Conflito em celulóide Cinco filmes que mostram (e bem) a Guerra no Iraque

O MENSAGEIRO *(2009)*
Woody Harrelson é um capitão que, ao lado de um sargento que acabou de voltar do Iraque (Ben Foster), tem a tarefa de informar a famílias nos EUA que seus parentes morreram no conflito. Quando o personagem de Foster se envolve com uma viúva, todos descobrem que as marcas da guerra não ficam só com quem esteve no campo de batalha.

FAHRENHEIT 11 DE SETEMBRO *(2004)*
O documentário que Michael Moore rodou em 2004 (que foi completamente ignorado pelo Oscar) explora, em sua maneira explosiva e sensacionalista – mas não menos verdadeira –, os motivos que levaram George W. Bush a invadir o Afeganistão e o Iraque sob o calor dos atentados do 11 de setembro.

GUERRA AO TERROR *(2008)*
O vencedor do Oscar 2010 talvez seja o melhor filme produzido sobre o conflito, abordando não os motivos que levaram os EUA a entrar em guerra ou suas conseqüências: ao se concentrar na rotina de uma equipe designada a desmantelar bombas no campo de batalha, a diretora Kathryn Bigelow mostra como a guerra pode ser uma droga poderosa e viciante.

UM TÁXI PARA A ESCURIDÃO *(2007)*
Neste documentário (vencedor do Oscar) de Alex Gibney, o foco é um taxista afegão que foi torturado e morto pelo exército americano em 2002. Gibney não usa o mesmo estilo espalhafatoso de Michael Moore e, talvez por isso, seu filme traga um tom mais sério, mostrando a mudança do tratamento de prisioneiros que o 11 de setembro trouxe e os abusos cometidos por quem, em teoria, venceu o conflito.

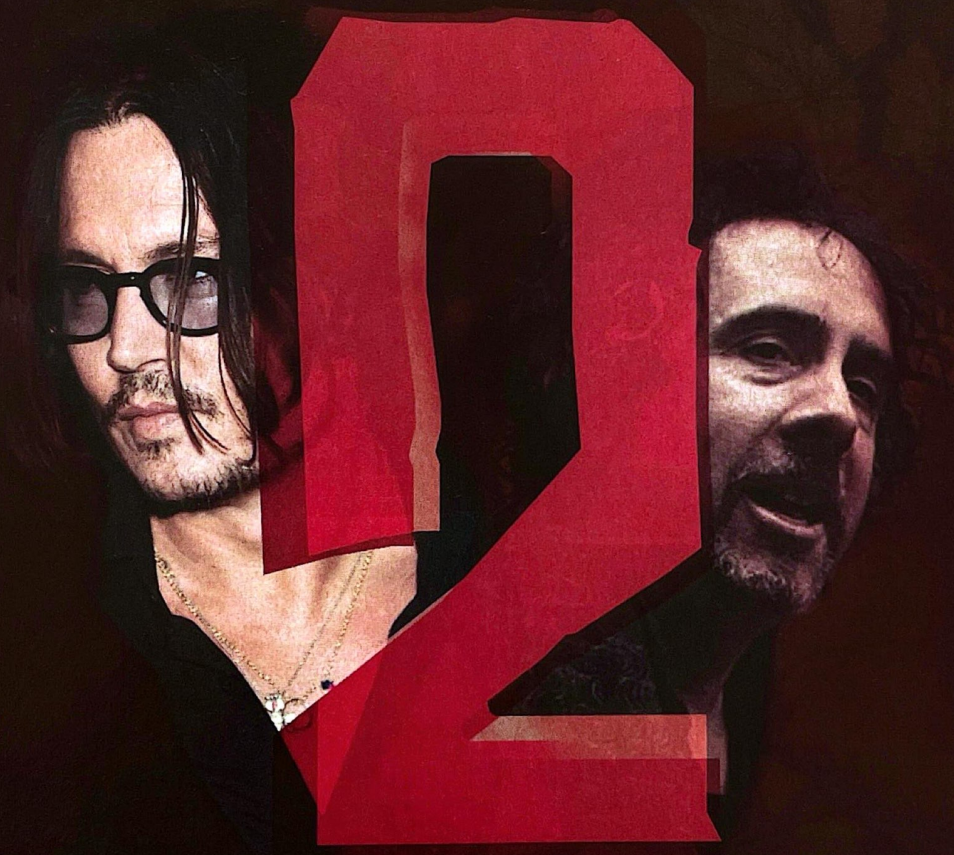
NO VALE DAS SOMBRAS *(2007)*
O diretor de *Crash*, Paul Haggis, mostra um homem em busca da verdade sobre a morte de seu filho, soldado que acabou de voltar para casa depois de dezoito meses no Iraque. A verdade por trás de sua morte pode revelar mais do que um pai desesperado gostaria de descobrir.

mente errados." No pelotão comandado por Damon, os "atores" em cena são, na verdade, militares que retornaram de seu tempo no Iraque e que trazem em mente os mesmos questionamentos levantados pelo filme. "Ainda assim, todos evitam emitir uma opinião, já que o dever de um soldado no campo de batalha é cumprir suas ordens – a hierarquia determina quem está certo ou errado", comenta o ator.

Em *Zona Verde*, Miller passa a questionar a veracidade das informações, o que de imediato o faz entrar em choque com Clark Poundstone (Greg Kinnear), elo de ligação dos homens em campo com o Pentágono, que justifica a invasão com a busca pelos artefatos bélicos. O agente da CIA Martin Brown (Brendan Gleeson) passa a guiar os passos do militar, apontando a possível identidade do informante do Pentágono (um general fiel a Saddam), e Miller passa a tentar entender os motivos que fizeram seu país entrar em guerra: será que o informante é real e existe mesmo perigo nuclear ou será que os EUA foram feitos de trouxa por dissidentes de olho no poder?

"Minha personagem recebe informações direto do Pentágono e por isso ela não questiona a princípio sua veracidade", conta Amy Ryan, que interpreta Lawrie Dayne, uma repórter fictícia do *Wall Street Journal*. "Acredito que a mídia na época pensasse o mesmo: se o governo americano recebe informações erradas, ou está simplesmente mentindo, em quem confiar para escrever as reportagens? Em quem o público vai confiar?" *Zona Verde* não pretende dar essa resposta, e sim criar um plot de ficção dentro desse cenário. "A idéia de Paul sempre foi fazer entretenimento, e não mostrar fatos", insiste Jason Isaacs. "Filmamos no Marrocos, na mesma região em que Ridley Scott fez *Falcão Negro em Perigo* e *Rede de Mentiras*. As explosões eram reais, os figurantes eram reais. Mas é um filme, ainda é ficção." Seja fato, seja fantasia, os números de *Zona Verde* provam uma coisa: quando o assunto é a guerra do outro lado do mundo, em que corpos ainda são mandados para casa em sacos plásticos e Barak Obama, o representante de uma nova era, ainda não sabe como colocar um fim à presença americana numa terra estrangeira ("zona verde" era o nome da área desmilitarizada no coração de Bagdá), a platéia ainda prefere se perder na fantasia de *Alice no País das Maravilhas*. ■

O MONSTRO DE 2 CABEÇAS



Com a chegada aos cinemas da nova visão de Alice no País das Maravilhas, *SET desce a toca do coelho e celebra a brilhante e bizarra parceria de Johnny Depp e Tim Burton, lembrando seus filmes juntos como profissionais, parceiros e amigos*

1990: EDWARD MÃOS-DE-TESOURA

Um monstro gentil, uma visão muito peculiar do American Way of Life *e o começo de uma parceria espetaculat*

FOTO: FOX

A primeira parceria do ator Johnny Depp com o diretor Tim Burton se deu em momentos muito diferentes da carreira de ambos. Burton, que já vinha de uma bem comentada carreira de curtas, estreou no longa com elogios da crítica em *As Grandes Aventuras de Pee Wee* (1995), que lucrou quase sete vezes seu modesto orçamento (6 milhões de dólares). Mas ele chamou mesmo a atenção com o sucesso de *Beetlejuice – Os Fantasmas se Divertem* (1988), com Alec Baldwin, Geena Davis e Winona Ryder, no qual iniciou uma colaboração de três filmes com o ator Michael Keaton. O filme custou 15 milhões e rendeu quase 75 milhões à época (e um Oscar de maquiagem), o que deu carta branca para Burton ser sombrio como queria no primeiro *Batman* (1989), com Keaton e Jack Nicholson, aposta do estúdio para revitalizar o Homem-Morcego no cinema. Este ficou mais de cinco meses em cartaz nos EUA (eram outros tempos!) e chegou aos 252 milhões, além do Oscar de direção de arte. Ou seja, Burton encara *Edward Mãos-de-Tesoura* no auge do respeito hollywoodiano, pela primeira vez como produtor. O sucesso foi mediano, mas adquiriu instantânea aura cult. Já Depp chegou às mãos de Burton apenas como um dos protagonistas da telessérie de sucesso *Anjos da Lei* (1987-90). Ele foi coadjuvante em filmes famosos, como o primeiro *A Hora do Pesadelo* (1984) e *Platoon* (1986), de Oliver Stone, mas até ostentar pesada maquiagem, cabeleira estranha e mãos afiadas, e a expressão de quem ainda não sabe seu lugar no mundo, seu projeto de maior prestígio em cinema fora protagonizar o indie *Cry-Baby* (1990), de John Waters.

1994: ED WOOD

A biografia do pior diretor da história de Hollywood marca a maturidade de Burton e a guinada na carreira de Depp

Na segunda cruzada de caminho dos dois, Burton continuava em evidente ascensão de prestígio. Ele co-produziu a série animada pra TV *Os Fantasmas se Divertem* (1989-91) e criou gigantesca expectativa em torno de *Batman – O Retorno* (1992), a conclusão da parceria com Keaton. O orçamento à sua disposição foi quase três vezes maior do que a do primeiro filme da franquia, mas isso só acentuou o fôlego menor do filme, que ficou nos 162 milhões depois de quatro meses em cartaz nos EUA. A Warner ficou decepcionada com o resultado, e Burton foi substituído por Joel Schumacher na direção dos dois longas seguintes, numa das resoluções mais controversas da Hollywood contemporânea. Mas a estrela de Burton continuava forte, a ponto de ele ter encarado seu primeiro projeto de animação em longa, como produtor e inspirador para *O Estranho Mundo de Jack* (1993), dirigido por Henry Selick. No ano de estreia, o filme triplicou seu orçamento nas bilheterias, mas conquistou nova aura cult a ponto de ter sido continuamente relançado em cinemas na época do Halloween. Viria então sua obra mais pessoal até o momento: a biografia do considerado pior cineasta de todos os tempos e adepto do travestismo e, pior!, num filme em preto-e-branco. Co-produzido por Burton, foi seu primeiro fracasso de bilheteria, mas levou o Oscar de ator coadjuvante para Martin Landau e também a estatueta de maquiagem. O filme aumentou o prestígio do cineasta, assim como também ajudou Depp a incrementar sua imagem para além do mero galã jovem. O ator já começava a mostrar preferência por projetos mais artísticos, mas de pouca visibilidade, protagonizando, apenas em 1993, *Arizona Dream – Um Sonho Americano*, de Emir Kusturica, *Benny & Joon – Corações em Conflito*, de Jeremiah S. Chechik, e *Gilbert Grape – Aprendiz de Sonhador*, de Lasse Hallström. E no mesmo ano em que ninguém o viu como Ed Wood, muitos se renderam ao seu charme como *Don Juan DeMarco*, de Jeremy Leven, drama romântico capitaneado pelo hit "Have You Ever Really Loved a Woman?", de Bryan Adams

FOTO: BUENA VISTA

1999: A LENDA DO CAVALEIRO SEM CABEÇA

A aventura gótica que transformou o astro num herói esquisito e se tornou um sucesso de 100 milhões de dólares

Depois de Ed Wood, Burton recuperou um pouco do dinheiro perdido apenas produzindo *Batman Forever* (1995), que, mesmo achincalhado por fãs, rendeu nos EUA 184 milhões – mas depois de um custo de praticamente 100 milhões. E Burton também voltou a trabalhar com Henry Selick em outra animação em stop-motion, desta vez com trama mais comportadamente infantil, *James e o Pêssego Gigante* (1996), mas que não repercutiu. Burton decidiu realizar então sua comédia mais assumida, quase pastelão, num estilo meio Ed Wood com bom orçamento: a comédia de ficção científica *Marte Ataca!* (1996). Com elenco estelar (Jack Nicholson, Glenn Close e Annette Bening, entre muitos), fracassou e rendeu em solo americano apenas metade do que custou. Depois dessa, Burton retornou ao registro sombrio que o consagrou no luxuoso *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça* que, indicado também aos Oscar de fotografia e figurino, levou o de direção de arte. A terceira parceria com Depp quase fez cabeças rolarem, pois mal chegou aos 100 milhões nas bilheterias americanas, e as expectativas eram mais altas. Afinal de contas, nos cinco anos que separam Don Juan de Marco e *A Lenda...*, Depp viu seu nome brilhar cada vez mais junto à mídia. Mas que se denote: ele se manteve fiel a filmes "estranhos" e autorais – trabalhou com Jim Jarmusch no faroeste existencial *Dead Man* (1995), com Mike Newell no respeitado drama policial *Donnie Brasco* (1997) e com Terry Gilliam no alucinado e controverso *Medo e Delírio* (1998). Arriscou-se também na direção de *O Bravo* (1997), onde interpretou um descendente de índios em descida ao inferno. Mas suas tentativas de sucesso em filmes de gênero foram ignorados pelo grande público: o thriller *Tempo Esgotado* (1995), de John Badham, e o terror *O Último Portal* (1999), de Roman Polanski. O fato de Depp estar à frente de *A Lenda...*, como o covarde Ichabod Crane, ainda significava apenas a união de dois amigos muito bizarros brincando de fazer cinema grande...

PARAMOUNT

2005: A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE

Tim Burton enlouquecido + Johnny Depp, astro de cinema = arrasa-quarteirão

Desde cedo, Burton sempre demonstrou interesse em recontar a clássica história de Roald Dahl, eternizada numa versão musical em 1971 com Gene Wilder. É claro que, para Burton, não poderia haver outro Willy Wonka se não Depp. Mas antes desta quarta colaboração, o diretor realizou talvez seu projeto mais equivocado: a nova versão para *Planeta dos Macacos* (2001), com um fraquíssimo Mark Wahlberg. O filme não chegou a fazer feio (180 milhões nos EUA, contra um orçamento de 100 milhões), mas é consenso considerá-lo piada involuntária. É também sua primeira associação com a atriz Helena Bonham Carter, parceira de obra e vida desde então. Em seguida, o cineasta revisita a sensação de suburbia pouco realista de *Edward Mãos-de-Tesoura* em seu delicado *Peixe Grande* (2003), cujo maior feito foi a primeira indicação ao Oscar de trilha sonora para Danny Elfman num filme de Burton, parceria esta que vem desde 1985. Neste elogio à mentira, ao "quem conta um conto..." as bilheterias americanas mal empataram seu custo de 70 milhões. Mas então vieram as altas esperanças com Willy Wonka. Foram 207 milhões de bilheteria em solo americano, para um considerável custo de 150 milhões. E Depp assumiu este sintomático personagem no melhor momento de sua carreira: depois do elogiado papel coadjuvante em *Antes do Anoitecer* (2000), de Julian Schnabel, em que interpretou o travesti Bon Bon, ele protagonizou o drama romântico *Chocolate* (2000), novamente sob a direção de Lasse Hallström; em *Profissão de Risco* (2001) foi George Jung, responsável por implantar o tráfico de cocaína dos States nos anos 70; estrelou a adaptação da violenta graphic novel *Do Inferno* (2001), dos irmãos Albert e Allen Hughes, e divertiu-se em *Era Uma Vez no México* (2003), de Robert Rodriguez – e reparem, ao lado respectivamente de Juliette Binoche, Penélope Cruz, Cameron Díaz e Salma Hayek. Nada mal. Mas aí veio o arrasa-quarteirão *Piratas do Caribe – A Maldição do Pérola Negra* (2003)... (continua a seguir...).

WARNER

2005: A NOIVA-CADÁVER

Amigo ajudando amigo em um trabalho macabro de paixão, criado em stop-motion

WARNER

Em 2003 Johnny Depp estrelou o blockbuster que fez sucesso acima do esperado e que mudou sua vida. O primeiro *Piratas do Caribe* rendeu mais de 300 milhões nos EUA, deu lucro e criou uma das mais importantes franquias da década. Depp, agora um nome popular globalmente, teve também sua primeira indicação ao Oscar de ator, e por uma aventura cômica e mirabolante, vencendo a barreira final de preconceito ao criar, com Jack Sparrow, um dos personagens mais icônicos do cinema moderno. Repetiu a dose ao ser indicado no ano seguinte por *Em Busca da Terra do Nunca*, interpretando J.M. Barrie, o escritor que concebeu Peter Pan e a Terra do Nunca. Depp caiu nas graças da indústria de Hollywood. Não importa que nesse meio tempo ele tenha protagonizado filmes comentados, mas pouco vistos, como *A Janela Suspeita*, de David Koepp, e *O Libertino*, de Laurence Dunmore, ambos de 2004. Ao ser perguntado sobre como era ter um grande astro em dois filmes próprios no mesmo ano, como o Willy Wonka d' *A Fantástica Fábrica de Chocolate* e a voz do protagonista de *A Noiva-Cadáver*, Victor van Dort, Burton respondeu que Depp sempre fora um astro. Mas, acima de tudo, eles são grandes amigos e de longa data. Quem aqui dubla o personagem enamorado por uma defunta não é Depp o astro, mas Depp o parceiro. E além do mais, Burton assina, em parceria com Mike Johnson, sua primeira animação em longa na carreira, um romance gótico-musical. O filme teve repercussão aquém do esperado, com sucesso mediano, apesar dos muitos elogios da crítica. Mas por ter sido indicado ao Oscar de melhor animação, esta foi de fato a primeira indicação direta para a estatueta na carreira de Burton (como produtor), cujos filmes foram consagrados por atores e parte técnica, mas nunca por seu criador máximo.

2007: SWEENEY TODD

Um astro solta a voz, um diretor comanda seu primeiro musical, a parceria é consolidada

WARNER

E Tim Burton arriscou seu primeiro musical assumido com atores de carne e osso, depois dos lampejos presenciados na fantástica fábrica, num entrecho adequadamente sombrio e sanguinolento adaptado de original de Stephen Sondheim e Hugh Wheeler. Em maravilhosos tons de preto & branco, apenas o sangue no filme jorra muito e em vermelho intenso. Humor negro e uma ótima química entre Depp, aqui como o enlouquecido barbeiro Sweeney Todd, e Helena Bonham Carter, como a vizinha e cúmplice nos crimes sra. Lovett, na maior oportunidade já dada por Burton à atriz. O filme exige paladares extremos do público e por isto apenas empatou seu custo nas bilheterias americanas (em torno de 50 milhões). Mas significou nova consagração crítica para a dupla, com Depp recebendo sua terceira indicação ao Oscar, e desta vez por um musical lúgubre, e o filme ainda levando indicação por figurino e conquistando a estatueta por direção de arte. Depp não tinha (e não tem) do que reclamar. Essa terceira indicação surgiu logo depois das lucrativas estreias das partes seguintes da franquia *Piratas do Caribe*, filmadas simultaneamente e a altíssimos custos: *O Baú da Morte* (06) e 423 milhões nas bilheterias americanas, e *No Fim do Mundo* (07) com "decepcionantes" 310 milhões nos caixas americanos. Depois disso, Burton ainda co-produziu a animação também em stop-motion *9 – A Salvação* (09), de Shane Acker. E antes de se dedicar ao Chapeleiro Louco, Depp encontrou tempo e cachê para interpretar John Dillinger no elogiado *Inimigos Públicos* (09), de Michael Mann, e para ajudar a salvar a pátria do cineasta Terry Gilliam em *O Mundo Imaginário do Dr. Parnassus* (leia crítica em Cinema)

DISNEY

2010: ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

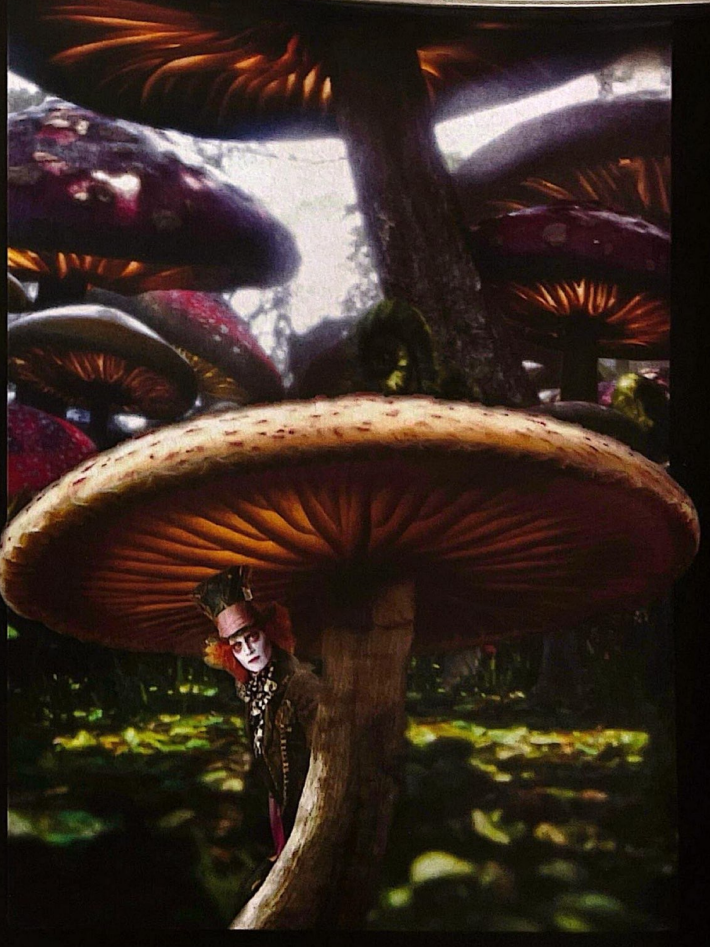
Johnny Depp mergulha (e fica zonzo) no universo imaginário de Tim Burton

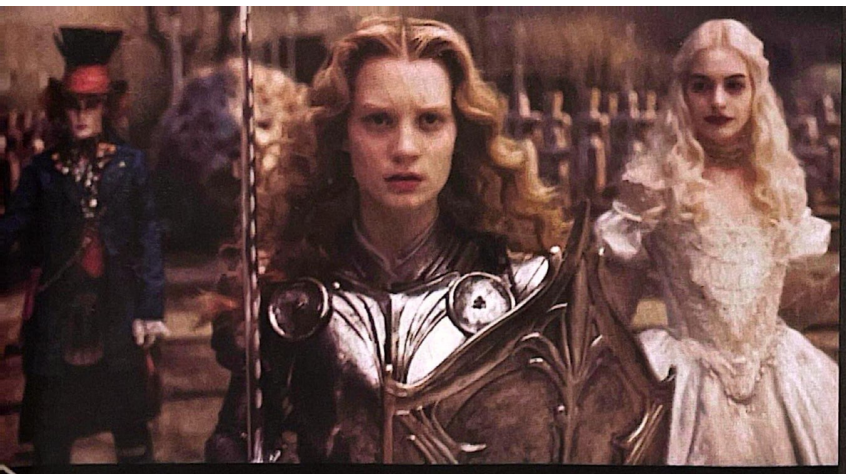
POR **CHRISTIAN PETERMANN**

O excêntrico astro e galã Johnny Depp está acostumado a contracenar com efeitos especiais, ainda mais depois de se tornar milionário com a franquia Piratas do Caribe. Mesmo assim, ele considerou "exaustivo" o trabalho em Alice no País das Maravilhas referindo-se à quantidade de cenas em que, nas vestes de Chapeleiro Louco, atuou à frente de green screens, telas verdes usadas de fundo para depois se aplicar digitalmente inteiras concepções virtuais, em cenários e efeitos. Depp se dizia muitas vezes zonzo ao final de um dia de filmagens. Afinal, apenas poucos cenários do filme foram de fato construídos, entre eles a sala do trono da Rainha Vermelha. O resto foi obra da magia de última geração. A sétima colaboração do ator com o cineasta Tim Burton é por isso a mais complexa em termos visuais e tecnológicos. Afinal, é de se imaginar que Burton, dono de uma das mentes mais criativas do cinema contemporâneo, fosse se esbaldar com as possibilidades audiovisuais do clássico livro de Lewis Carroll, publicado em 1865 e aqui em sua enésima versão (o site imdb acusa cerca de quarenta versões, sendo a primeira já nos idos de 1903).
Alice chega agora ao mundo do entretenimento em 3D e em IMAX, num evidente reflexo da era Avatar. Burton rodou seu filme em 2D (afinal, o universo onírico de Carroll e a imaginação fértil e febril de Burton já sustentariam o espetáculo), mas ele optou também pela conversão pro 3D depois de ter ficado satisfeito com o resulto desse processo em sua produção O Estranho Mundo de Jack (1993). O visual se tornou assim ainda mais impactante, justificando em larga margem a maior bilheteria da carreira de Burton (até o fechamento desta edição, 325 milhões de dólares apenas nos EUA), mesmo também sendo, naturalmente, o filme mais caro que ele já realizou (por volta de 250 milhões).

NATUREZA LISÉRGICA

A leitura de Burton para a famosa fábula sugere uma revisita: sua heroína tem 19 anos, é uma jovem mulher às vésperas de um casamento imposto pela família e, num novo impasse em sua vida, cai na toca do coelho e, sem lembranças, refaz praticamente a mesma trajetória originalmente imaginada por Carroll para uma Alice menina. Mas não em Wonderland (o País das Maravilhas): o roteiro nomina o cenário da aventura de Underland (o País Subterrâneo, ou o Submundo). O cineasta escolheu a dedo a atriz Mia Wasikowska para dar um rosto mais circunspecto à personagem. Ela ganhou nos testes de seleção de atrizes como Lindsay Lohan e Amanda Seyfried (de Querido John, leia crítica em Cinema), e Burton





declarou que a escolheu por causa de sua presença "grave, densa". Australiana, ela teve papéis coadjuvantes de destaque em Um Ato de Liberdade (2008), de Edward Zwick, e Amelia (2009), de Mira Nair.

Com obstáculos mais portentosos, um Chapeleiro Louco mais atuante (afinal de contas, é Depp!) e algumas licenças dramáticas bem "burtonianas", o filme transporta o País das Maravilhas para a sensibilidade blockbuster dos multiplexes. Não à toa, é a primeira vez que um filme de Burton recorre a uma "canção encomendada para os créditos finais", que no caso é a balada "Alice (Underground)", da roqueira para massas Avril Lavigne. O cineasta não deixa, porém, de destilar traços da psicodelia inerente ao romance, numa embalagem de luxo. Os atores ingleses Stephen Fry e Alan Rickman, por exemplo, dublam no original, respectivamente, o Gato Risonho, com um sorriso que chega a preencher a lua logo no início, e a Lagarta Azul, cuja interferência na história é incrementada por Burton até a cena final. A natureza lisérgica destes personagens faz Burton se divertir, mas sempre nos limites de uma classificação indicativa 10 anos, bem respeitada pelo roteiro de Linda Woolverton (que colaborou nos roteiros de três clássicos da animação Disney nos anos 1990: A Bela e a Fera, O Rei Leão e Mulan). Mesmo que trabalhando na mesma casa, a Disney, Burton aproveitou os novos tempos para contar sua história sem tantas arestas polidas quantas a do clássico desenho de 1951.

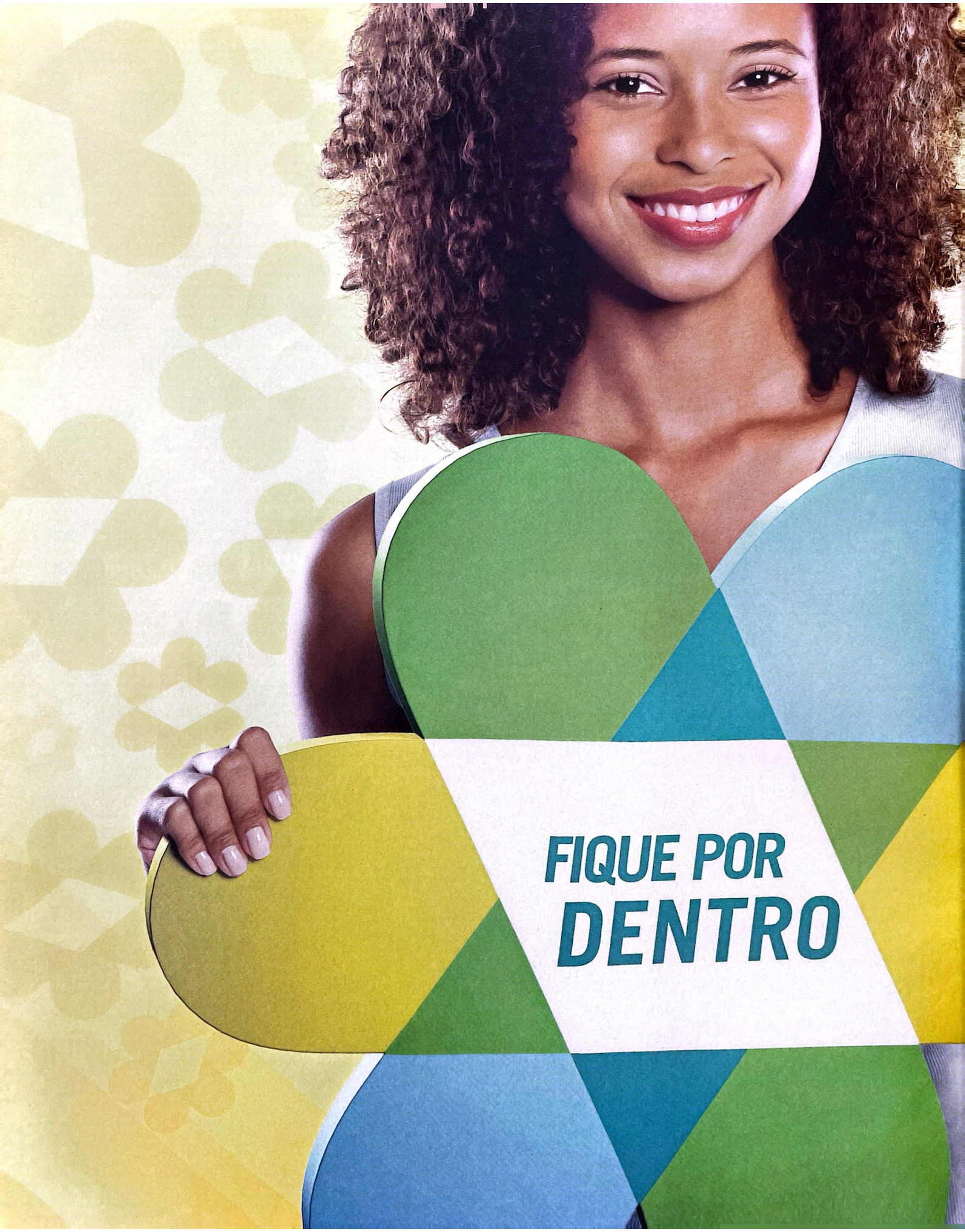
ESTAVA ESCRITO

Como não poderia deixar de ser, Burton caprichou nas imagens. Para os figurinos, chamou a veterana Colleen Atwood, que trabalhou na maioria de seus filmes desde Edward Mãos-de-Tesoura (1990) e que aqui realizou um trabalho que gerou rebuliço até nos meios da alta costura. Ela se esbaldou ao desenhar, entre outros, os vestidos da Rainha Vermelha (personificada pela parceira de Burton, Helena Bonham Carter, em sua sexta colaboração conjunta e com cabeça grande) e da Rainha Branca (Anne Hathaway, explorando seu lado Diário de Princesa). Sem falar nos vestidos de vários tamanhos para Alice. E o grande maestro dos efeitos especiais foi o guru hi-tech Ken Ralston que, com equipe da Sony Imageworks, concretizou os mínimos detalhes da imaginação de Burton. Foram mais de 2,5 mil tomadas envolvendo efeitos. Não à toa, Depp tonteou!

O filme está entregue, e o mundo mais uma vez acompanha a jornada de Alice rumo ao seu verdadeiro destino. E o destino quis de fato que Burton realizasse Alice no País das Maravilhas considerando-se uma coincidência, destas que definem rumos: o escritório do diretor em Londres já pertenceu a Arthur Rackham, ilustrador que elaborou os desenhos de uma edição antológica de Alice em 1907. É puro "maktub", estava escrito...

MARAVILHA DIGITAL

O processo de criar o mundo de Lewis Carroll com tecnologia do século 21 é trabalhoso, porém satisfatório. Na sequência mostrada abaixo, Helena Bonham Carter roda uma cena como a Rainha Vermelha – novas camadas de efeitos digitais são lentamente acrescentadas até o bizarro resultado final... "Cortem-lhe a cabeça!"


FIQUE POR
DENTRO

arcos

infraero.gov.br/horadeviajar

Acesse o hotsite e tenha uma boa viagem.

Para deixar você melhor informado sobre sua viagem, a Infraero – em parceria com a Agência Nacional de Aviação Civil, Comando da Aeronáutica e Ministério da Defesa – criou o hotsite "Hora de Viajar". Nele, você encontra todas as informações necessárias para que sua viagem seja realizada com segurança e tranquilidade.

INFRAERO AEROPORTOS

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

DIVULGAÇÃO

KEVIN SMITH

O autor independente de *O Balconista* e *Procura-se Amy* fala sobre como foi entrar no jogo de Hollywood (e como fez Bruce Willis rir) com a comédia de ação *Tiras em Apuros*

POR ROBERTO SADOVSKI DE NOVA YORK

Nos últimos quinze anos, Kevin Smith passou de sujeito com um sonho a diretor bem sucedido, criando um nicho no âmago do cinema independente americano com seus filmes extremamente pessoais, de *O Balconista* a *Pagando Bem, Que Mal Tem?*, passando por *Procura-se Amy, Dogma, O Império (do Besteirol) Contra-Ataca, Menina dos Olhos* e *O Balconista 2*. Em comum, os diálogos afiados, Ben Affleck, Matt Damon, Jason Lee (e um séquito de colaboradores de longa data) e a dupla Jay e Silent Bob (este interpretado pelo próprio cineasta). Fora do cinema, Smith abraçou a paixão pelos quadrinhos e usou seu nome para revitalizar o combalido *Demolidor* para a Marvel (ele terminou fazendo uma ponta no filme protagonizado por Affleck), ressuscitou o Arqueiro Verde para a DC, escreveu histórias do Homem-Aranha e do Batman. *Tiras em Apuros* é visto pelo próprio Kevin Smith como sua graduação para a "liga profissional", a primeira vez que ele se sentiu como um diretor de cinema – no sentido tradicional da coisa. E bota tradicional nisso: Bruce Willis e Tracy Morgan (da série *30 Rock*) são uma dupla de policiais que tenta desbaratar uma quadrilha de traficantes, com todo o absurdo, exageros e situações irreais que permearam as aventuras do gênero, principalmente nos anos 80 (a maior inspiração de Smith). Seann William Scott (*American Pie*) surge como.... bom, ele só aparece como alívio cômico e responde pelos melhores momentos de *Tiras em Apuros*. A engrenagem dessa "graduação" de Smith, porém, quase se desmontou quando, há dias da estréia do filme nos Estados Unidos, o cineasta se envolveu numa confusão com uma companhia aérea americana – a imprensa ianque resumiu a coisa como "diretor de cinema é expulso de avião por ser muito gordo". Para jogar gasolina na fogueira, Smith, ainda no avião, colocou incessantes posts em seu Twitter sobre o que estava acontecendo, até o incidente ser rotulado como "jogada de marketing" por blogueiros e jornalistas maldosos. A confusão era, na verdade, a última coisa sobre o que SET queria conversar no papo com o diretor (nosso negócio é cinema!), mas foi o próprio Smith, que chegou com vontade de bater papo, quem levantou a bola e tentou colocar os pingos nos is. Como você confere na entrevista a seguir, ele nem precisava... (Kevin Smith chega suado, ignorando a nevasca que cobre Nova York, pede água e aperta a mão deste que vos escreve):

Bruce Willis me ligou depois de *Duro de Matar 4.0*: 'Eu sou ator, você é diretor, somos de Jersey, a gente devia fazer algo juntos'.

Ok, sobre o que você quer conversar?

Tá, então vamos começar falando sobre o filme. Que é o primeiro que você dirige sem ser também seu roteiro...
Certo.

E que tem Bruce Willis como protagonista.
Willis foi sugerido a mim. E obviamente eu soltei um grito... (risos). Porque é Bruce Willis. Trabalhamos juntos em *Duro de Matar 4.0*, mas foi como ator. A idéia de dirigi-lo soava muito divertida. Ele me ligou depois de *Duro de Matar* – e essa é uma história que eu faço questão de contar pra todo mundo: "Eu sou um ator, você é um diretor, somos de Jersey, a gente devia fazer algo juntos". E eu estava sem idéias, não sabia de que forma trabalhar com ele. Tudo que eu escrevo são coisas juvenis e retardadas, não tinha onde encaixar. Bruce seria o que, o novo parceiro do Silent Bob? (risos) Não fazia sentido. Achei que essa história ia parar por aí, mas a Warner me mandou o roteiro de *Tiras em Apuros*... que por sinal nem seria com Bruce Willis e Tracy Morgan, e sim com Will Ferrell e Marky Mark. (risos) O orçamento era de 70 ou 75 milhões – e eles iam fazer o filme de todo jeito. Mas as coisas funcionam de um jeito estranho nessa indústria, e eles foram fazer outro filme (a comédia de ação *The Other Guys*, com Adam McKay, de *O Âncora*, na direção), em que eles fazem dois policiais. Bom, eu achei que seria demitido, já que o elenco tinha vazado. Mas Jeff Rubinov (presidente da Warner) me perguntou se eu queria continuar desenvolvendo o projeto, ele gostou de *Pagando Bem, Que Mal Tem?*, não pelo conteúdo, mas ele disse que, depois de quinze anos, eu estava pronto pra dirigir um filme.

E você se considerava pronto?
Olha, eu não vou detonar as coisas que eu já dirigi, eu adoro os filmes que fiz. Mas, até esse ponto, eu me sentia como um jogador da liga de hóquei amador. Se você vê de longe, é igualzinho a hóquei profissional, e existem seus astros, as pessoas conhecidas... Mas a liga profissional é o que todo mundo conhece. E a gente do outro lado sempre olha pros profissionais com vontade de brincar com eles, de jogar com eles. De filmar com eles. Pra mim, *Tiras em Apuros* significa justamente isso, é um teste pra ver

se eu consigo patinar com os marmanjos. E eu não sou Wayne Gretzky, mas me viro como um Kevin Lowe filmando para os grandes estúdios....

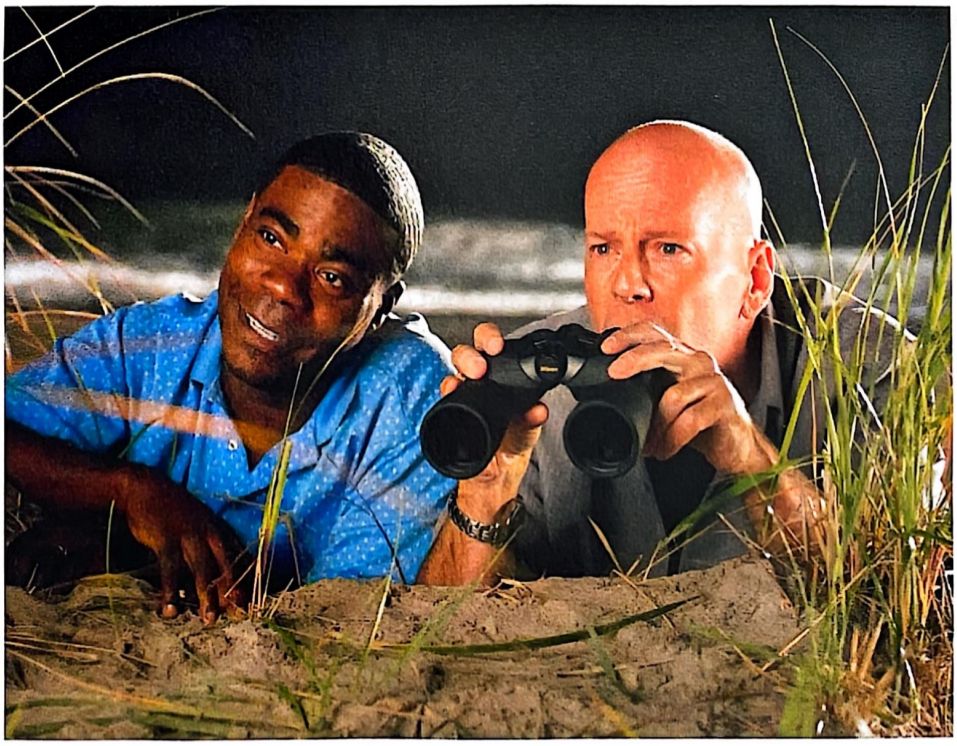
Kevin, eu sou do Brasil, minha referência é futebol...
(risos) Então está na hora de você aprender o que é um esporte de verdade! *(mais risos)*

Certo. Mas você acha que quinze anos não é muito tempo para chegar nesse ponto?
Sim, sim. Mas a verdade é que eu não tinha interesse antes de *Tiras em Apuros*. Eu nunca achei que fosse fazer um filme assim, achei que fosse fazer pra sempre filmes em meu estilo. Porque eu não faço filmes! Eu sempre ouço críticos dizendo que eu não sou um diretor, e eles estão certos! Eu não era um diretor até agora. O que eu fazia era arrancar coisas do meu peito, abrir meu coração sobre coisas que eu acredito, colocar um par de câmeras captando a coisa toda e projetar pra ver o que as pessoas acham. Então eu ouvia muita gente berrar que eu não era diretor, e eles estavam certos... Eram uns idiotas, mas estavam certos. Eu não era um diretor, pelo menos não da maneira tradicional. *Tiras em Apuros* tem um tipo de narrativa muito tradicional. Depois de quinze anos fingindo ser um diretor, talvez tenha chegado a hora de eu testar e ver se é verdade. Eu sempre fui um roteirista em primeiro lugar, mesmo que dirigir seja mais sexy. Eu queria saber se aprendi a ser um cineasta. Ou se eu sou apenas Kevin Smith.

Foi por isso que há alguns anos você desistiu de fazer *Besouro Verde* ?
Ah, com certeza. Eu estava apavorado. Eu sei que era uma oportunidade perfeita, foi uma situação parecida com a que aconteceu agora – com a diferença de que eu também ia escrever o roteiro, mesmo baseado em algo que já existia. E eu pensei, "cara, como é que eu vou vender o *Besouro Verde* pra uma platéia mais ou menos familiar com os X-Men?"... *X-Men* ainda tinha um desenho animado, o público-alvo de *Besouro Verde* tem, o que, 80 anos de idade... *(risos)* Era um programa de rádio antes de migrar pra TV! Não é como Batman, que todo mundo sabe quem é. Ninguém sabe quem é o Besouro Verde... Sem falar que eu não me sentia preparado, eu não saberia como conduzir a coisa. Eu pensava, "não sei mover a câmera, tudo que me interessa é mostrar as pessoas conversando, eu vou arruinar tudo!". E era um orçamento de 70 milhões de dólares. Se eu fizer algo desse tamanho, que seja ao menos algo criado por mim, eu saberei que estarei dando o melhor de mim. Eu disse a Harvey (Weinstein) que eu ia fazer merda, então ele me pediu pra ao menos escrever, ver como eu me sentiria. Eu escrevi e me senti pior! (risos) Era um jogo complicado demais.

Mas seu roteiro virou uma história em quadrinhos....
É verdade, eu adaptei para uma série em quadrinhos, o que é bem legal. Ao menos a idéia não se perdeu.

Voltando a *Tiras em Apuros* , o quanto estava no roteiro, o quanto você adicionou e o quanto foi improviso?
Uma tonelada de improviso! É assim, você tem dois comediantes de primeiríssima – não só como comediantes, mas também muito safos pra improvisar: Seann William Scott e Tracy Morgan. Eles são bons pra cacete, estão lá no topo com Seth Rogen. Tracy entrou no projeto e.... me empresta isso aqui *(pega o press kit com o pôster do filme)*. Eu não sei de onde Tracy veio, mas eu tenho uma idéia do trabalho que ele faz, certo? Então olha isso, Tracy, no pôster, ao lado de um dos atores mais famosos do mundo – com seu nome enfeitando o cartaz! Pra qualquer ator como Tracy, é o momento Eddie Murphy, ou o momento Bruce Willis! Então Tracy chegou preparado ao extremo, afiadíssimo. Sabe aquelas pessoas que viajam por duas semanas e levam quatorze malas? Tracy ia viajar por dois meses e basicamente trouxe umas quinhentas malas. Ele estava pronto. E no ponto. Então a gente chegava com o roteiro, rodava o roteiro, e eu deixei a câmera rolando. E as idéias não paravam de surgir. Na cena em que Tracy e Bruce pegam Seann, Tracy começou a gritar "Eu vou atirar em sua cara". Do nada, Sean olhava pro lado e começava a repetir, "Eu vou atirar em sua cara". E eu disse pra eles exagerarem. E rodei tudo. A primeira cena



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Tracy Morgan e Bruce Willis aproveitam uma noite a dois na praia

"Meu objetivo, o de Tracy Morgan e o de Seann William Scott na cena com todos no carro era um só: fazer Bruce dar risada. Todo o diálogo é improvisado.

foi assim, Tracy interrogando um suspeito e falando um monte de frases de filmes. E cada vez que eu gritava "corta", alguém chegava com uma idéia nova. "Faça a cena de *Tubarão*", ou "faz a cena de *No Calor da Noite*". E a gente ficou umas cinco horas só nisso. Quando você tem um sujeito que é rápido nas idéias, que sabe somar, é uma beleza. E outra, todo mundo está cansado de ver comédias policiais com uma dupla de tiras. O que a gente fez foi contribuir de coração aberto para esse gênero. Mesmo que a gente precise dar um passo pra trás e ver a melhor forma de apresentar um ângulo diferente.

Por outro lado, o fato de os protagonistas serem um tira branco e outro afro-americano não abriu espaço para piadas sobre isso...

E nem era a idéia. Em nenhum momento o lance racial pesou. Quando a Warner me disse que eram Bruce Willis e Tracy Morgan, eu só disse "ótimo". Em nenhum momento pensei no fato de um ser negro e o outro ser branco. O roteiro não tinha isso, e honestamente nunca pensamos nisso. Eu não vi raça, e nem eles. Isso só ficou claro quando alguém lembrou que, na série *30 Rock*, o personagem de Tracy tem o pôster de um filme chamado *Tira Negro, Tira Branco* em seu camarim. Eu já podia ouvir as chamadas na Internet, "ele é um tira veterano branco que agora tem um parceiro bem jovem, moderno... e negro!". *(risos)* Nunca foi assim, de cara a gente deixa claro que eles são parceiros há nove anos. Ninguém nem menciona raça, nada. Não é este filme – *Máquina Mortífera* tinha mais referências a raça, mas foi escrito assim.

O que você pode falar sobre Bruce Willis que provavelmente o público não sabe?

Bruce? Hmmm... Bruce é... *(risos)* Ok, Bruce deixou o filme melhor. Eu digo sem medo, ele deixou o filme melhor só por estar lá. Deixe eu explicar melhor. Há a cena com os três no carro, Bruce dirigindo, Tracy no banco do passageiro e Seann sentado atrás. Eu sou o sujeito que vê tudo, com dois monitores e o walkie-talkie. Eu os vejo e ouço, e falo com eles também. E o único motivo dessa cena ser tão engraçada sou eu, Seann e Tracy tentando fazer Bruce Willis rir. *(risos)* O tempo todo. Basicamente a cena inteira, que a gente fez no improviso, serviu pra tentar arrancar um sorriso de Bruce. E eu sou meio que Deus nessa história, já que vejo os três. Seann e Tracy exageram cada vez mais, improvisam, ficam loucos – quando Bruce riu, a gente sabia que tinha funcionado. Quando ele ri foi natural, não estava no roteiro. Daí isso se tornou nosso mantra: se a gente fizer Bruce rir, o filme fica melhor. E eu te digo que aqueles caras se empenharam pra isso. Várias vezes.... *(risos)* Olha, não é fácil. Depois de um quarto de século fazendo isso, Bruce se tornou esse personagem, e não dá pra fugir desse personagem. Quando alguém contrata Bruce Willis, de certa forma também está contratando John McClane. E ele sabe disso! Mas imagina meu trabalho, eu posso chamar Ben Affleck e dizer, "ei, Ben, coloca esse consolo em sua boca", e ele diz "ok". *(risos)* E ele me conhece o suficiente pra me odiar por fazer ele colocar um dildo na boca, mas ele confia em mim porque ele já fez isso antes e funcionou direitinho. *(mais risos)* Agora, se eu falo "Bruce, coloca esse dildo na boca", a resposta é um "vai se f...." *(gargalhadas)* Então na primeira semana a coisa era "coloca esse dildo na

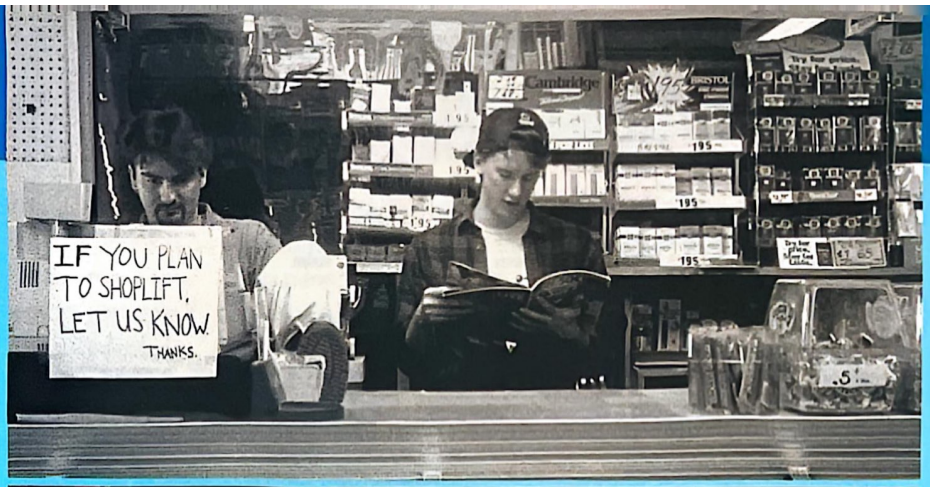
sua boca!"... A confiança com um sujeito como Bruce vem lentamente, mas no final ele encosta e diz, "Kevin, eu não pensava que isso ia funcionar nem em um milhão de anos".

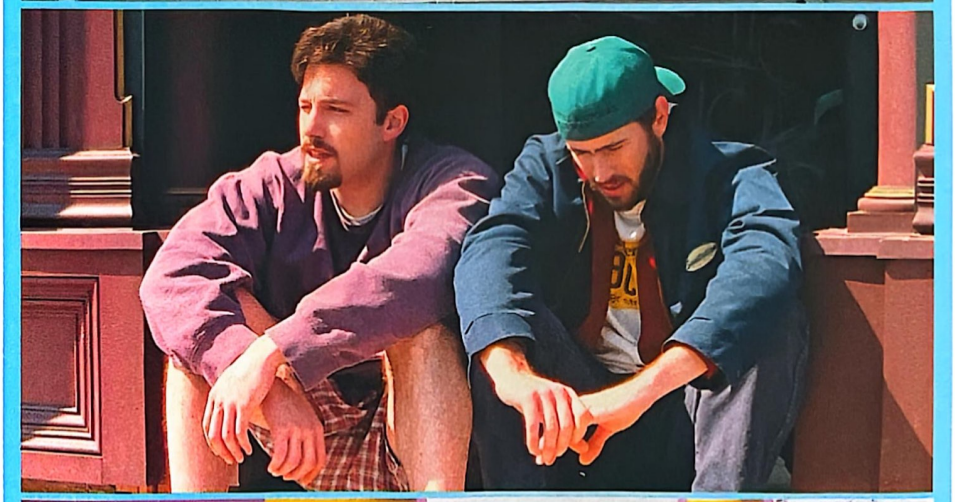
Você acha que é como Robert de Niro brincando com a percepção que a plateia tem dele em *Máfia no Divã*?
De certa forma, sim. Mas, pensa dessa forma, De Niro sempre foi De Niro, sempre foi o ator, sempre foi sério. Bruce fez *A Gata e o Rato*, ele começou fazendo comédia! Ele é engraçado, mas daí ele fez John McClane e continuou fazendo o policial, o herói. A comédia ficou de lado, aparecendo em coisas como *Meu Vizinho Mafioso* ou em *Friends*. Mas ele não estava fazendo comédia, e ele estava meio nervoso quando entrou nesse filme, não estava seguro por estar há tanto tempo afastado do gênero. Minha função era protegê-lo e deixar a coisa confortável. Então muita gente vem e diz "oh, você trabalhou com John McClane". Sim, mas também com David Addison, que pra mim sempre foi mais importante, sempre foi a referência. Cara, eu adorava *A Gata e o Rato*, era o sonho de qualquer roteirista. E era grátis, toda semana, na TV.

Qual o plano agora? Continuar trabalhando com os estúdios ou voltar a fazer os "filmes de Kevin Smith"?
Cara, eu não sei... Nunca achei que fosse fazer um filme de estúdio em primeiro lugar. Mas agora que eu fiz posso dizer que existe um certo apelo nisso. Escrever e dirigir minhas coisas é pessoal, a satisfação é tremenda, mas eu já fiz isso por quinze anos. O lance aqui é executar um roteiro, essa é a palavra. Eu adorei fazer *Tiras em Apuros*, mas não escrevi... Se as pessoas o criticarem, o atacarem, não vai doer tanto quanto um ataque aos meus projetos. Aqui eu posso dizer, "foi mal, a gente tentou".

Você é meio viciado no Twitter. Esse nosso papo vai terminar como um post?

FOTOS: DIVULGAÇÃO





Kevin Smith, cineasta independente: em sua estréia com *O Balconista* (no alto); Ben Affleck e Jason Lee em *Procura-se Amy* (no centro); como Silent Bob ao lado de Jason Mewes, o Jay, em *O Balconista 2*

(risos) Não agora, mas depois com certeza. Agora, se você acompanhou os eventos recentes, eu estou desesperadamente tentando não ligar todos os pontos. Uma coisa que eu aprendi com essa confusão foi abrir meus olhos. Eu não sabia que havia tanto ódio contra gente gorda.... *(risos)* É insano, é como antisemitismo! Quinze anos e nunca tinha percebido – principalmente em meu ramo de trabalho, e principalmente eu sendo um gordo bem sucedido. Mas foi a primeira vez que eu senti as pessoas sendo desagradáveis pelo prazer de ser desagradáveis. Mas, na boa, isso teria acabado comigo aos 16 anos. Eu tenho quase 40, e o que me incomoda é ninguém ter escrito a verdade. "Diretor gordo é jogado pra fora do avião", é curto, de fácil digestão – e é mentira: eu sequer estava sentado no bendito assento! *(suspira forte)* Cara, eu não quero ser Lenny Bruce, que no final da carreira subia ao palco só pra ler os processos contra ele. O que me deixa puto é a sensação de impotência. Porque, até o fim da minha vida, eu vou ter de ouvir a piada, "você não era gordo demais pra voar?". Não, mas isso é o que menos importa. ■

★★★★★ excelente ★★★★ ótimo ★★★ bom ★★ regular ★ ruim

Sam Worthington como Perseus quer saber o que essas bruxas com cara de noz pretendem?

WARNER

Fúria de Titãs

Diretor de *O Incrível Hulk* tenta dar nova dimensão à aventura mitológica

★★★ **Clash of the Titans** , *EUA/Inglaterra*, 2010. **De** Louis Leterrier. **Com** Sam Worthington, Liam Neeson, Ralph Fiennes, Jason Flemyng, Gemma Arterton, Alexa Davalos, Mads Mikklesen. 106 min. clash-of-the-titans.warnerbros.com . Warner. **Aventura**

A certa altura de *Fúria de Titãs*, aventura mitológica feita com suor, sandálias e pixels, o herói Perseu (Sam Worthington, de *Avatar*), ao se preparar para uma jornada em busca da resposta para derrotar os deuses, alcança um baú e dele retira uma coruja mecânica, feita de ouro. "O que é isso?", pergunta para um de seus novos companheiros, que lhe responde com os ombros, fazendo Perseu largar o objeto. "Isso", no caso, era a coruja Bubo, presente da deusa Minerva e seu guia em sua missão no filme de 1981. O descaso ilustra bem a total falta de comprometimento de Louis Leterrier (ou melhor, dos produtores do novo filme, já que ele é diretor de aluguel) com a aventura que deu origem ao novo filme. Embora seja uma refilmagem que aproveita pontos fundamentais do antecessor, *Fúria de Titãs* modifica radicalmente o motivo da jornada de Perseu, que infelizmente ganha a cara dos novos tempos: se no começo dos anos 80 o que lhe motivava era o amor pela princesa Andrômeda, agora a fúria bate em seu peito com desejo de vingança. Afinal, foram os deuses, punindo humanos insolentes, que causaram a morte de sua família adotiva. A partir daí, Perseu precisa fazer as pazes com sua herança – ele próprio é um semideus, filho de Zeus (Liam Neeson) com uma mortal. Não que o herói encontre conforto em sua descoberta: lá pela quinta vez que Worthington brada que vai fazer sua jornada como um homem, a vontade é berrar que a gente já entendeu. De resto, segue-se o roteiro do filme original. Perseu encontra as bruxas cegas, que lhe dizem como derrotar o flagelo do deus Hades (Ralph Fiennes), o monstrengo Kraken; ele parte atrás da Medusa; atravessa o rio dos mortos; é auxiliado pelo garanhão alado Pégasus; enfrenta o asqueroso Calibus (Jason Flemyng, com uma origem totalmente diferente da que foi mostrada em 1981); e forja uma estranha aliança com a imortal Io (Gemma Arterton, que também aparece este ano em *Príncipe da Pérsia*). Tudo com o CGI mais moderno que o cinema pode oferecer – e, depois do sucesso de *Avatar*, com uma conversão em 3D feita às pressas que pode depor contra o uso dessa tecnologia. A platéia ianque parece ter aprovado, mas os fãs de aventuras entre deuses e monstros não evitam a decepção de assistir a um produto em vez de a um filme. ROBERTO SADOVSKI

PANDORA

Luzes na Escuridão

★★★ **Laitakaupungin Valot** , *Finlândia/Alemanha/França, 2006.* **De** Aki Kaurismäki. **Com** Janne Hyytiäinen, Maria Järvenhelmi, Ilkka Koivula. 78 min. Pandora. **Drama**

Em seu primeiro e ainda mais recente longa desde o fascinante *Um Homem sem Passado* (02), o diretor finlandês Aki Kaurismäki realiza mais um pequeno conto cinematográfico sobre culpa e a complexa condição humana. Neste roteiro próprio, o cineasta conta a história de um segurança noturno solitário que se envolve numa série de crimes por causa de uma loira fatal e de um homem inescrupuloso. O protagonista é um perdedor e esta é a conclusão de uma trilogia informal sobre "loosers" iniciada por *Nuvens Passageiras* (96) e continuada pelo filme já citado. Fiel ao estilo peculiar do diretor (lacônico, frio, de cenários secos e interpretações distantes, quase robóticas), o filme é um representante digno, mas mediano de sua filmografia. Impressionante mesmo é a ótima fotografia do mestre Timmo Salminen. Ch.P.

Querido John

★★ **Dear John** , *EUA, 2010.* **De** Lasse Hallström. **Com** Channing Tatum, Amanda Seyfried, Richard Jenkins, Henry Thomas. 105 min. www.dearjohn-movie.com . Columbia TriStar. **Romance**

Nicholas Sparks é um escritor que imprime emoções intensas às páginas de seus livros e as adaptações para cinema de suas obras seguem a mesma linha, sendo mais atraentes para o público feminino. Quem derramou lágrimas em *Diário de uma Paixão* pode esperar pelos mesmos recursos emotivos em *Querido John*. O amor da menina boazinha pelo soldado é uma clara atualização do valente príncipe encantado e, para aumentar o romantismo, o roteiro desloca o rapaz a missões distantes, o que os obriga a uma comunicação por cartas escritas à mão. Trata-se de um romance bem açucarado e apelativo. E.F.

PARIS

Vidas que se Cruzam

★★★★ **The Burning Plain** , *EUA/Argentina, 2008.* **De** Guillermo Arriaga. **Com** Charlize Theron, Kim Basinger, Jennifer Lawrence, Joaquim de Almeida, John Corbett. 107 min. www.burningplainmovie.com/ . Paris. **Drama**

O roteirista mexicano Guillermo Arriaga gosta de contar ao mesmo tempo várias histórias de forma não linear. As situações parecem soltas, mas vão se encaixando e levam a um epílogo esclarecedor (vide *Amores Brutos* e *Babel*). Essa fórmula se repete em seu primeiro longa como diretor. O início mostra um trailer pegando fogo. Um corte leva ao quarto onde está Sylvia (a ótima e sensual Charlize Theron) espiando pela janela. Ela parece ter problemas amorosos. Em paralelo, sem o menor aviso, o espectador toma contato com o casal adúltero que morreu no incêndio. Passado e presente se alternam revelando a insatisfação conjugal de Gina (Kim Basinger), suas escapadas e a gradativa percepção que a filha Mariana (Jennifer Lawrence) tem dessa infidelidade. Só perto do final é que Sylvia volta a ter relevância. Conduzindo com serenidade elenco e narrativa, Guillermo Arriaga fez uma ótima estreia. ALFREDO STERNHEIM

Lanche rápido: até bilionários como Tony Stark arriscam um fast food
PARAMOUNT

Homem de Ferro 2

Nova aventura do Vingador Dourado repete o charme e a diversão de sua origem no cinema

★★★★ **Iron Man 2** , *EUA, 2010.* **De** Jon Favreau. **Com** Robert Downey Jr., Gwyneth Paltrow, Don Cheadle, Scarlett Johansson, Sam Rockwell, Mickey Rourke, Samuel L. Jackson. 124 min. ironmanmovie.marvel.com. Paramount. **Aventura**

Se o primeiro *Homem de Ferro* era uma música pop perfeita, de três minutos e refrão grudento, a continuação tenta repetir a melodia com arranjos grandiosos e mais instrumentistas no palco. Não é um defeito, e sim uma constatação. Não estamos falando nem de longe de um tropeço como *Batman & Robin*. A orquestração do diretor Jon Favreau é simples e eficiente: se Tony Stark (Robert Downey Jr.) é a alma do negócio, para que mudar o time vencedor?

O que o cineasta fez foi chamar reservas para completar a equipe. Alguns com uma atuação digna de craque (Scarlett Johansson), outros que trouxeram a insignificância dos quadrinhos (Máquina de Combate, interpretado por Don Cheadle, é antipático). Mas a ação aqui é responsabilidade de Downey Jr., que não precisa se esforçar para evocar o carisma e a malandragem necessária do personagem. E olhe que poderia ter dado errado. Stark começa tentando encontrar uma cura para o envenenamento causado pelo reator em seu peito, mas logo se volta para encarar o ótimo empresário bélico de Sam Rockwell. Olhe que nem falamos do vilão russo de Mickey Rourke, filho de um ex-sócio do pai de Tony, que deseja vingança, ou da participação de Samuel L. Jackson como o durão Nick Fury. Se os fãs sobreviverem às cenas de ação sensacionais, poderão discutir sobre a construção do escudo do Capitão América ou o que diabos Fury foi fazer no Novo México (*Thor*?). Nem toda música precisa ter três minutos para ser bacana. RODRIGO SALEM

WARNER

Tiras Em Apuros

★★★ **Cop Out**, *EUA, 2010.* **De** Kevin Smith. **Com** Bruce Willis, Tracy Morgan, Seann William Scott, Kevin Pollak, Adam Brody, Ana de la Reguera, Rashida Jones, Jason Lee. 107 min. copoutmovie.warnerbros.com. Warner. **Ação**

Kevin Smith deve ter uma máquina do tempo. Aqui, ele calibrou a coisa para algum ponto dos anos 80 e criou uma comédia policial de ação com todos os cacoetes e exageros de há duas décadas. Pena que o charme não tenha sido igualmente importado. Bruce Willis e Tracy Morgan são dois parceiros que, mesmo suspensos depois de um tiroteio em plena luz do dia, tentam ajudar uma fugitiva latina (que não fala inglês) e desbaratar uma gangue de traficantes. As cenas de ação são, como poderia se esperar do diretor, verdes e sem tensão. Resta a Willis e Morgan trocarem diálogos engraçadinhos, onde fica clara a mão de Smith no projeto – aqui, ao contrário dos outros quinze anos de sua carreira, ele é diretor de aluguel. A terceira estrelinha lá em cima se deve unicamente a Seann William Scott, que mostra timing cômico perfeito e injeta a personalidade que falta ao resto do filme. Pena que seu tempo em cena seja tão curto. R.S.

A Estrada

★★★★ **The Road**, *EUA, 2010.* **De** John Hillcoat. **Com** Viggo Mortensen, Kodi Smit-McPhee, Charlize Theron, Robert Duvall. 111 min. www.theroad-movie.com. Paris Filmes. **Ficção Científica**

O fascinante e tenebroso romance homônimo de Cormac McCarthy deu origem a um filme impiedoso, mas de beleza e humanismo imprevistos – e que participou da competitiva do último festival de Veneza. De repente, o mundo morre e, sem fauna e flora, a fome e o frio se instalam. Seres humanos, em desespero, unem-se em gangues e muitos partem para o canibalismo. Um pai (Viggo Mortensen) e seu filho tentam chegar ao oceano na esperança de encontrar um lugar melhor, mas esta jornada é marcada pelo medo, em constante ameaça e privação. O diretor John Hillcoat foi fiel ao livro na concepção de um mundo agonizante, imundo e perverso, mas se permitiu um final menos vago e niilista. Amigo há anos do compositor Nick Cave, Hillcoat o chamou pra assinar a ótima trilha sonora, em parceria com Warren Ellis. Ch.P.

PARIS

COLUMBIA TRISTAR

O alto Heath Ledger e o baixinho Verne Troyer são peças do mundo fantasioso de Parnassus, leia-se, Terry Gilliam

O Mundo Imaginário do Dr. Parnassus

★★★ **The Imaginarium of Doctor Parnassus**, *Inglaterra/Canadá/França, 2009.* **De** Terry Gilliam. **Com** Heath Ledger, Johnny Depp, Jude Law, Colin Farrell, Lily Cole, Christopher Plummer, Tom Waits. 123 min. www.sonyclassics.com/theimaginariumofdoctorparnassus/ . Columbia TriStar. **Fantasia**

Traço distintivo de filmes como *Brazil* (1985), *As Aventuras do Barão de Münchhausen* (1988) e *Medo e Delírio* (1998), a imaginação delirante de Terry Gilliam – o único integrante do grupo Monty Python a emplacar carreira sólida, ainda que sujeita a fracassos de bilheteria como cineasta – reaparece em sua melhor forma nessa produção acidentada pela morte de Heath Ledger. Junto ao requinte visual, retorna também a impressão deixada com frequência pelo diretor: a de que as arrebatadoras sequências criadas por ele são, individualmente, mais fortes do que o conjunto. Na Londres atual, uma pequena trupe de artistas mambembes liderados pelo Dr. Parnassus (Christopher Plummer) busca espectadores para suas apresentações, que incluem uma dimensão de sonho. Segredos começam a ser revelados nas visitas de um homem soturno (Tom Waits). Paradoxalmente, a morte de Ledger (no papel de um desmemoriado que entra no caminho da trupe) forçou adaptações que realçaram o caráter fantástico da trama. Johnny Depp, Jude Law e Colin Farrell o substituem de acordo com uma solução engenhosa, em filme dedicado a ele e ao produtor William Vince, morto cinco meses depois. SÉRGIO RIZZO

CALIFÓRNIA

Atraídos pelo Crime

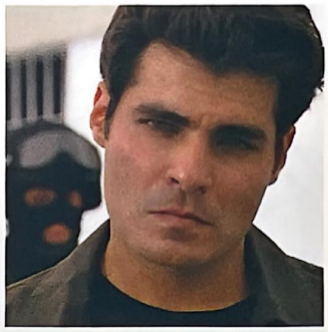
★★★ **Brooklyn's Finest**, *EUA, 2009.* **De** Antoine Fuqua. **Com** Richard Gere, Don Cheadle, Ethan Hawke, Wesley Snipes. 132 min. www.brooklynsfinest.com . Califórnia. **Policial**

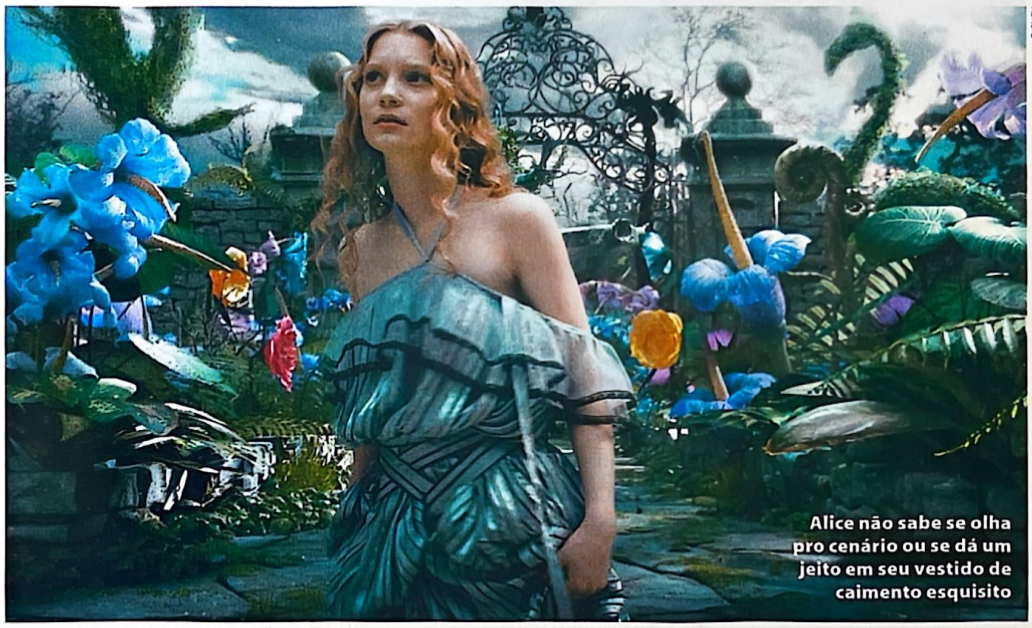
Trazendo à lembrança *Os Infiltrados*, de Martin Scorsese, o novo longa de Antoine Fuqua volta ao ambiente de seu *Dia de Treinamento*: os bastidores da polícia. São três conflitos éticos que correm paralelos, convergindo no epílogo para um único local. Um envolve o atormentado policial Eddie (Richard Gere) a poucos dias da aposentadoria. Outro traz o dilema de Tango (Don Cheadle), fazendo-se passar por bandido. O terceiro, o mais denso, tem Sal (Ethan Hawke), um chefe de família religioso roubando dos traficantes o dinheiro para um lar melhor para esposa doente e filhos. Fuqua resvala em alguns clichês, mas fez um filme que dá menos importância à ação e mais ao que rola no íntimo dos angustiados personagens. E, com a ajuda do elenco, saiu-se bem. A.S.

Segurança Nacional

★ *Brasil, 2010.* **De** Roberto Carminati. **Com** Thiago Lacerda, Milton Gonçalves, Ângela Vieira, Viviane Victorette, Joaquin Cosio. 97 min. www.segurancanacional.com.br . Europa. **Ação**

Depois dos bons resultados da aventura de herói e artes marciais *Besouro*, *Segurança Nacional* tenta o mesmo pioneirismo no gênero de ação policial, infelizmente sem o mesmo sucesso. Thiago Lacerda está convincente como o protagonista típico de uma franquia de ação, e Milton Golçalves interpreta um presidente afro-descendente em plena era Obama. O roteiro, mesmo corajoso, tem furos, e a direção deixa algumas cenas de ação bem confusas. Para completar, a trilha musical executada pela cantora romântica Marina Elali destoa das explosões, tiroteios e perseguições que são o razão de ser do filme. E.F.


EUROPA


DISNEY

Alice não sabe se olha pro cenário ou se dá um jeito em seu vestido de caimento esquisito

Alice no País das Maravilhas

Tim Burton se esmera, mas não surpreende nesta releitura de Lewis Carroll

★★★ **Alice in Wonderland**, *EUA, 2010.* **De** Tim Burton. **Com** Mia Wasikowska, Johnny Depp, Helena Bonham Carter, Anne Hathaway, Crispin Glover. 108 min. www.disney.pt/Filmes/alice/ . Disney. **Fantasia**

Por toda sua carreira prévia, de imaginário fantástico e geralmente sombrio, é fácil compreender o interesse de Tim Burton no universo que Lewis Carroll criou em torno de sua jovem Alice.

A releitura que ele fez dessa história se tornou seu maior sucesso de bilheteria, mas denota também uma carreira em impasse. Não há dúvida de que este é um filme suntuoso, uma produção de grande porte, com fantástica direção de arte, efeitos de acabamento impecável e figurinos que já geraram rebuliço nos meios da moda. Mas ao mesmo tempo é uma obra que não chega a arrebatar, nem muito menos surpreende quem já está familiarizado com a filmografia de Burton. O cineasta sempre foi muito criativo em suas concepções de mundo, mas aqui parece apenas ter se esbaldado com os recursos levantados e feito algo ostensivo, bastante ostensivo. Mas não há lampejos inventivos em sua releitura, que envelhece Alice para conceber uma segunda visita ao Mundo das Maravilhas num momento de impasse em sua vida – na hora de assumir quem se quer ser pro resto da vida adulta. Apesar da beleza conjunta, falta ao longa aquele encanto genuíno das obras anteriores de Burton (com exceção já pressentida n'*A Fantástica Fábrica de Chocolate*), tudo é muito calculado e seguro. E aquela Rainha Branca interpretada por Anne Hathaway é de uma afetação incompreensível. Láureas, ao menos, para a escolha da carismática atriz Mia Wasikowska como Alice. CHRISTIAN PETERMANN

IMAGEM

A adolescência é aquela fase da vida em que "comer vento" é sempre divertido

Antes que o Mundo Acabe

★★★★ *Brasil, 2010.* **De** Ana Luiza Azevedo. **Com** Pedro Tergolina, Eduardo Cardoso, Bianca Menti, Janaína Kremer, Murilo Grossi, Caroline Guedes. 97 min. www.casacinepoa.com.br/antes-que-o-mundo-acabe . Imagem Filmes. **Drama**

A diretora Ana Luiza Azevedo é dona da façanha de ser a primeira mulher a realizar um longa-metragem na já veterana Casa de Cinema de Porto Alegre. E o faz adaptando o romance juvenil homônimo de Marcelo Carneiro da Cunha e integrando um grupo casual de obras contemporâneas sobre a adolescência e dirigidas por mulheres (leia também sobre *As Melhores Coisas do Mundo* e *Sonhos Roubados*). O resultado é uma deliciosa história de três protagonistas às vésperas das grandes decisões, no último ano do colégio católico em uma pequena cidade do interior gaúcho. Narrado com bom humor pela irmã mais nova de Daniel (Pedro Tergolina), o filme é alto astral, sem ser ligeiro. Tanto trama quanto personagens desenvolvem-se bem, com temas interessantes e que conquistam a simpatia do espectador – e com uma fluidez orquestrada por quatro roteiristas (além de Azevedo, os veteranos Paulo Halm e os gaúchos Jorge Furtado e Giba Assis Brasil). Além de Daniel, há seu melhor amigo, Lucas (Eduardo Cardoso), e Mim (Bianca Menti), a garota que pode atrapalhar essa amizade, um trio de atores estreantes muito carismáticos. Uma boa trama paralela é a do pai biológico que Daniel não conhece, um fotógrafo humanitário que está trabalhando na Tailândia, locações muito bem resolvidas em solo gaúcho mesmo. Filme a que se assiste com sorriso na cara, ele conquistou o prêmio da crítica para ficção, o de direção e para mais quatro categorias técnicas no 2º Festival Paulínia de Cinema. Ch.P.

EUROPA

Sonhos Roubados

★★★ *Brasil, 2009.* **De** Sandra Werneck. **Com** Nanda Costa, Amanda Diniz, Kika Farias, Daniel Dantas, Marieta Severo, MV Bill, Nelson Xavier, Ângelo Antônio. 85 min. www.sonhosroubados.com.br . Europa. **Drama**

Desde 2004, quando levou às telas a cinebiografia de Cazuza, a diretora Sandra Werneck estava afastada da ficção. Nesse período lançou *Meninas*, um documentário sobre a adolescência, que volta a ser retratada em *Sonhos Roubados*. A cineasta usa aqui sua habilidade em conduzir dramas autênticos e ainda repercute a questão da prostituição de garotas adolescentes. Com três protagonistas, o roteiro consegue tratar de vários assuntos e desafios que fazem parte do cotidiano da juventude marginalizada nas grandes cidades. O destaque entre as atuações fica para Nanda Costa, premiada no Festival do Rio por sua capacidade de interpretar a geniosa Jessica. E.F.

IMAGEM

A Riviera não é Aqui

★★★ **Bienvenu chez les Ch'tis**, *França, 2008.* **De** Dany Boon. **Com** Kad Merad, Dany Boon, Zoé Felix, Line Renaud. 106 min. http://www.chtinn.com/ Imagem. **Comédia**

A segunda direção solo de Dany Boon tem como ponto de partida as artimanhas de um funcionário dos correios (Kad Merad) para se tornar chefe de uma agência numa cidade litorânea da França. Em vez disso, é transferido para a pequena Bergues, bem ao norte, onde prevê dias de frio intenso e de vida azeda e provinciana. Em meio a muitas trapalhadas, porém, suas expectativas são alteradas. Pena que o roteiro do próprio Boon, que faz humor como o tímido Antoine, dominado pela mãe (a veterana e ainda bela Line Renaud), enverede por uma mentira mal inserida. Nessa parte, este campeão de bilheteria do cinema francês se enfraquece. Mas, no geral, não perde a graça, em especial no registro que faz de uma região da França raramente vista no cinema. A.S.

Sede de Sangue

★★★ **Bakjwi**, *Coréia do Sul/EUA, 2009.* **De** Chan-wook Park.

Com Kang-ho Song, Ok-bin Kim, Hae-sook Kim. 133 min. http://focusfeatures.com/film/thirst . Paris Filmes. **Terror**
Prêmio especial do júri em Cannes 2009, festival onde Chan-wook Park já conquistou a Palma de Ouro em 2003 por *Old Boy*, seu mais recente filme é um

PARIS

gosto adquirido. A estranheza inicial dá lugar à segurança da direção em suas opções, mas o extremo destas ajuda a tornar seu público-alvo bastante específico. Um padre abandona sua batina ao se tornar vampiro depois que uma experiência científica fracassa. Ele faz de tudo para não vitimar seres humanos ao saciar sua fome. Mas quando 'vampiriza' a mulher que ama, esta perde o controle e inicia uma onda de assassinatos. Jorra-se muito sangue, o humor é negríssimo, a edição de som, impecável (em especial com pescoços quebrados e o barulho do sorver sangue), e a história tem ótimo clímax. Com potencial cult, é filme para poucos. Ch.P.

WARNER

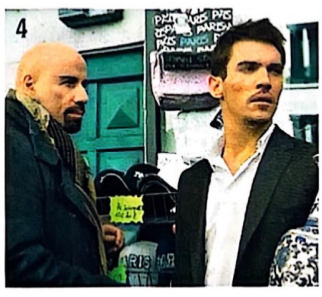
Amigos são aqueles que zoam com teu cabelo na hora do intervalo

As Melhores Coisas do Mundo

★★★★ *Brasil, 2010.* **De** Laís Bodanzky. **Com** Francisco Miguez, Gabriela Rocha, Gabriel Illanes, Fiuk, Caio Blat, Denise Fraga, Paulo Vilhena, Zé Carlos Machado, Gustavo Machado. 107 min. www.warnerlab.com.br/asmelhorescoisasdomundo . Warner. **Drama**
Quem tem contato com adolescentes percebe que, no geral, a produção audiovisual brasileira não se preocupa em retratar com sinceridade o cotidiano de sua juventude urbana. Com sua primeira cena envolvendo a visita dos personagens a um prostíbulo, *As Melhores Coisas do Mundo* escancara diversas verdades sobre essa faixa etária. Deixando as rodadas de suco para a galera de telesséries juvenis, o longa mostra todas as enrascadas típicas dessa fase da vida, com direito a atitudes repreensíveis por parte do próprio protagonista. Na história, Mano (Francisco Miguez) vive as alegrias e dissabores da vida escolar, as descobertas amorosas e sexuais, além de enfrentar o clima tenso de um colégio marcado por intrigas. A diretora Laís Bodanzky equilibra de forma muito orgânica assuntos leves, como a vontade de conquistar uma garota, com temáticas mais pesadas, como depressão e conflitos familiares. Com isso há uma boa mescla de momentos engraçados e outros bem emocionantes. A autenticidade do filme é tão intensa que se torna impossível para quem tem a mesma idade dos protagonistas ou convive com eles não reconhecer amigos e situações. EDU FERNANDES

Dupla Implacável

★★ **From Paris with Love**, *França, 2010.* **De** Pierre Morel. **Com** John Travolta, Jonathan Rhys Meyers, Kasia Smutniak, Richard Durden, Yin Bing. 92 min. www.frompariswithlovefilm.com/ . PlayArte. **Ação**
O diretor Pierre Morel tentou com este *Dupla Implacável* (batismo preguiçoso para "De Paris com Amor") duplicar o sucesso de *Busca Implacável* (é sério), filme de ação com Liam Neeson no papel de Steven Seagal quebrando Paris para achar sua filha sequestrada. Não colou. Talvez porque, embora absurdo, o filme com Neeson tivesse os pés

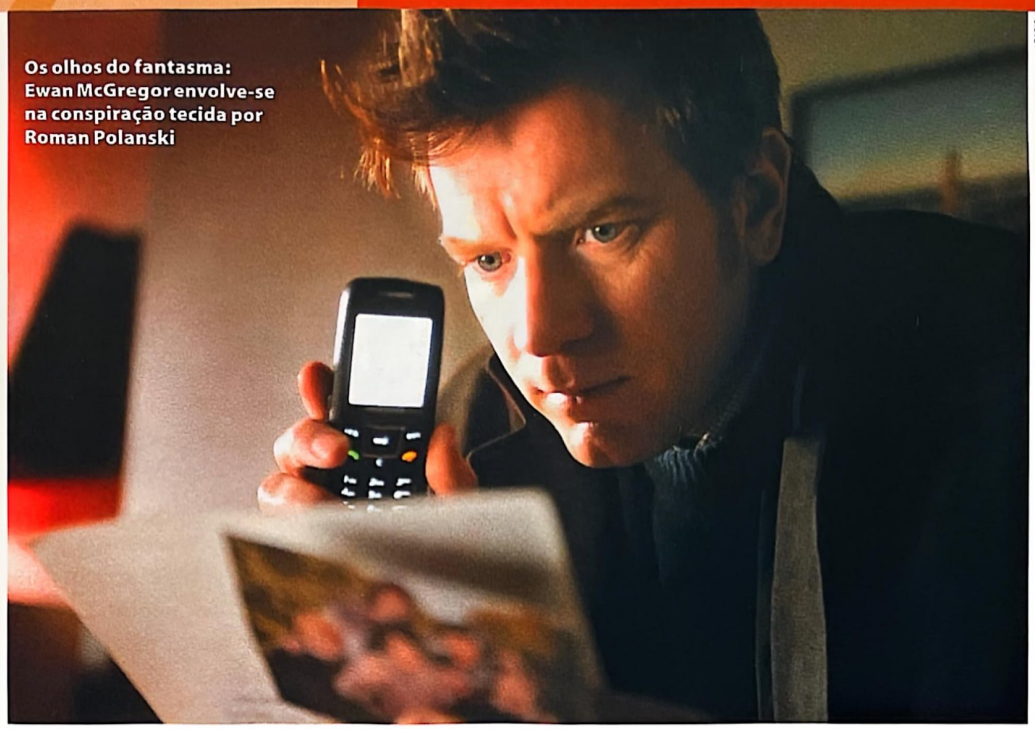


PLAYARTE

levemente mais fincados na realidade, ao passo que o novo petardo, com John Travolta no papel de um superagente da CIA (ele faz a "dupla" com Jonathan Rhys Meyers) traz um registro mais cômico que, entre terroristas, atentados a políticos e mulheres-bomba, nunca cola. Por mais que seja divertido ver Travolta devorar o cenário – como já vimos em *A Última Ameaça* ou mesmo em *Jogos do Poder* –, sobra pouco entre explosões e tiroteios para segurar nossa atenção. Quem será o próximo Seagal na lista de Morel? R.S.

Rita Cadillac – A Lady Do Povo

★★★ *Brasil, 2007.* **De** Toni Venturi. 75 min. Espaço Filmes. **Documentário**
O diretor Toni Venturi, cuja filmografia em ficção e documental costuma se voltar a causas socio-políticas, retrata aqui uma das figuras mais sintomáticas da cultura pop brasileira: a ex-chacrete Rita Cadillac. Da rápida passagem pela prostituição à consagração ao lado de Chacrinha, ela criou uma carreira vendendo aquilo que o brasileiro mais ama: a bunda. Venturi, que se coloca em cena em conversas íntimas e relaxadas com a biografada, faz questão de mostrar o ícone sexy e também a mulher, esposa e dona de casa, que driblou os baixos e reveses da vida com incrível jogo de cintura – até mesmo em experiências pornográficas. Sem falsos moralismos, o cineasta colhe ótimos depoimentos de figuras como Drauzio Varela, Rogéria e Hector Babenco, que afirma querer reencarnar como Rita. Isso é que é carisma! Ch.P.



Os olhos do fantasma: Ewan McGregor envolve-se na conspiração tecida por Roman Polanski

PARIS

O Escritor Fantasma

★★★★ **The Ghost Writer**, *França/Alemanha/Inglaterra, 2010.* **De** Roman Polanski. **Com** Ewan McGregor, Pierce Brosnan, Olivia Williams, Kim Cattrall, Tom Wilkinson, Eli Wallach. 128 min. www.theghostwriter-movie.com/ . Paris. **Suspense**

O personagem de Ewan McGregor em *O Escritor Fantasma* pode não ter nome (ele é simplesmente "o fantasma"), mas desde *O Jovem Adam* (ok, desde *A Vingança dos Sith*) ele não demonstra tanto sangue nas veias ao abraçar um personagem. No novo filme de Roman Polanski, o ator se torna os olhos da platéia ao entrar no mundo do ex-Primeiro Ministro britânico (Pierce Brosnan) que, exilado nos EUA, dita suas memórias ao mesmo tempo em que lida com um escândalo ligado à Guerra do Iraque. É óbvio que Adam Lang, personagem de Brosnan, é um *doppelgänger* de Tony Blair – e seu retrato reflete a decepção do escritor e roteirista Robert Harris com a política da ilha da Rainha. Mas Polanski não está interessado apenas nas cortinas dos poderosos: aqui, ele tece um thriller em que McGregor, que substitui o fantasma anterior de Lang, encontrado morto na praia, descobre que as memórias que ele está redigindo são a prova de uma conspiração ainda maior, envolvendo espionagem, manipulação política e a CIA. A opção de Polanski em nos envolver unicamente pelo ponto de vista do Fantasma aguça o suspense, despista respostas e faz do final algo ainda mais frustrante e, revelador: para o cineasta, que concluiu seu filme atrás das grades, o perigo não está nas marionetes, e sim em quem move suas cordas bem à nossa vista. ROBERTO SADOVSKI

ESPAÇO

A Casa Verde

★★ *Brasil, 2009.* **De** Paulo Nascimento. **Com** Nicola Siri, Zé Victor Castiel, Ingra Liberato, Alice Nascimento. 75 min. www.filmeacasaverde.com.br . Espaço Filmes. **Infantil**

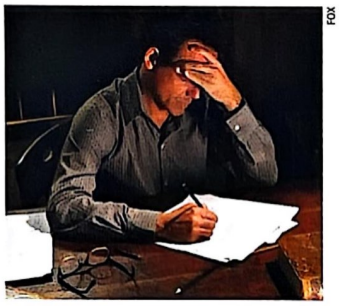
Utilizar uma tecnologia inédita, no caso a rotoscopia, não justifica uma obra. O diretor gaúcho Paulo Nascimento, que em breve também lança o drama político *Em Teu Nome*, realizou um filme para crianças aplicando essa técnica nas cenas que "animam" os personagens de uma história em quadrinhos. O ator Nicola Siri interpreta um cartunista em crise criativa, que vê sua criação tomando as rédeas da história. É criada uma heroína, Eu (Fernanda Moro), que ajudará a combater o vilão nada ecológico Jordão (Zé Victor Castiel, com direito a risadas "malévolas"). A produção do filme pode até ter se preocupado em usar material reciclado em cenários e figurinos, mas o roteiro do diretor também merecia uma reciclada: repleta de clichês, a história é frágil e pueril demais para conquistar o espectador mirim de hoje. CH.P.

Mary e Max – Uma Amizade Diferente

★★★★ **Mary and Max**, *Austrália, 2009.* **De** Adam Elliot. **Vozes de** Toni Collette, Philip Seymour Hoffman, Eric Bana. 92 min. www.maryandmax.com . PlayArte. **Animação**

O diretor australiano Adam Elliot conta a história da improvável amizade entre dois peixes fora d'água, a menina australiana Mary, de oito anos, e o obeso nova-iorquino Max, de 44. Como essa relação à distância começou em 1976 e se estendeu até 1990, o contato entre ambos foi feito por cartas e trocas de muitos chocolates. Solitários e esquisitos, eles protagonizam uma animação em stop-motion com massa de modelar, nos moldes do que Nick Park faz com sua série *Wallace & Gromit*. Mas o tom aqui é melancólico, de poucas cores, mas intensa poesia. Mary quando jovem e adulta é dublada por Toni Collette, enquanto Max o é por Philip Seymour Hoffman. Um vizinho e futuro marido de Mary leva a voz de Eric Bana. Para públicos mais maduros, esta é uma opção diferenciada em animação. Ch.P.

PLAYARTE


FOX

Chico Xavier

★ *Brasil, 2010.* **De** Daniel Filho. **Com** Nelson Xavier, Ângelo Antônio, Tony Ramos, Christiane Torloni. 125 min. www.chicoxavierofilme.com.br . Fox. **Drama**

Como *Bezerra de Menezes: O Diário de um Espírito* (2008) havia demonstrado ao fazer mais de 400 mil espectadores em circuito modesto e quase sem publicidade, é imenso o público para temas espíritas no Brasil. A cinebiografia do mais famoso médium do país foi cuidadosamente planejada para atingir esse filão, com elenco global. Matheus Costa, Ângelo Antônio e Nelson Xavier interpretam Chico, enquanto Tony Ramos e Christiane Torloni protagonizam trama paralela. Mas, apesar dos momentos de humor, a abordagem solene tem soluções duvidosas para mostrar espíritos e um letreiro final infame, sobre o penta na Copa de 2002. S.R.

Zona Verde

★★★ **Green Zone**, *EUA/Inglaterra/França/Espanha, 2010.* **De** Paul Greengrass. **Com** Matt Damon, Greg Kinnear, Brendan Gleeson, Amy Ryan, Jason Isaacs. 115 min. www.greenzonemovie.com . Universal. **Ação**

O cineasta Paul Greengrass realiza mais um exercício de ação e tensão repetindo tanto a parceria com Matt Damon (a quem dirigiu em *A Supremacia Bourne* e *O Ultimato Bourne*) quanto a câmera nervosa tipo "cinema verdade" já explorada também em *Vôo United 93*. Derivação natural deste thriller de conotação política, Greengrass volta seu olhos agora à posterior guerra do Iraque com foco em sua falsa justificativa, a de Iraque ter armas de destruição em massa escondidas. Esse pressuposto hipócrita do governo Bush para iniciar mais uma guerra por petróleo serve para desenvolver um thriller de guerra muito bem montado e de tensão acentuada, levando o espectador a vários momentos de desconforto. Damon interpreta Miller, militar que percebe que algo não está certo em solo iraquiano e, norte-americano íntegro, tenta fazer a diferença e investigar. A ingenuidade de um indivíduo contra a máquina corrupta do Estado promove mais uma saga heróica e crítica sobre a recente história americana. O filme funciona como entretenimento de suspense, mas Greengrass precisa inovar, arriscar mais, tentar novos terrenos – ele repete, mesmo que com grande parafernália, tudo o que já havia feito nos filmes citados. Além disso, a trilha sonora incessante e triunfante de John Powell e a mão pesada do diretor para drama levam o filme à manipulação mais banal. Ch.P.

UNIVERSAL

Com amigos assim, não há defunto que passe em paz sua noite de velório

BUENA VISTA/DOWNTOWN

Quincas Berro d'Água

★★★ *Brasil, 2010.* **De** Sergio Machado. **Com** Paulo José, Marieta Severo, Mariana Ximenez, Vladimir Brichta, Irandhir Santos, Luis Miranda, Flavio Bauraqui, Walderez de Barros. 102 min. www.quincasberrodagua.com.br . Buena Vista/Downtown. **Comédia**

O diretor Sergio Machado (*Cidade Baixa*), ainda em cartaz nos cinemas brasileiros com o docudrama poético *Viajo porque Preciso, Volto porque Te Amo*, co-realizado com Karim Aïnouz, recorre a um dos romances mais conhecidos de Jorge Amado. O cineasta teve a confessa intenção de fazer cinema comercial, um filme de comunicação popular. E consegue fazer uma boa comédia de malandros baianos, com o falecido Quincas sendo interpretado por Paulo José, que já assumiu o posto de mito vivo do cinema brasileiro. As muitas confusões que acontecem durante a noite do velório de Quincas e que o levam a uma segunda morte – como o protagonista mesmo narra em off – arrancam algumas boas risadas e oferecem especial oportunidade para o ator Irandhir Santos roubar o show. Como um dos amigos vagabundos de Quincas, o ator pernambucano, que atua em *Viajo porque Preciso...* e estreará em seguida em *Olhos Azuis*, de José Joffily, acerta o tom cômico em todas as cenas. O elenco global inclui ainda nomes como Marieta Severo, Mariana Ximenes e Vladimir Brichta, mas nenhum deles tem o texto saboroso dos amigos de Quincas. Com boa produção e efeitos especiais convincentes, o filme não revoluciona, mas diz a que veio. E junto com *Capitães de Areia*, da neta Camila Amado, que estreia em breve, a obra de Amado volta às telas depois de longa ausência. Ch.P.

O caro Watson (Jude Law) quer mesmo verificar se é elementar o que registra a bússola de Sherlock (Robert Downey Jr.)

WARNER

Sherlock Holmes

Robert Downey Jr. e Guy Ritchie revitalizam o detetive inglês com bom humor

EUA/Alemanha, 2009. **De** Guy Ritchie. **Com** Robert Downey Jr., Jude Law, Rachel McAdams, Mark Strong, Eddie Marsan. 128 min. DVD/Blu ray Warner. **Aventura**

Se uma formula dá certo, não tem por que mudá-la, certo? Robert Downey Jr. entendeu bem a lição e, no papel-título desta nova encarnação de Sherlock Holmes, manteve o mesmo tom "arrogante e charmoso" de Tony Stark em *Homem de Ferro*. Mas funciona! Nas mãos de Guy Ritchie, que precisava de um filmão-pipoca assim para sair de vez da sombra de ser "o ex de Madonna", Holmes se tornou uma aventura acelerada e muitíssimo bem humorada, embora suas duas horas de duração pareçam um teaser do verdadeiro filme que está por vir – explico já. Holmes começa com o detetive e seu parceiro, Watson (Jude Law, se brincar o melhor em cena), prendendo um lorde britânico, Blackwood (Mark Strong), acusado de praticar magia negra. Toda a sequência serve de aperitivo, já que parece o clímax de um filme que realmente gostaríamos de ver, mas é na verdade as engrenagens do plano de Blackwood sendo colocadas em movimento. O que ele busca, na verdade, é desestabilizar o governo britânico usando o medo – principalmente depois de aparentemente levantar dos mortos – para surgir como líder de um país "purificado". É aí que *Sherlock Holmes* engasga: o grande inimigo do personagem criado por Arthur Conan Doyle, o professor Moriarty, surge como uma figura nas sombras, como o verdadeiro manipulador por trás dos acontecimentos. Desta forma, Holmes se torna um prequel do "verdadeiro" filme do detetivo – a grosso modo, é como colocar *Batman Begins* e *O Cavaleiro das Trevas* lado a lado. Ainda bem que, neste caso, é um prequel feito com esmero. A produção é belíssima, Ritchie teve os melhores técnicos que um orçamento gordo de um filme-evento pode pagar, e isso aparece nos cenários detalhistas, na recriação de uma Londres vitoriana caprichadíssima – cada centavo está em cena. O diretor de *Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes* e *Snatch* revela sua mão principalmente nas bem boladas cenas de luta, em que o detetive usa sua mente analítica para coreografar o combate inteiro em sua mente antes mesmo de dar o primeiro soco – cinema, acima de tudo, depende da habilidade do cineasta em criar imagens que ficam gravadas em nossa mente. Sem falar que Downey e Law conseguiram a química perfeita, e sua interação garante os momentos mais bem humorados do longa. Os puristas podem reclamar da mutilação da figura "clássica" de Holmes, mas é fato que, para os tempos modernos, voltar ao passado de carona com este *Sherlock Holmes* é uma viagem em que vale a pena embarcar. ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★★

Extras: N.A

CALIFÓRNIA

Chéri

Inglaterra/França/Alemanha, 2009. **De** Stephen Frears. **Com** Michelle Pfeiffer, Rupert Friend, Kathy Bates. 92 min. DVD. Califórnia. **Drama**

No século 20, a francesa Colette (1873-1954) foi uma campeã mundial de best-sellers. Esta é a mais recente versão do livro homônimo então escandaloso, lançado em 1920, quando era ousado imaginar relações amorosas entre um jovem e uma mulher madura, como as que rolam entre o garotão Chéri (Rupert Friend) e a cinquentona Lea (Michelle Pfeiffer), uma ex-cortesã. Ela o conhece desde a infância, pois é filho de uma antiga colega da profissão, Madame Peloux (Kathy Bates). Mas Madame Peloux deseja um futuro mais nobre para o superficial e preguiçoso Chéri. O enredo possibilita uma encenação primorosa e sensual, porque o diretor Stephen Frears (*A Rainha*) não se deslumbrou com a belle époque e se concentrou nos sentimentos contraditórios dos personagens. Em especial nos de Léa, bem servida pelo desempenho de Michelle: a belíssima atriz ressalta a perturbação provocada pela diferença de idade e confirma-se como uma das melhores de Hollywood. Ela colabora de forma essencial para *Chéri* resultar em filme delicado e passional. ALFREDO STERNHEIM

Filme: ★★★★

Extras: N.A

Chove Sobre Nosso Amor

Det Regnat Par Var Kärlek, *Suécia, 1946.* **De** Ingmar Bergman. **Com** Barbro Kollberg, Birger Malmsten, Gösta Cederlund. 95 min. DVD. Versátil. **Drama**

O segundo longa de Ingmar Bergman é voltado para o social. Ele faz severa crítica ao poder público em sua insensibilidade burocrática. O começo é singular para a época: um homem (Gösta Cederlund) fala para o público e dá início à trama sobre um jovem

VERSÁTIL

casal. Ele (Birger Malmsten, notável ao mesclar candura e altivez) é um ex-presidiário. Ela (Barbro Kollberg) é uma jovem solteira e grávida. A união amorosa enfrenta obstáculos para a inclusão em uma vida burguesa. É nessas dificuldades, personificadas por vezes por funcionários do governo em atuações teatrais, que o filme envelheceu, ressoa ingênuo. Mas, no geral, o drama é exposto com emocionante humanismo e em tom de fábula.. A.S.

Filme: ★★★★

Extras: ★

Europa 51

Itália, 1952. **De** Roberto Rossellini. **Com** Ingrid Bergman, Alexander Knox, Giulietta MasinaSandro Franchina. 113 min. DVD. Versátil. **Drama**

Roberto Rossellini era esperto. No auge do escândalo provocado por seu romance com Ingrid Bergman durante as filmagens de *Stromboli* (ela ficou grávida e ainda estava casada), concebeu um filme com um pé em suas idéias esquerdistas e uma trama para limpar a barra da grande atriz sueca banida do cinema americano em nome dos bons costumes. Aqui, Ingrid é a superficial Irene. Ela e o marido (Alexander Knox) têm vida mundana e dão pouca atenção ao único filho (Sandro Franchina), com 12 anos. O garoto morre numa tentativa de suicídio. Irene inicia fase altruísta com os mais pobres. Aqui, o cineasta de *Roma Cidade Aberta* esquematiza a classe alta: são todos alienados e incapazes de compreender Irene em sua catarse. A mensagem socialista ressoa esquálida. Em preto e branco, o filme vale pela atriz. Mesmo dublada em italiano, ela dá legitimidade à transformação de Irene a um comportamento generoso. Suas últimas imagens são tocantes. A.S.

Filme: ★★★

Extras: ★

IMAGEM

Guerra Ao Terror

A guerra vista pelos olhos dos soldados

The Hurt Locker, *EUA, 2008.* **De** Kathryn Bigelow. **Com** Jeremy Renner, Anthony Mackie, Brian Geraghty, Christian Camargo. 131 min. DVD/Blu-Ray. Imagem. **Guerra**

Toda guerra merece ter pelo menos um filme que a critique. Para se encaixar nessa vaga criada pelo conflito no Iraque, *Guerra ao Terror* conta com uma direção de estilo documental – múltiplas câmeras foram usadas para atingir o realismo desejado. A história gira em torno de um grupo de combatentes que recentemente teve uma baixa. Eles têm de lidar com as excentricidades do Sargento William James, convocado para assumir o posto do desarmador de bombas falecido. Todo o filme é amarrado por situações de patrulha ou de localização e desativação de dispositivos explosivos dos mais variados tipos. Essa estrutura aparentemente repetitiva é apenas uma moldura para mostrar como um combate bélico afeta a integridade dos envolvidos, principalmente pelo viés psicológico. A tensão é obtida com a expectativa de que uma explosão pode acontecer a qualquer momento, levando em conta que qualquer pessoa que esteja por perto da ação pode ser um inimigo em potencial. EDU FERNANDES

Filme: ★★★ **Extras:** N.A

1951 Um ano de clássicos

Além do ano, *Um Lugar ao Sol* e *Uma Aventura na África* têm em comum dois diretores geniais e um elenco fabuloso POR ALFREDO STERNHEIM

Completamente diferentes, *Um Lugar ao Sol* e *Uma Aventura na África* são extraordinários e, por isso, foram reverenciados em mais de cinco décadas e acabaram incluídos na lista dos cem melhores filmes de todos tempos apresentada pelo AFI (American Film Institute). O primeiro é um drama intimista, apesar de adaptado de um famoso livro de conteúdo social, *Uma Tragédia Americana*, de Theodore Dreiser, que já havia possibilitado uma realização notável em 1931, dirigida por Josef Von Sternberg. Na versão de George Stevens, as diferenças entre ricos e pobres não são perdidas de vista. Afinal, são elas que impulsionam George Eastman (Montgomery Clift) a procurar seu tio milionário em busca de um emprego melhor. E é nesse caminho que surge a intensa paixão pela também rica e mimada Ângela (Elizabeth Taylor, aos 18 anos, já esplendorosa), não obstante George se relacionar com a operária Alice (Shelley Winters). Em certos momentos, a atração dele pela moça pode aparentar uma busca de ascensão. Talvez chegue a ser. Mas big closes de Elizabeth e Clift, carregados de sensualidade (originais na época), transmitem a força do desejo. Mas a atitude desatinada de George diante de um grave empecilho na sua busca por um lugar ao sol leva o filme para a fatalidade. Em preto e branco, a obra prima de George Stevens venceu em quatro categorias do Oscar (inclusive melhor direção) e ainda comove com sua legítima densidade romântica. Além disso, prova que o estrelismo de Elizabeth Taylor e sua incrível beleza acabaram ofuscando a percepção de seu incrível talento, aqui em total plenitude.

Montgomery Clift busca um lugar ao sol nos ombros de Elizabeth Taylor

FOTOS DIVULGAÇÃO

Katharine Hepburn e Humphrey Bogart vivem às turras na África

Já *Uma Aventura na África* é mais leve. E mais ousado para os padrões então vigentes no cinema americano de 1951. Primeiro, por ter sido rodado em boa parte em locações. Segundo, por concentrar quase toda sua ação (e bota ação nisso) em cima de uma dupla antagônica, a puritana e religiosa Rose Sayer (Katharine Hepburn, soberba) e o alcoólatra Charlie Alinut (Humphrey Bogart, em desempenho premiado com o Oscar). Seja pela notável química entre os dois intérpretes, pelas soluções do roteiro e pela habilidade de John Huston em tirar proveito das condições nada agradáveis daquelas regiões da África percorridas pelo barco de Alinut em sua arriscada viagem nos dias da Primeira Guerra Mundial, o filme, com suas cores restauradas, resistiu ao tempo, apesar do final ressoar artificial. Pressão dos estúdios, conforme informam os extras.

Estes são extremamente esclarecedores em ambos os lançamentos. Ótimos depoimentos de Elizabeth Taylor e Shelley Winters, entre outros, no primeiro, e de Huston, Katharine e vários biógrafos e integrantes do filme, que apontam a verdadeira aventura que foi fazer *Uma Aventura na África*.

Um Lugar Ao Sol: Filme ★★★★★ Extras: ★★★★★

Uma Aventura na África: Filme ★★★★★ Extras: ★★★★★

Anjo Ou Demônio

Fallen Angel, *EUA, 1945*. **De** Otto Preminger. **Com** Dana Andrews, Alice Faye, Linda Darnell, Charles Bickford. 98 min. DVD. CultClassic. **Policial**

Otto Preminger (1906-1986), que ocupou em Hollywood um lugar à parte, isolado e contraditório por conta dos filmes que fazia, assinou este filme noir logo depois de sua obra prima, *Laura*. Mas o resultado é inferior. Mesmo assim, o independente cineasta vienense dá singular relevância ao tema da obsessão, freqüente em sua filmografia. Não só a de Eric (Dana Andrews) por Stella (a bela Linda Darnell), uma garçonete promíscua e ambiciosa, mas de outros personagens. Após cinquenta minutos de projeção, a moça é assassinada. Eric é suspeito, mas o investigador Judd (Charles Bickford) culpa outro amante da falecida. Não é difícil prever o epílogo. A única surpresa é ver que Eric, o herói da fraca história, contraria os padrões do cinema americano da época e personifica um malandro pronto a trapacear o próximo. Este é um dos méritos desta modesta produção em preto e branco, que confirma garra e criatividade do grande Preminger. A.S.

Filme: ★★★

Extras: ★

Uma Mãe Em Apuros

Motherhood, *EUA, 2009*. **De** Katherine Dieckman. **Com** Uma Thurman, Anthony Edwards, Minnie Driver. 90 min. DVD. Paris. **Comédia**

Quando se fala em Uma Thurman, a imagem que vem à memória é a da lutadora de *Kill Bill*. Mas a ótima atriz, que recém-completou quarenta anos, não hesita em aparecer sem dissimular o inevitável avanço do tempo em seu belo rosto. É o que acontece nesta comédia romântica sobre a busca atrapalhada de sua personagem, Elza, para equilibrar a atividade de mãe de um casal de crianças com suas ambições de escritora. No meio disso, os problemas conjugais. Leve e muitas vezes maliciosa (na presença de Minnie Driver), a realização faz um bom registro dessa luta diária entre deveres familiares e sonhos profissionais. De quebra, uma ponta de Jodie Foster como ela mesma, passeando no parque com um de seus filhos. A.S.

Filme: ★★★

Extras: N.A

Substitutos

Surrogates, *EUA, 2009*. **De** Jonathan Mostow. **Com** Bruce Willis, Radha Mitchell, Rosamund Pike, Ving Rhames. 89 min. Disney. **Ficção científica**

Mesmo com todas as mudanças em relação à trama da história em quadrinhos original (que é sombria e pessimista), Jonathan Mostow (*O Exterminador do Futuro 3*) criou uma aventura esperta, com Bruce Willis como um policial numa sociedade sem crimes. Neste futuro utópico, os humanos ficam em casa, plugados numa máquina que projeta sua consciência em réplicas robóticas que, além de representar seu eu ideal, são indestrutíveis. Quando uma das máquinas é destruída – o que causa a morte de seu operador –, Willis é destacado a investigar. Perdendo seu "substituto", ele trabalha à moda antiga, único humano em meio a terminators. Apesar do plot apressar uma solução feliz (e radicalmente diferente do original, que vale a pena ser lido), o filme ainda arranha a superfície da discussão do que faz de nós, humanos. R.S.

Filme: ★★★

Extras: N.A

Vício Frenético

Nicolas Cage acerta no papel de um policial corrupto

Nicolas Cage tenta resolver o caso, nem que seja matando velhinhas de susto!

IMAGEM

Bad Lieutenant: Port of Call – *New Orleans, EUA, 2009*. **De** Werner Herzog. **Com** Nicolas Cage, Eva Mendes, Val Kilmer, Fairuza Balk, Alvin Xzibit Joiner, Brad Dourif. 122 min. DVD/Blu ray Imagem. **Policial**

Refilmar um clássico moderno é tarefa das mais árduas. Ainda assim, Werner Herzog não se afastou do desafio e colocou as mangas de fora ao rever *Vício Frenético*, que Abel Ferrara cometeu em 1992. O que o diretor de *Fitzcarraldo* fez foi pegar a base da história e colocá-la em Nova Orleans pós-Katrina. O furacão que arrasou a cidade, por sinal, é instrumental para dar o pontapé à trama, que começa com Nicolas Cage, policial condecorado, machucando as costas ao tirar um prisioneiro de sua cela que aos poucos se enchem com a água da enchente. Meses depois, aprendemos que Terence McDonagh está, aos poucos, desviando dinheiro apreendido pela polícia para comprar drogas e aliviar suas dores – ser viciado em apostas não melhora sua situação. Ainda assim, Cage constrói um personagem tão humano em seu desespero que é impossível não ser simpático a ele. Aos poucos, ele cava um buraco tão grande no desastre que se tornou sua vida que é impossível imaginar uma saída – mas mesmo a tensão é aliviada por toques do diretor, que materializa as alucinações de McDonagh e as insere no contexto de forma tão casual que o humor surge sempre nervoso. É um mundo diferente da Nova York de Ferrara, mas igualmente satisfatório – o que não podia ser diferente nas mãos de um mestre como Herzog. ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★★ **Extras:** N.A

FOX

Os Na'avi se tornaram símbolos de uma nova era de protestos ecológicos

Avatar

Apaixonado pelo Brasil, James Cameron faz da Amazônia (e seus conflitos) sua nova bandeira

EUA/Inglaterra, 2009. **De** James Cameron. **Com** Sam Worthington, Zoe Saldana, Sigourney Weaver, Stephen Lang, Joel David Moore, Giovanni Ribisi, Michelle Rodriguez. 162 min. Fox. **Ficção científica**

Demorou. James Cameron veio ao Brasil participar de um seminário sobre meio ambiente em Manaus e pirou. Uma semana depois, estava de volta, agora acompanhado de Sigourney Weaver, Joel David Moore e do produtor Jon Landau, para lançar o DVD/Blu-Ray de *Avatar* – o Brasil foi o único país, fora os EUA, que a Fox se mobilizou com o diretor para que ele estivesse ao vivo. Pelo teor da conversa com Cameron, que bateu papo com a imprensa e mostrou cenas de *Avatar* em HD, não será nem de longe a última vez que o veremos por aqui. É bem simples. *Avatar* é um filme ecológico, mas não ecochato. As questões levantadas pelo diretor em sua aventura de ficção científica ressoam com a realidade brasileira na Amazônia – numa visão bem rasteira, povos nativos e o ecossistema ameaçados pela mão pesada do "progresso". Há décadas se quer construir uma usina hidrelétrica em Belo Monte, Norte do país. "Bloquear os rios pode causar um aneurisma na natureza", disse o cineasta, que visitou a região, interagiu com os nativos e saiu levantando a voz contra a construção da usina. O governo Lula deu de ombros aos apelos do cineasta, que não teve audiência com Lula, mas o fato é que o leilão para construir Belo Monte, na palavra de muitos técnicos, é economicamente inviável e pode trazer um impacto irreversível no ecossistema da região. O diretor geralmente faz seus filmes para dar voz a suas obsessões. Vimos sua batalha contra a tecnologia nos dois *Exterminador do Futuro* (o diretor prega um naturalismo que conflitua com suas realizações hi-tech). Ele queria ver os destroços do Titanic e bolou um projeto que o levasse até lá. *Avatar* é fruto de sua consciência, como artista e também como cientista (ele é membro do conselho de especialistas da NASA e é formado em Física), de que os problemas que enfrentamos hoje no planeta nos custarão caro no futuro. Ah, o filme. Essa primeira versão de *Avatar* para DVD e Blu-Ray traz o filme e... só. Sem extras, sem nada que comprometesse a qualidade das imagens – em TVs 16:9, o formato do filme é o pensado por Cameron. Em novembro, será lançado um pacote com quatro discos, cenas extras e todo o oba oba que o filme merece. ROBERTO SADOVSKI

Filme: ★★★★★ **Extras:** N.A

Test Drive

O Senhor dos Anéis **Blu-Ray**

Por falar em edições incompletas, *O Senhor dos Anéis* foi lançado em Blu-Ray (por enquanto só na gringa) só nas versões para cinema. As edições especiais, inéditas no Brasil, não chegaram ao novo formato. Ainda. A Warner certamente aproveitará o dia em que *O Hobbit* chegar aos cinemas para colocar as versões grandonas nas lojas. Mas é mesmo difícil não se render: só a abertura de *A Sociedade do Anel* em alta definição já traz lágrimas aos olhos (e uma dor no bolso).

WARNER

PARAMOUNT

Brideshead: Desejo e Poder

Brideshead Revisited, *Inglaterra/Itália, Marrocos, 2008.* **De** Julian Jarrold. **Com** Matthew Goode, Felicity Jones, Ben Wishaw, Emma Thompson. 133 min. DVD. Paramount. **Drama**

Brideshead é o nome da imensa mansão onde mora a aristocrática família dos Flyte, na Inglaterra dos anos 1920. Narrado na primeira pessoa por Charles Ryder (o apático Matthew Goode), relata o seu envolvimento amoroso com dois jovens Flyte. Primeiro, Sebastian (Ben Wishaw), que conhece em Oxford. Embora as diferenças de classe tenham peso naquela época, o ambiente universitário é libertino facilita a aproximação dos dois. Depois, por Cordelia (Felicity Jones), irmã de Sebastian. No meio desse conflito, está a matriarca da família (Emma Thompson), católica fervorosa que não vê com bons olhos o agnóstico e humilde Charles. Adaptado de um livro escrito por Evelyn Vaugh em 1945 e que já serviu de base para uma consagrada minissérie britânica em 1981, o filme tem uma encenação primorosa, mas que se deixou contagiar pela fleuma dos Flyte. As paixões mal conduzidas prendem a atenção, mas carecem de mais empatia no jovem trio central de intérpretes. A.S.

Filme: ★★★

Extras: N.A

A Vida Íntima de uma Mulher

A Woman's Secret, *EUA, 1949.* **De** Nicholas Ray. **Com** Maureen O'Hara, Melvyn Douglas, Gloria Grahame, Victor Jory. 84 min. DVD. CultClassic. **Policial**

Em seu terceiro longa, Nicholas Ray enfoca características típicas de personagens de outras obras desse cineasta americano idolatrado pela crítica francesa nos anos de 1950 e 1960. Aqui temos seres humanos de aparência forte e condutas bizarras, que escondem uma fragilidade emocional intensa. O centro da história adaptada de uma novela da alemã Vicki Baum (de *Grand Hotel*) é a confissão firme da ex-cantora Marian (Maureen O'Hara, sempre determinada). Ela diz à polícia que atirou na protegida e cantora Susan (Gloria Grahame, terceira esposa de Ray, a quem traiu com o filho dele). A vitima é hospitalizada em estado grave, enquanto o amigo Luke (Melvyn Douglas) não acredita em Marian e tenta descobrir o que realmente aconteceu. Não há surpresa na trama, mas o filme, em preto e branco, tem encanto no clima melancólico, as vezes prejudicado por interferências de intenções cômicas. A.S.

Filme: ★★★

Extras: ★

Assalto Ao Carro Blindado

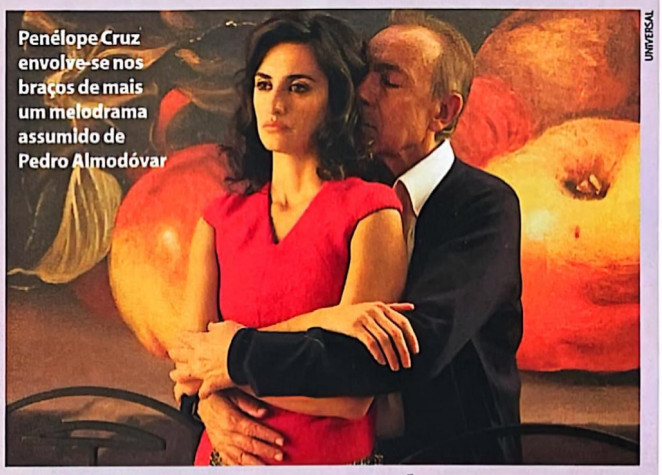
Armored, *EUA, 2009.* **De** Nimród Antal. **Com** Matt Dillon, Jean Reno, Laurence Fishburne, Milo Ventimiglia, Fred Ward, Skeet Ulrich. 88 min. DVD/Blu Ray. Sony. **Ação**

É louvável quando um diretor abre mão do digital para contar uma história à moda antiga. Nimród Antal segue a linha nesse petardo no estilo roubo-que-dá-bem-errado. O argumento é baba: recruta de uma empresa de segurança é coagido pelos colegas a roubar um caminhão com mais de 40 milhões de dólares – coisas dão certo, depois dão errado, e toda a equipe vai da glória ao caos em dois tempos. Pena que, apesar do esforço louvável do elenco, o roteiro nunca alcança sua premissa nostálgica, com zero caracterização de personagens e bom senso narrativo dando lugar a sustos baratos. R.S.

SONY

Filme: ★★★

Extras: N.A


UNIVERSAL

Penélope Cruz envolve-se nos braços de mais um melodrama assumido de Pedro Almodóvar

Abraços partidos

Los Abrazos Rotos, *Espanha, 2009.* **De** Pedro Almodóvar. **Com** Lluís Homar, Penélope Cruz, Blanca Portillo, José Luis Gomes. 127 mim. DVD. Universal. **Suspense**.

Pedro Almodóvar fez mais de vinte longas em cerca de trinta anos que personificam de maneira absoluta uma Espanha livre e calorosa surgida logo após o fim dos quase quarenta anos da ditadura repressiva e cruel de Francisco Franco. A maioria dos filmes é extraordinária. Já este, embora não cause tanto impacto quanto os anteriores, ainda oferece com vigor algumas características de sua obra. Como a referência ao cinema e a predileção pela duplicidade nos personagens. O protagonista Mateo Blacon é também o cineasta Harry Caine (Lluís Homar). Cego, escreve roteiros e, ao receber uma encomenda, tem oportunidade de levar ao espectador as razões que causaram sua perda de visão. Presente e passado se mesclam, assim como o cinema dentro do cinema, num clima de filme noir onde Penélope Cruz é a mulher fatal. Com grandes achados (como aquela cena da leitura labial), o diretor prende a atenção do começo ao fim. Só peca ao opor uma previsível paternidade de Mateo a um jovem personagem, solução essa freqüente nas telenovelas latino-americanas. ALFREDO STERNHEIM

Filme: ★★★★ **Extras:** N.A

PARIS

Lua Nova

The Twilight Saga: New Moon, *EUA, 2009*. **De** Chris Weitz. **Com** Robert Pattinson, Kristen Stewart, Taylor Lautner, Billy Burke. 130 min. Paris. **Aventura**

A segunda parte da saga *Crepúsculo* deve entrar para a história como o filme de maior bilheteria em que os personagens ficam mais de duas horas sem fazer nada. Em que nada acontece. A aventura é bem isso, um balão de gás de festa infantil, que serve para enfeite mas não resiste a uma agulhada. É incrível perceber como tantas adolescentes saem do sério por uma trama tão boba e mal amarrada. Neste filme, o vampiro Edward (Pattinson) se afasta de sua amada, Bella (Kristen) quando acha que ela corre perigo em sua família de vampiros (mas ele não pensa que, com ele longe, os outros vampiros em busca de vingança podem matá-la com facilidade? Sei...). Isso abre espaço para as investidas de Jacob (Lautner), que também é um monstro, quando se revela um lobisomem. E é isso. Resta esperar por *Amanhecer*, uma das histórias mais bizarras do planeta, com bebês telepatas, cesarianas com os dentes e um banho de sangue infinito. Quero ver a cara das fãs... R.S.

Filme: ★★

Extras: N.A

WARNER

Diga, meu pequeno rei, do que vamos brincar agora?

Onde Vivem os Monstros

Spike Jonze cria um mundo de sonhos em que uma criança é rei

Where the Wild Things Are, *EUA, 2009*. **De** Spike Jonze. **Com** Max Records, Catherine Keener, Mark Ruffalo e as vozes de James Gandolfini, Catherine O'Hara, Paul Dano, Forest Whitaker. 101 min. Warner. **Fantasia**

Spike Jonze levou anos para concretizar sua versão do livro infantil de Maurice Sendak. Pudera: a história de Max, que se refugia num mundo imaginário tomado por monstros, é contada em algumas (belíssimas) ilustrações e poucas frases. Para construir o roteiro, Jonze precisou não só achar o tom certo, mas também escolher as melhores ferramentas. Assim, o filme repete o clima de fábula das palavras de Sendak, mas ganha personalidade e um coração – seu nome é Max Records. Jonze acertou ao escalar Max para viver Max. O brilho em seus olhos quando o mundo real se torna pesado demais, e ele parte em sua jornada pelo mar até a ilha habitada por criaturas gigantescas onde se tornará rei, é cativante em sua inocência e no senso de descoberta. Se a história é uma metáfora de como a fantasia nos ajuda a enfrentar as agruras da realidade, sua realização se torna reflexo da sensibilidade de Jonze, que se despe da ironia de *Quero Ser John Malkovich* e *Adaptação* e abraça o lúdico. R.S.

Filme: ★★★★ **Extras:** N.A

A Todo Volume

It Might Get Loud, *EUA, 2008*. **De** Davis Guggenheim. **Com** Jimmy Page, The Edge, Jack White. 98 min. Sony. **Documentário**

SONY

Fato: filmes com/sobre música só derrapam quando os realizadores são capengas. Fato 2: ouvir músicos de primeira trocando ideias sobre seu ofício pode soar chato, mas quando o trio é este de *A Todo Volume*, o melhor é ligar o home theater bem alto e aproveitar. Aqui, Jimmy Page (Led Zeppelin), The Edge (U2) e Jack White (The White Stripes) contam um pouco de sua história e de como a guitarra passou a fazer parte de suas vidas. Explora-se a paixão de cada músico individualmente para depois unir os três, quando tocam guitarra, exploram suas diferenças e sentem a música. A fotografia primorosa de Guillermo Navarro e Erich Roland contribui para a atmosfera onírica dos relatos, montados com senso narrativo afiado, mas não linear. Música não existe para ser explicada, e sim, experimentada. R.S.

Filme: ★★★★

Extras: N.A

O Fantástico Sr. Raposo

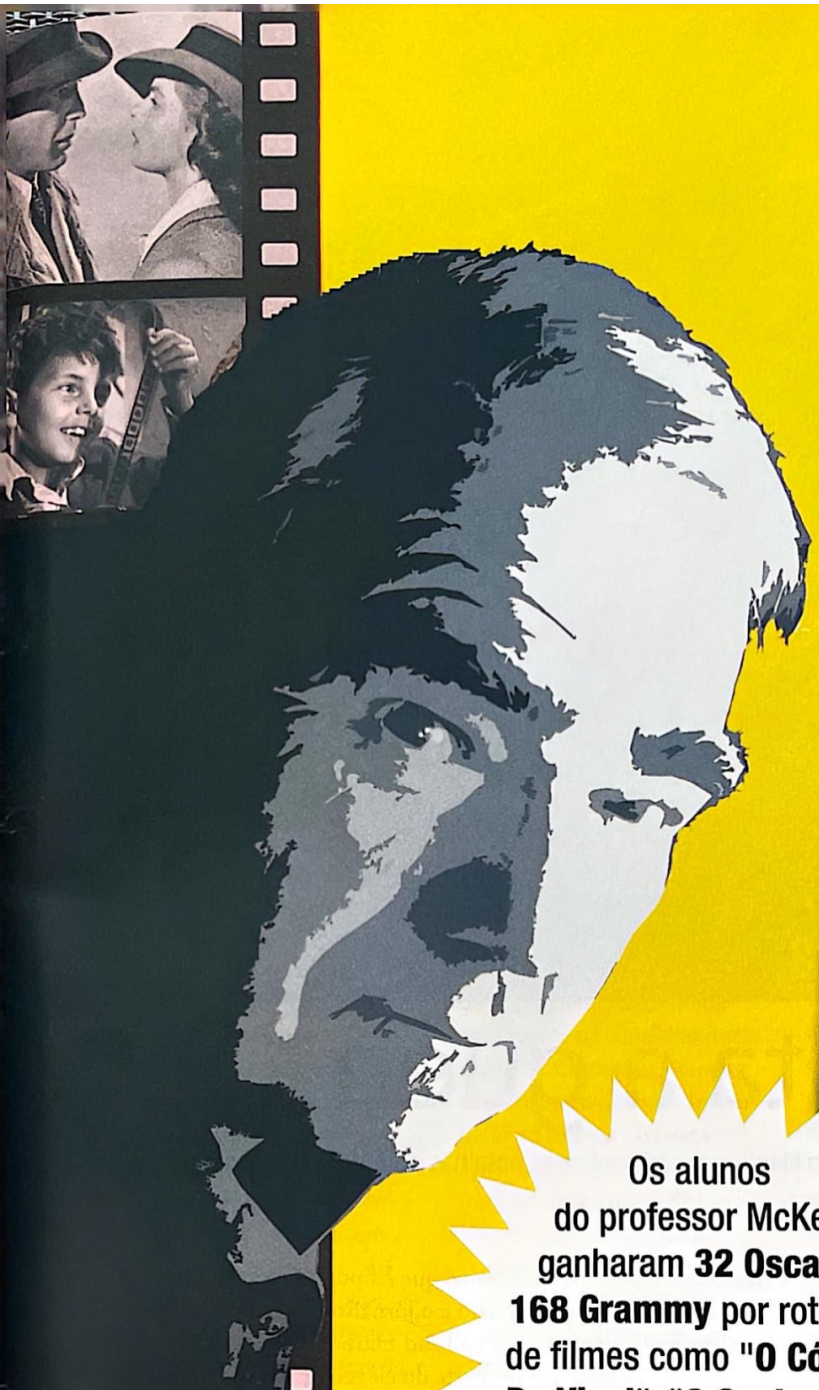
Fantastic Mr. Fox, *EUA/Inglaterra, 2009*. **De** Wes Anderson. **Com** as vozes originais de George Clooney, Meryl Streep, Bill Murray, Jason Schwartzman. 87 min. Fox. **Aventura**

SET inicia campanha para Wes Anderson deixar de fazer filmes live action e se concentrar em produções em stop-motion. Este é, de longe, o melhor filme do diretor de obras não menos impactantes como *Três É Demais* e *Os Excêntricos Tenenbaums*. É difícil apontar o exato momento em que *Raposo* transcende ser só mais um filme, mas é fato que a combinação de um elenco vocal excepcional com um visual único e original fazem da aventura algo especial. George Clooney é o Sr. Raposo, que mesmo após prometer à Sra. Raposo (Meryl Streep) que deixaria de roubar galinhas ao constituir sua família, planeja um último golpe, extremamente ousado. Além da festa para os olhos, o filme tem momentos especiais de apertar o coração (o "diálogo" de Raposo e um lobo à distância é particularmente genial). Um triunfo. R.S.

Filme: ★★★★★

Extras: N.A

FOX



Vagas Limitadas!

O maior professor de ROTEIRO CINEMATOGRÁFICO de Hollywood

ROBERT McKEE STORY BRASIL

Os alunos do professor McKee ganharam **32 Oscar** e **168 Grammy** por roteiros de filmes como "**O Código Da Vinci**", "**O Senhor dos Anéis**", "**Forrest Gump**", "**Gandhi**" etc.

15 >18 maio

9:30h > 19h

TEATRO DAS ARTES

Shopping Eldorado
Av. Rebouças 3.970 - Pinheiros
Tel: 3034-0075

INSCRIÇÕES ABERTAS: www.mckeestorybrasil.com

SOMENTE ESTUDANTES:
VENDA COM DESCONTO A PARTIR DE 15 DE MARÇO NAS PRINCIPAIS FACULDADES DE CINEMA DE SÃO PAULO. CONSULTE A LISTA COMPLETA DE DATAS E LOCAIS NO SITE.

L Livre para todos os públicos

APOIO

ASSOCIAÇÃO CULTURAL KINOFORUM
www.kinoforum.com.br

CO-REALIZAÇÃO

MAGALLANICA
TELEVISION CINE PRODUCCIONES ENTRETENIMIENTO
www.magallanica.com

dell'arte
Soluções Culturais
www.dellarte.com.br

FOTOS DIVULGAÇÃO

As cenas de batalha, de intenso realismo, pouco tem de pacíficas

Spielberg volta à guerra

The Pacific une novamente o famoso cineasta e o ator Tom Hanks em série sobre as batalhas entre americanos e japoneses.

POR ALFREDO STERNHEIM

Em 1998, Steven Spielberg realizou *O Resgate do Soldado Ryan*, onde relatava episódios marcantes da presença militar norte-americana na Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Tom Hanks foi o ator principal. Em 2001, os dois produziram a série *Band of Brothers*, voltada aos esforços das tropas aliadas naquele conflito desencadeado pelos nazistas. Além do sucesso comercial, a realização ganhou o Globo de Ouro e vários prêmios Emmy. Agora, o cineasta de *A Lista de Schindler* e o ator de *Filadélfia* unem-se novamente na produção de outra série abordando a guerra nos anos de 1940. Mas, como sugere o título *The Pacific*, atualmente em exibição na HBO, em vez do enfrentamento contra os alemães no Velho Mundo, as lutas ocorrem visando destruir o império japonês, logo depois do inesperado e brutal ataque nipônico contra a localidade litorânea de Pearl Harbor, nos Estados Unidos, em 1941.

Sem deixar de lado cenas com centenas de figurantes e a recriação de diversas batalhas (daí o orçamento de 200 milhões de dólares), *The Pacific* concentra-se de forma intimista em vários personagens, com ênfase em três fuzileiros navais, categoria considerada essencial para a vitória norte-americana contra o império do Sol. Um é Eugene Sledge, interpretado por Joseph Mazello que, em 1993, ainda criança, atuou sob as ordens de Spielberg em *Jurassic Park*. O outro é o sargento John Basilone, a cargo de John Seda, que há pouco apareceu como Donny em *House*. E o terceiro é o jornalista Robert Leckie, que se alista logo após o ataque de Pearl Harbor. Ele é vivido por James Badge Dale, que fez parte do elenco de *Os Infiltrados*, de Martin Scorsese, premiado com o National Board of Review de 2006. Rodado com efeitos digitais em cidades e estúdios da Austrália, *The Pacific* começa com "Guadalcanal/Leckie", dirigido pelo também ator Timothy Van Patten, que acumula o cargo de supervisor de produção.

Nessa parte, o governo dos Estados Unidos começa a ter maior percepção das dificuldades que iriam surgir. Mas outros cineastas respondem por alguns dos dez episódios com 55 minutos cada um. Caso do ator afro-americano Carl Franklin, que fez o primeiro episódio do épico *Roma* e realizou longas bem sucedidos para o cinema como *O Diabo Veste Azul*, com Denzel Washington em 1995, *Um Amor Verdadeiro*, com Meryl Streep em 1998, e o movimentado *Crimes em Primeiro Grau*, com Ashley Judd e Morgan Freeman em 2002. Há também o canadense Jemery Podeswa, cultuado e premiado na Europa com o filme *Os Cinco Sentidos*, e David Nutter, responsável por alguns episódios de *The Mentalist*.

Com o seu realismo e seus fartos recursos cênicos, *The Pacific* cumpre a promessa de repetir ou superar o êxito de *Band of Brothers*.

Com uma alienígena assim, quem não gostaria de ser abduzido?

Uma brasileira de outro mundo

Morena Baccarin é o rosto da refilmagem de *V*

No início de *V*, imensas naves espaciais surgem em várias cidades da Terra, inclusive no Rio de Janeiro. Aparentemente, os visitantes têm boas intenções. São educados e bonitos – principalmente sua porta-voz, Anna. A personagem é interpretada por uma brasileira, Morena Baccarin. Nascida no Rio de Janeiro em 2 de janeiro de 1979, ela tem sangue artístico. Seu tio, Ivan Setta, falecido em 2001, atuou no teatro, na TV e em filmes como *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia*. A sua mãe, Vera Setta, é também atriz, tendo participado de filmes como *Se Segura Malandro*. Depois de longa atividade no Brasil, mudou-se para Nova York, onde Morena foi criada. Lá, Vera assistiu em 2001 a *O Monólogo da Vagina* e comprou os direitos. A peça está em cartaz no país há cerca de oito anos, quase sempre com Vera. Há pouco, ela se apresentou ao lado de Elisangela, Betina Viany (filha do crítico Alex Viany) e Maximiliana Reys.

Foi em solo americano que Morena começou sua carreira. Primeiro no longa *Perfume*, em 2001. Daí em diante não parou mais, aparecendo com frequência em produções para a TV, como *Stargate SG-1*, *Numb3rs*, *Dirt* e na cultuada *Firefly*, de Joss Whedon (criador de *Buffy – A Caça-Vampiros*). Apesar de ficar no ar por uma única temporada, *Firefly*, série de ficção científica centrada nas viagens de contrabandistas espaciais, despertou interesse do público do gênero e foi parar no cinema – o longa *Serenity* (2005) teve Morena reprisando seu papel de Inara, uma escort girl alienígena.

O apoteótico *V*, cuja primeira temporada tem treze episódios, é um remake de uma série famosa de 1983. Sua presença como Anna é importante e desencadeia a desconfiada atuação de um grupo liderado pela agente Erica (Elizabeth Mitchell, a Julie de Lost), do FBI, que vê os alienígenas como ameaça. Outros personagens, como um jornalista (Scott Wolf) e um padre (Joel Gretsch), interagem de forma significativa. Mas ainda estamos esperando que o novo *V* tome as manchetes como a série original, quando a líder dos visitantes (daí o V do título) revela sua verdadeira natureza invasora ao devorar um pequeno animal, cru, em uma mordida só...

Liv prioriza a mulher

Com o novo canal, a Discovery visa ampliar o seu público feminino

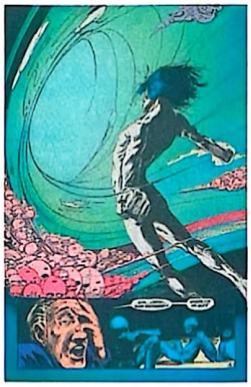
Sai o People & Arts e entra o Liv. Mais que uma simples substituição, o novo canal tem outro enfoque. "A Discovery se coloca mais uma vez na vanguarda da indústria de TV por assinatura ao disponibilizar um veículo de entretenimento para o público com maior crescimento nos hábitos de consumo da atualidade: as mulheres", disse Enrique R. Martínez, vice-presidente executivo e diretor geral da Discovery Networks Latin American/US Hispanic. "Mas não se trata de um canal feminista", frisa Claudia Chagüi, vice-presidente e diretora dos canais de estilo de vida e entretenimento da Discovery. "Nos preocupamos em oferecer uma programação também atraente para os homens, os jovens, enfim, que possibilite com periodicidade a união da família." Para tanto, foi feito um investimento em pesquisa sem precedentes no mercado. Desde 12 de abril, às 22h, o Liv oferece um leque de minisséries. Nesse dia, estreou *Life Unexpected*, drama com toques de humor centrado na garota Lux, de 16 anos, abandonada quando criança. Na busca pela emancipação legal, faz com que seus verdadeiros pais tomem conhecimento de sua existência e tenham suas vidas alteradas. A loira e algo provocante Brittany Roberts é Lux, enquanto Shiri Appleby e Kristopher Polaha vivem a locutora Cate e Nate, os pais da jovem. A série *Mercy* é mais um programa ambientado em hospital. O título refere-se ao local para onde vai trabalhar a enfermeira Verônica, depois de prestar serviços no Iraque. Taylor Schilling faz essa personagem. Já *Parenthood* é a extensão de um belo filme feito por Ron Howard em 1989 – que no Brasil foi chamado *O Tiro Que Não Saiu Pela Culatra*. Ele é o produtor executivo desse drama familiar, que envolve um patriarca algo teimoso (o veterano Craig T. Nelson) e quatro irmãos adultos. O mais velho, Adam (Peter Krause, de *A Sete Palmos*) é o mais requisitado para administrar conflitos como filhos problemáticos, drogas e carências de mãe separada. Na exibição de longas, o canal Liv promete dar vez para o cinema brasileiro. Entre os filmes anunciados estão *Bicho de Sete Cabeças* e *Copacabana*.

Brittany Roberts *(à direita)* é a estrela de *Life Unexpected*

POR ROBERTO SADOVSKI

Bons sonhos

Sandman, de Neil Gaiman, volta às bancas e livrarias em edição caprichada



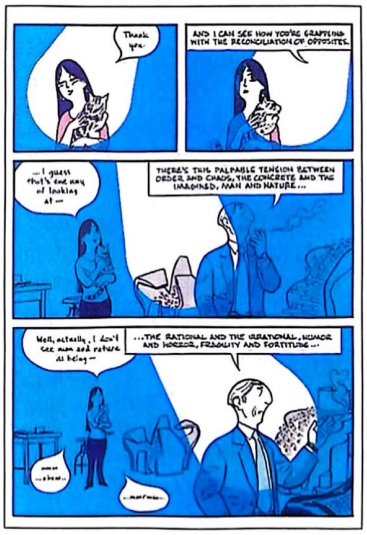
Uma das séries mais importantes da história ganha tratamento de primeira em seu retorno a bancas e livrarias. *Sandman Edição Definitiva Vol. 1* traz a obra máxima de Neil Gaiman (*Coraline*) encadernada – serão quatro volumes –, recolorida, como você vê na comparação ao lado, e recheada de extras que esmiuçam como Gaiman mergulhou em uma parte obscura da história da DC Comics e de lá emergiu com uma mistura de aventura e mitologia, fábulas e genialidade.

Esta primeira parte, uma versão adaptada para a realidade brasileira dos tomos Absolute americanos, traz todos os elementos que fizeram do Sandman um dos personagens-símbolo do selo Vertigo, que abriga os títulos para leitores maduros da editora. Ainda não está convencido? Então passe os olhos no primeiro encontro de Sandman, o Sonho, com sua irmã mais velha, a Morte, depois de décadas de cativeiro. Absolutamente genial.

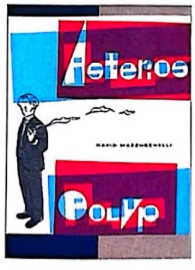
Sandman Edição Definitiva Vol. 1 - Neil Gaiman; Panini Books; 616 pág.

Obra-prima

Artista de *Batman: Ano Um* explora filosofia e renascimento em *Asterios Polyp*



David Mazzucchelli ganhou notoriedade ao contar a origem definitiva do Homem-Morcego em *Batman: Ano Um*, escrita por Frank Miller. Era o final dos anos 1980. Após ilustrar *Cidade de Vidro*, de Paul Auster, Mazzucchelli saiu de cena – da cena das HQs, claro. Trabalhando como designer e ilustrador, ele usou o tempo afastado para aprimorar sua arte e emergiu ano passado com *Asterios Polyp*, primeira obra em quadrinhos do novo século que pode ser chamada de obra-prima sem hesitação. Polyp é um professor de arquitetura premiado por seus designs, mas que nunca construiu um prédio na vida. Após ter seu apartamento destruído pelo fogo causado por um raio, retira-se para uma cidadezinha próxima a Nova York onde reinventa sua vida do zero. A exploração de sua nova existência esbarra em conceitos estéticos e indagações filosóficas, que Mazzucchelli coloca no papel de maneira complexa e visualmente acachapante. Entre os grandes artistas das HQs, era um dos poucos que ainda não tinha uma obra pela qual seria lembrado. Agora não falta mais nada.



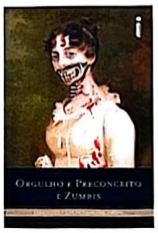
Asterios Polyp - David Mazzucchelli; Random House/Parthenom (importado); 320 pág.

Joquempô

O ilustrador e designer Rogério Vilela (ele também é comediante de stand-up) não poupou esforços para adicionar um exemplar nobre na biblioteca dos quadrinhos brasileiros. *Joquempô* é um projeto ambicioso, uma trama fragmentada contada em vários arcos, que tem neste volume seu ponto de partida. Usando o traço de fácil assimilação de Nelson Cosentino, Vilela conta a jornada de Marcel, desenhista que, após um encontro fortuito, vê-se envolto em uma conspiração que envolve deuses e homens, presente, passado e futuro – tudo amarrado por um enigma que o autor não tem pressa de desfiar.

Rogério Vilela/Nelson Cosentino; Devir; 56 pág.

Orgulho e preconceito e zumbis



Mash-ups são misturas de duas músicas, quando DJs criam algo único. O livro de Seth Grahame-Smith é assim: ele se apropriou de *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, e, sem mutilar (muito) o texto original, que acompanha o romance da arredia Elizabeth Bennet com um lorde, o distante Sr. Darcy, soma a ele mortos-vivos sedentos de sangue. A idéia, bizarra, funciona bem e é deliciosamente divertida. Entre chás da tarde e lições de kung fu para sobreviver à horda de zumbis, o romance virou moda e já deu cria: *Razão e Sensibilidade e Monstros Marinhos* está para ser lançado por aqui, e *Orgulho...* em breve deve parar nos cinemas.

Seth Grahame-Smith/Jane Austen; Intrínseca; 320 pág.

KICK-ASS – QUEBRANDO TUDO

O que aconteceria se alguém decidisse ser um super-herói? É o que tenta responder este filme de ação profano e violento, baseado na graphic novel de Mark Millar e John Romita

FOTOS DIVULGAÇÃO

ESQUADRÃO CLASSE A

Uma das mais festejadas séries de TV dos anos 1980 – e uma das poucas que ainda não havia ganho tratamento cinematográfico – chega aos cinemas nas mãos do diretor de *Narc*

FÁBRICA DE QUADRINHOS

ARTE E TEXTO: RAPHAEL SALIMENA

A EWM É A ESCOLA QUE FAZ SEU PLANO DE VÔO PARA O FUTURO

AQUI VOCÊ ENCONTRA

SERIEDADE, QUALIDADE, EFICIÊNCIA E BONS PREÇOS

EM CURSOS DE

Piloto Privado, Comercial / IFR, Piloto de Linha Aérea, Ground School de Várias Aeronaves, DOV – Despachante Operacional de Vôo, Simuladores de Vôo, Comissários de Vôo, Técnico em Manutenção Aeronáutica com CREA e Oficinas equipadas com vários tipos de motores a pistão e a reação.

Possuímos ATAS vídeo e equipamentos ACES para:
- Análise videoscópica de rachaduras, trincas e obstruções em motores convencionais e a reação, estruturas e partes internas das asas e tanques de combustíveis;
- Análise de vibrações e balanceamentos dinâmicos e estáticos de hélices, rotores e eixos.

Todos os itens acima com laudos

AULAS TEÓRICAS E PRÁTICAS

VOCÊ VAI PILOTAR SIMULADORES DE VÔO CRIANDO SITUAÇÕES REAIS DE OPERAÇÃO E CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS.

VENHA CONHECER A EWM

EWM

Aviation Ground School

Av. Moreira Guimarães, 1350 - Aeroporto
São Paulo - SP - CEP 04074-020.
Tel.: (11) 5533-0007 - Fax (11) 5535-5338

FROTA 100% BRASILEIRA

Só a Azul tem 100% de sua frota de jatos fabricados no Brasil. Não somente por serem brasileiros, mas, acima de tudo, porque são os melhores aviões do mundo.

A Azul é a única empresa aérea do mundo com 100% da frota equipada com Head-up Displays duplos.

Os Embraer 190 e 195 da Azul são os jatos mais ecologicamente corretos em operação no país.

No Brasil, somente a Azul tem 100% de sua frota equipada com Electronic Flight Bags.

Além disso, eles não são lindos pra chuchu?

Tudo novo. Tudo Azul.

www.**voeazul**.com.br

Azul

Linhas Aéreas Brasileiras